

Ana de Los Angeles  
Pelo Espírito Tereza



*Filhos,  
eu estou viva!*



ELEVAÇÃO

2ª Edição

**Ana de Los Angeles**

Pelo Espírito Tereza

*Filhos,*

*eu estou viva!*

Dizem que a maior dor de um ser humano é a perda de um filho.

Mas e o contrário: a mãe que se vai, deixando os filhos? É enternecedor acompanhar Tereza, uma mãe tão igual às nossas, relatando suas experiências de pós-desencarne. *Filhos, eu estou viva!* é emocionante e simples, tal qual uma mãe. Deixe-o tocar seu coração de filho.

Não vou delongar-me nestas palavras iniciais, pois sei que esta obra não me pertence.

Sou apenas um instrumento colocado por Deus à disposição do coração generoso de uma pessoa querida que já se foi aos nossos olhos, mas que, viva, continua amando a vida profundamente.

Este livro, em sua essência, traz uma mensagem de mãe para filhos, a qual tive a felicidade de decodificar, de pôr no papel.

Aqui, você, prezado leitor, verá vários exemplos de que o amor materno, regado pela verdadeira fé, é um ensaio para o exercício do amor divinal, que o Cristo veio ensinar-nos como a fórmula ideal para vivermos a paz.

Somos todos irmãos em humanidade, e as mães, que compreendem Deus em Sua mais pura essência, ou seja, como sinônimo de amor, combustível da vida universal, tornam-se capazes de ser mães de todos os filhos do Criador.

Por isso, a partir de agora, deixo você com a narrativa original de nossa querida e inesquecível Tereza, a verdadeira autora desta obra, que somente leva o meu nome por razões de natureza legal.

*Ana de Los Angeles*

A morte pode amedrontar muita gente. Assustava-me um bocado quando estava viva, mas agora, do lado de cá, o que ainda me surpreende é ver pessoas que não estão preparadas para sua chegada.

Quando desencarnei, eu imaginava que teria sido melhor permanecer alguns anos a mais sobre a Terra, ocupando o meu vaso físico. Queria adiar o máximo possível a data do eterno retorno.

Embora tenha sido uma pessoa resignada e acostumada a mudanças, senti uma ponta de injustiça em ter sido arrebatada da minha família, dos meus costumes e dos pequenos prazeres que usufruía. Simplesmente não sabia como a vida prossegue além da morte. Hoje sei.

Filhos, eu estou viva! Creiam! A vida continua, como afirmou André Luiz, por intermédio do saudoso Chico Xavier, há mais de meio século.

*Tereza*

Ana de Los Angeles  
Pelo Espírito Tereza

*Filhos,  
eu estou viva!*

Um testemunho de que o  
amor é a maior das virtudes

**Sumário**

Dedicatória.....	7
Apresentação .....	7
Prefácio.....	8
Morrer é viver de novo .....	9
A hora chegada.....	11
O último dia.....	13
No outro mundo.....	17
Reencontro conjugal.....	23
Um oásis no deserto.....	27
As almas gêmeas .....	33
A casa de orações .....	39
Enfermos desencarnados.....	43
Uma história inacabada .....	48
Nos braços da mãe .....	53

A boa notícia.....	56
O retorno à Crosta.....	60
A primeira visita.....	63
Perigo no ônibus.....	65
Tristes recordações.....	68
Lembranças das viagens.....	70
Recordações dos sonhos.....	73
O drama da mansão.....	75
O triângulo amoroso.....	77
A dupla vingadora.....	81
Um coração arrepende-se.....	82
O Evangelho no lar.....	86
Emoções em Felicidade.....	91
Exercitando o aprendizado.....	96
A expedição ao Umbral.....	100
Vozes na escuridão.....	102
Feridas escancaradas.....	106
O perdão redentor.....	108
O homem no casulo.....	115
Últimos resgates.....	122
Deus jamais nos abandona.....	126



Tereza e Armando no dia do casamento civil,  
em 1949.

## **Dedicatória**

*A minha querida mãe, amiga eterna. Luz no meu caminho, alívio de minhas dores, esperança dos meus dias, lembrança permanente. Jamais esquecerei o tom grave de sua voz, seu cabelo liso e negro, as mãos calejadas e o sorriso constante.*

*Alma de generosidade espontânea, alegria infantil e ingênua sinceridade. Recordarei sempre, com o coração apertado, a sua humilde postura. A busca pelos últimos lugares, a tentativa de passar despercebida. Como sempre te amei!*

## **Agradecimento**

*A todas as mães, que, com sacrifício e amor extremado, abdicam de suas vidas em função dos filhos. E, agindo dessa forma, nossas mães ensinam e caminham no roteiro do amor divino preconizado pelo Cristo.*

## **Apresentação**

Ana de Los Angeles é admirada por sua personalidade forte e cativante, que transmite credibilidade.

Este livro é de primordial interesse para quem gosta de mergulhar nos mistérios da vida e do pós-túmulo, sendo ainda uma importante contribuição para os que são iniciantes nos estudos sobre o chamado mundo espiritual.

A autenticidade e o elevado valor moral desta obra evidenciam-se no âmbito do próprio texto, que, em linguagem simples, traz novas e emocionantes revelações sobre o dia-a-dia no outro lado da vida e a ação eficaz da soberana justiça.

Depois de ler *Filhos, eu estou viva!*, cremos que você mudará as suas atitudes e a forma de pensar e, ciente de que Deus jamais nos

abandona, entenderá que amar o semelhante é a maior das virtudes humanas.

*Os Editores*

## **Prefácio**

Nas agruras do monte Calvário, o maior dos homens que pisou nesta Terra mantinha o semblante sereno. Já havia pedido ao Pai que perdoasse a todos. Prometera ao ladrão da direita um lugar no paraíso. Agora, estava tudo consumado. Pendeu a cabeça, da qual gotejava sangue. Ele e a cruz a que estava pregado eram o centro do mundo.

Um filete de suor avermelhado desceu da ferida em sua testa, correu por seu corpo e caiu ao chão, onde uma senhora velava sem medo, cheia de dores, mas conservando em seu olhar uma calma inexplicável. Olhava fixamente o rosto adorado. Sabia que era o Filho de Deus, que cumpria dolorosa missão.

Os olhos do Homem abriram-se e, do alto, Ele via a face da mulher: sem lágrimas, firme, desejando trocar de lugar com o filho.

Talvez, se ela tivesse dito alguma coisa, teria sido:

— Filho, sossegue! A mãe está aqui.

*Um Espírito amigo*



## Morrer é viver de novo

São Paulo, 8 de dezembro de 2000.

Meus filhos,

Hoje é o meu aniversário. Faz quatro anos que morri!

A morte pode amedrontar muita gente. Assustava-me um bocado quando estava viva, mas agora, do lado de cá, o que ainda me surpreende é ver pessoas que não estão preparadas para sua chegada.

Quando desencarnei, eu imaginava que teria sido melhor permanecer alguns anos a mais sobre a Terra, ocupando o meu vaso físico. Queria adiar o máximo possível a data do eterno retorno.

Embora eu tenha sido uma pessoa resignada e acostumada a mudanças, senti uma ponta de injustiça em ter sido arrebatada da minha família, dos meus costumes e dos pequenos prazeres que usufruía. Simplesmente não sabia como a vida continua além da morte. Hoje eu sei.

Ouçam, filhos queridos, tudo é mais fácil, mais simples e mais alegre do que se pode imaginar. Se assim não fosse, Deus não permitiria que vocês estivessem lendo estas páginas. Certo é que, para um reencontro positivo neste lado, o da Verdade, é necessária uma dose de harmonia enquanto se enverga o denso corpo da matéria. Enfim, morre-se aí para viver aqui, mas o ideal é ter vida aí para continuar vivendo aqui.

Deus sabe quanto estou feliz e agradecida pela oportunidade de poder comunicar-me! Não é todo mundo que consegue fazer intercâmbio entre os dois mundos. Os bons médiuns escasseiam ou possuem alguma crença na qual não é permitido o exercício

psicográfico, bem como nem toda família comunga o espiritismo de Kardec. Sem contar a dura vida neste nosso Brasil, que passa por provas purificadoras, cujos cidadãos quase não têm tempo para um encontro sério e cheio de responsabilidades, como devem ser as reuniões de qualquer religião.

Por tudo isso, uma alegria enorme invade-me ao ver vocês, filhos do coração, empenhados com a Verdade. É certo: ninguém é perfeito, e vocês erram tanto quanto outros seres humanos de qualquer religião ou crença; porém, somente a fé espírita permite esse contato maravilhoso, através da psicografia, entre os dois planos: o espiritual, onde estou, e o material, onde vocês se encontram temporariamente.

Vou falar do meu jeito simples, como sempre fui, e conto com o amparo do meu irmão Álvaro, o Vavá, que é quem transmite melhor minhas idéias, visto que ele estudou enquanto esteve encarnado e está há mais tempo no plano espiritual, além de possuir maior preparo do que eu na relação entre os dois mundos. A prática da mediunidade exige muito estudo e preparação do lado de cá.

Há muito intercâmbio desequilibrado entre encarnados e desencarnados, cuja sintonia é mais grosseira. Pobres parceiros ignorantes da gravidade do contato espiritual sem a assistência de Jesus...

Tenho aprendido bastante, mas ainda não posso dispensar a ajuda de espíritos mais esclarecidos e elevados, pois obtive autorização para escrever três livros para a Terra e, e isso foi permitido por Deus — tão grande tarefa para uma pessoa simples como eu —, quero pelo menos retribuir com o respeito e a seriedade indispensáveis. Claro, sem perder a alegria desse privilégio.

Conto com o apoio de outros irmãos, além de Vavá e do pai de vocês, Armando. Trabalhamos em equipe, principalmente porque eu preciso de ajuda, pois a emoção desse reencontro com vocês é grande e há necessidade de sustentar o seu ânimo, minha filha, que psicografa.

Eu sei a dificuldade que enfrenta para colocar no papel as minhas palavras. Porém, lembre sempre: formamos uma parceria, cujo dirigente é Jesus. Não esmoreça! O nosso empreendimento está fadado ao sucesso, pois o nosso chefe é real. Hoje sei disso mais do que antes. Ele existe e, por incrível que pareça, é mais acessível do que jamais poderíamos imaginar.

Filhos, eu estou viva! Creiam! A vida continua, como afirmou André Luiz, por intermédio do querido Chico Xavier, há mais de meio século.

*Tereza*



## **A hora chegada**

Em junho de 1996, quando adoeci, pressenti que era diferente das outras vezes. Senti a gravidade do meu estado e, intuitivamente, percebi que não havia escapatória. Meus dias na Terra estavam se findando. Era chegada a hora.

Contudo, evitei a tristeza, recusei-me a sofrer. Entreguei nas mãos de Deus o meu destino, mas ainda alimentava a esperança de me curar. Tirei da cabeça a idéia do fim, pois não me sentia pronta para morrer. Eu amava a vida. Amava a Terra.

Vocês sabem quanto era feliz em minha casa, com minha neta, minha filha e até com Dryka, nossa cachorrinha *poodle*. Era uma fase

plena de felicidade. Quase perfeita. Cheia de conforto material e, principalmente, rodeada de carinho e atenção por parte dos filhos e netos. A última coisa que queria era deixar tudo aquilo que, para mim, significava meu mundo dourado.

Eu estava forte, sempre havia tido muita saúde. Pensava que ia viver até, pelo menos, 80 anos. Porém, quando fui levada ao hospital, percebi que alguma coisa havia mudado em meu corpo. A barriga pesava muito, e senti-me debilitada pela primeira vez em toda a minha vida. Como os médicos não chegavam a um diagnóstico preciso, eu nutria esperanças, mas algo dizia para me preparar.

Uma voz doce ecoava dentro de mim, chamando pelo meu nome e provocando uma saudade imensa. Isso gerava um misto de felicidade e angústia. Hoje eu sei que era o pai de vocês do meu lado, preparando-me para o desenlace.

Ao ser internada pela segunda vez, percebi no rosto de cada um de vocês a mudança. Eu lia no semblante de todos a palavra fatal. Vocês se mantiveram calados e tomaram a difícil decisão de não me revelar a verdade. O câncer no abdômen era implacável. Embora fosse duro aceitar a idéia de morrer, nunca senti medo nem revolta. Eu pensava: "Ora, o que tiver de ser será! Mas Deus podia deixar-me mais alguns anos na Terra...". Iniciou-se, então, um período de sofrimentos. A abençoada doença que ceifou meus dias manifestou-se em dores, e as constantes visitas aos hospitais e médicos pareciam uma tortura sem fim. Tudo enfrentei calada e com resignação. Eu queria acreditar na cura. Cada vez que tomava os incontáveis remédios, minha esperança crescia. Primeiro, o soro, a punção abdominal, o oxigênio, a sonda no nariz e tantos outros procedimentos para ampliar minha estada no mundo. Isso, eu agradeço. Tudo o que deveria ter sido feito para o meu bem-estar, vocês fizeram.

Devo confessar que eu adorava ser tratada com tanto mimo, mesmo quando dizia o contrário. Nunca fui carinhosa porque minha

existência foi dura demais. Mas como amava vocês! Como me sentia privilegiada com tudo o que Deus me havia presenteado!

-Tive uma vida muito difícil, desde a infância pobre, ao lado dos meus pais italianos, e casei-me com um homem doente, muito mais sofrido do que eu. Porém, se a vida foi severa, fui forte o bastante para não ser vencida. Jamais esmoreci e nunca perdi a fé em Deus, e mesmo quando discutia com Ele, por causa de algum problema de solução demorada, era uma briga com um Pai que me apertava para que me apressasse a fazer tudo corretamente.

Essas coisas passavam pela minha cabeça. Aliás, eu revisitava toda a minha existência e buscava forças e esperanças para enfrentar aqueles momentos tormentosos. Recordava constantemente a infância no interior de São Paulo, a mudança para o Paraná em minha adolescência, as brincadeiras, o canto dos pássaros, as risadas... Nossa! Como dei risada nesta vida... Graças a Deus!

Desde o diagnóstico até meu desenlace, foram seis longos meses de padecimento atroz, mas que hoje se assemelham a seis minutos de dorzinha sem importância.



## **O último dia**

O último dia sobre a Terra foi peculiar! Havia algumas semanas eu estava recebendo a visita constante de parentes falecidos. Vi todas as minhas irmãs, meus irmãos, meu pai e muitas amigas que tinham

desencarnado há muitos anos. Não falava nada para não assustar vocês. Sabia que ia partir e, mais ainda, sabia que vocês agiam piedosamente, escondendo a verdade sobre minha doença.

Achei melhor calar. O fim estava muito próximo, e eu queria aproveitar os instantes derradeiros ao lado de todos. Estava tão cercada de carinho! Era tão bom! Todas as minhas filhas e até minha nora vinham dormir ao meu lado. A casa estava cheia, como sempre gostei. Vocês me mantiveram no lar sob cuidados médicos, e todos agiam como enfermeiros prestimosos.

Apesar das dores e da dificuldade em me movimentar, o ambiente esteve o tempo todo muito agradável. Conversas amenas e alegres, leituras edificantes em voz alta e, principalmente, muitas orações. Nada de brigas. Nem um simples desentendimento perturbava a harmonia. Já não nutria mais esperança de cura, porém meu coração se alegrava na expectativa do que estava por vir.

Vocês sabem, sempre fui muito curiosa, e a alegria que via estampada no semblante de meus parentes desencarnados estimulava a vontade de conhecer algo novo. A bem da verdade, as dores eram tão insuportáveis que, por vezes, ansiava pelo descanso nos braços da morte.

As visitas espirituais eram tantas que chegavam a me confundir. Nem sempre distinguia quem era encarnado ou não. Senti vontade de contar, mas percebia o coraçãozinho apertado de vocês, que, apesar da aceitação do inevitável, também ressentiam em se separar de mim. Não pretendia nublar o ambiente amoroso que reinava em nossa casa.

Era curioso e agradável constatar a união de meus filhos, o carinho de minha nora e o respeito de meus netos. Até Dryka não latia mais. O animalzinho percebeu que eu precisava de silêncio. Enroladinha, ela permanecia carinhosamente atenta, embaixo da cama, que pedi para ser colocada ao lado do janelão da sala. Eu gostava de olhar o céu, e era assim que desejava partir, olhando agradecida o infinito, que me serviu de teto e seria minha morada.

Como vocês atendiam os meus desejos! Intimamente, eu sorria orgulhosa dos filhos com que Deus me havia premiado. E, no amanhecer do último dia, num misto de lucidez e sonho, vi meu marido, o pai de vocês, Armando. Ele me acenou, como costumava fazer em vida, e disse que era chegada a hora.

Uma dor atravessou meu coração. Estava tão feliz... Por que partir justamente naquela hora? Senti que ele sorria, compreensivo de meus temores, e falava que tudo tem seu tempo, que nós somos como as flores: um dia murcham as pétalas, mas o aroma, Deus recolhe em Seu regaço. E, mais que flor, disse ele, eu era uma fruta que havia alimentado muita gente.

Tentei conformar-me, pensando em minha mãe querida, que havia desencarnado há tantos anos. Adivinhando meus pensamentos, ele respondeu que era para eu aguardar uma grande surpresa, logo mais à noite. Perguntei se iria vê-la, e ele respondeu com um sorriso.

Ao entardecer, notei muita gente entrando na sala onde estava deitada. Pensei que fossem encarnados, mas, ao avistar minha irmã Maria vindo em minha direção, percebi que se tratava de espíritos. Eram muitos. "É agora que eu morro", pensei. Maria respondeu sorrindo:

— Está preparada?

— Não sei.

— Todos estes que vieram comigo são amigos que você fez ao longo da sua estada sobre esta Terra abençoada.

— Nossa! Mas não conheci tanta gente assim...

— São amigos do lado de cá — ela respondeu.

— Quer dizer que fiquei amiga de fantasmas também?

— Também.

— E nossa mãe?

— Está linda. Mora num lugar diferente de onde moramos, mas ela já sabe que você volta à Pátria da Verdade hoje ainda.

Aquele "hoje ainda", que Maria me disse, apertou meu peito de novo. Deu vontade de chorar. Imediatamente deixei de ver a todos. A dor recrudescu. Emiti um gemido mais forte e, ao abrir os olhos, vi a carinha das minhas filhas em cima de mim. Tentei sorrir para não perturbá-las.

Uma de vocês me deu um xarope, que soube mais tarde ser morfina. Bendito medicamento que ameniza dores lancinantes. Provoca entorpecimento de sentidos, mas, no meu caso, era imprescindível. Adormeci. Fui acordada por alguns médicos. Fiquei chateada, pois havia pedido para morrer em casa e achei que vocês me haviam levado para o hospital. Eles sorriam para mim felizes. Estavam jubilosos.

— Vai ajudar-nos? — perguntou simpaticamente um deles.

— Se eu puder... mas o senhor sabe que estou sem forças até para me levantar da cama.

Sorriram.

— Ah! Se todos os ambientes fossem assim: calmos, em oração e afinados com o plano espiritual...

Reagi à expressão plano espiritual:

— Já morri?

— Volte a ver seus filhos. Você fará a passagem lúcida, vendo os dois planos.

— Estou com medo — respondi um pouco aflita. Abri os olhos do corpo e vi vocês todos ao meu lado, ao mesmo tempo que via os médicos. Uma de vocês iniciou uma oração, no mesmo instante em que eles puxavam algo na altura da minha garganta.

O primeiro laço desfez-se. Perdi a voz, mas tentei balbuciar uma Ave-Maria, e todos me ajudaram na oração. Eu via lágrimas em seus olhos, mas firmeza na manutenção do equilíbrio. Isso me ajudou muito.

Quando você, minha filha, que redige estas palavras, se aproximou e me perguntou se eu já sabia o que ia acontecer, fiz que sim com os olhos, e você disse que a família já estava preparada para aquela hora. Senti um grande alívio em saber que vocês não iriam entrar em desespero. Suas palavras foram um suporte de felicidade naquele angustiante momento.

No lado espiritual, os médicos, em profunda compenetração, mas com semblantes radiosos, prosseguiram desamarrando uns cordões que envolviam meu corpo. O ambiente que vocês me proporcionavam era de serenidade.

Em certo momento, revi todos os amigos que vieram ao meu encontro, e cada vez chegavam outros mais. Cantavam uma linda e suave música. Eu não merecia tanta visita! Fui uma tonta, sem estudos, uma roceira que teve uma vidinha melhor por causa das quatro filhas, do filho e da nora. De mim, nada pude dar. Mas os espíritos amigos continuavam chegando. Armando abeirou-se de mim e disse: — Vamos?

"Se é hora, é hora!", pensei. Foi quando vi minha mãe abrir os braços e me segurar no colo como a uma criança. Chorei e encostei minha cabeça no seu ombro. Todo o meu passado aflorou em minha memória. Só deu tempo de lançar um último olhar de adeus para meus filhos e netos, que choravam em silêncio.

Adormeci chorando, com o coração triste pela separação, mas radiante pelo reencontro com minha amada mãe.



## No outro mundo

Quando acordei, fiquei um pouco confusa. Estava num quarto pequeno, mas agradável, todo branco. Da minha cama macia dava para ver, através da ampla janela, o imenso gramado lá fora. O dia estava ensolarado. Uma brisa suave fazia balançar as alvas cortinas rendadas.

Lembrei minha infância distante. Senti uma emoção profunda ao notar que tudo naquele aprazível ambiente remetia aos meus ditosos dias de criança. Era mais uma recordação da felicidade daquela época. O cheiro do mato e o canto dos passarinhos proporcionavam-me um bem-estar indizível.

Por alguns instantes, achei que tinha sonhado todos os tristes acontecimentos recentes. Eu estava bem. Um pouco fraca, mas era tudo tão gostoso que pensei em continuar quietinha ali, na cama.

Naquele momento, tanto fazia se era sonho ou realidade, se tinha morrido ou não. Havia muito tempo que as dores angustiantes não me davam trégua que nem ousei me mexer. "Estou curada", pensei. Vou dormir mais um pouquinho. Dormi.

Sons de risadas despertaram-me. Imaginei quem estaria rindo tão alegremente. Chamei por vocês. Estava confusa ainda. Será que eu tinha morrido mesmo? Chamei mais uma vez por vocês. Entrou uma garota muito nova e bem bonita.

— Bom dia — ela me disse.

— Bom dia.

— A senhora está bem?

— Estou. Meus filhos estão aí fora? — perguntei, com receio de ouvir que havia, de fato, feito a passagem para a vida espiritual.

— Eles não. Mas há muita gente querendo vê-la.

— Onde eles estão?

— Em suas casas.

Com muito receio de ouvir a verdade, arrisquei:

— Eu... Eu estou sonhando ou é realidade?

— Acho que é realidade.

— Ai, meu Deus! Eu morri?

— Digamos que voltou para sua verdadeira casa.

— Você é enfermeira? — perguntei, querendo mudar de assunto.

— Meu nome é Alice. Eu trabalho neste pronto-socorro há muito tempo e fiquei muito feliz em saber que a senhora viria para cá.

Relaxe ao ouvir a palavra pronto-socorro. Então eu não tinha morrido, concluí. Onde já se viu pronto-socorro no céu?! Ao mesmo tempo, lembrei que vocês falavam muito em hospital do plano espiritual. Bem, se estava morta, estava muito bem para um fantasma. Nesse caso, seja o que Deus quiser!

— Mocinha! — falei decidida. — Eu sou meio ignorante e às vezes não consigo entender as coisas com delicadeza. Pode ser que esteja meio maluca, sabe? É que estou tomando tantos remédios e acho que eles estão embaralhando minhas idéias. Aliás, cadê a sonda do meu nariz?

— Não há mais necessidade dela.

— E o soro? O oxigênio?

— Também foram dispensados. A senhora não precisa de mais nada disso.

— Nem injeções?

— Nada.

Pensei, pensei e perguntei direto:

— Fale a verdade: eu estou morta ou estou num hospital? Ela sorriu e respondeu:

— Posso mandar uma visita entrar? Ela irá explicar tudo.

— Quem é?

— Maria.

— Por que não entrou? — falei, achando que era minha filha Maria, e concluí que estava internada de novo em algum hospital.

A mocinha retirou-se, deixando a porta aberta. Qual não foi minha surpresa ao ver minha irmã mais velha entrar emocionada e sorridente! Na hora, nem lembrei que ela havia desencarnado dois anos antes. Recebi seu abraço sorrindo e chorando ao mesmo tempo.

— Oh, Terê! Que bom ver você bem disposta!

— Maria, quem trouxe você para cá?

— Eu trabalho aqui.

Êpa! De repente, eu percebi que ela estava bem rejuvenescida, mais forte do que quando morreu. Morreu?! Olhei para ela assustada.

— É, Terê. Isso não é nenhuma novidade — falou minha irmã, com seu jeitão italianado. — Você não é a primeira nem a última a voltar da Terra. Desculpe falar assim, mas é que ainda não aprendi a ser delicada.

— Então eu morri mesmo?

— Eles preferem dizer que desencarnou. Achrom que a palavra morrer é muito forte para ser usada. Principalmente para quem acabou de...

— ... morrer! — concluí.

— É!

— Isso significa que a doença do corpo ficou por lá?

— É.

— Pelo menos isso, né? — falei meio chorando, mas aliviada de ter me livrado de tanta dor.

— Mas não é só isso. Há tanta coisa boa por aqui, Terê! Você vai acostumar-se a esta nova vida em pouco tempo.

— Não tem outro jeito... É melhor acostumar-me.

— Há muita gente querendo ver você: Inocenza, Vavá...

— Meu Deus! Não sei se choro de alegria ou se rio.

— Dê risada. É melhor. Vou chamá-los.

— Maria, eu não queria morrer. Estou muito chateada por ter deixado meus filhos — falei isso e desatei a chorar. Senti dores fortes, muito mal-estar. — Acho que ainda estou doente...

— É o seu pensamento de tristeza, Terê. Acalme-se! Todo mundo, um dia, tem de voltar, e, graças a Deus, nós voltamos bem. Você não sabe como a maioria volta...

— É saudade da minha vida tão boa — disse chorando e sentindo uma dor aguda, mas bem mais fraca da de quando estava encarnada.

Antes de minha irmã falar alguma coisa, entrou um médico muito simpático.

— Dona Tereza, chorando?

— Este é o doutor Amaro, que cuidou de mim também — esclareceu Maria.

— Então, esta é a sua irmã mais nova, Maria?

— É ela.

— Muito bem — ele disse. — Onde dói?

— Ah, doutor! Eu pensei que tinham passado essas dores, mas não. Era melhor dar uma injeção para passar, porque não estou agüentando — respondi.

— Vou dar uma injeção de fé. Já ouviu falar em Jesus? De repente, aquele nome mudou tudo. Pensei e parece que vi o Seu belíssimo semblante olhando em meus olhos.

— Ele está do lado de cá — falei e senti-me muito perto Dele.

— Ele está em todos os lugares.

— Será que vou poder vê-Lo?

— Um dia, com certeza, poderá. Mas agora é melhor descansar. Emoção demais para quem chegou há apenas quinze dias.

— Quinze dias?!

— Pois é... Faz quinze dias que Tereza está dormindo. Imaginei um palavrão para expressar meu espanto, mas calei a boca, em respeito ao médico.

— Esses palavrões!... — falou ele, censurando bondosamente.

— O senhor lê pensamento?

— Vamos dizer que você pensou forte demais... Beba isto.

Ele estendeu para mim um copo d'água com sabor adocicado. Fez efeito imediato, aliviando a queimação forte que há muito era companheira constante.

— Melhorou? — ele perguntou.

— Muito. Posso ver meus irmãos?

— Rapidamente, mas só se me prometer uma coisa: evite pensamentos depressivos.

— Estou com tanta vontade de vê-los que prometo tudo.

— Só o que puder cumprir, Tereza. Só o que puder cumprir...

— Se o senhor ficar aqui ao meu lado, eu consigo.

— Fico.

Maria, a um sinal do médico, buscou meus irmãos. Chorei, mas era pura emoção, por reencontrar pessoas queridas que eu pensava ter perdido para sempre. Minhas lágrimas aumentaram ao ver, encostado na porta, numa atitude muito humilde, com o chapéu na mão, sua longa barba, seus olhinhos azuis brilhantes, o meu pai, tentando disfarçar a emotividade.

— Pai! — gritei feliz em poder abraçá-lo, depois de quase quarenta anos sem vê-lo. Ele me abraçou, falando palavras carinhosas em italiano, sua língua natal.

— Cadê minha mãe? — perguntei.

— Ela está *bene* — disse ele, acariciando meu rosto. — *Drumi, figlia mia, drumi.*

— É, Tereza, durma agora. Seu pai ficará até você adormecer — afirmou o doutor Amaro.

Despedi-me dos meus irmãos e, muito sonolenta, adormeci, segurando a mão de meu pai e pensando em minha mãe.

Sonhei com ela. Jovem, linda e muito afetuosa, como nem sempre dava para ser quando estava na Terra. Eu me senti criança de novo.

Ela me falava coisas sobre a bondade de Deus, a beleza do Universo e a importância em nascer de novo. Estava vestida de azul, que, a princípio, parecia uma nuvem a envolvê-la, mas depois se amoldou ao corpo. Estava feliz com o meu retorno. Contemplei o seu rosto, passei a mão em seus cabelos negros e concluí:

— É pena que minha vida tenha sido tão insignificante. Nada tenho para honrar a sua maternidade, minha mãe. Não fui ninguém na Terra. Só uma mulher boba e analfabeta.

— Saiu melhor do que da última vez.

Não entendi que ela se referia a uma encarnação passada. E continuou:

— Está na hora de começar a viver nesta nova vida. Vá, e, em breve, a visitarei.

Acordei chorando de alegria. Deus do céu! Depois de morta, virei uma chorona. Eu, que sempre fui dura na queda, agora me debulhava em lágrimas. Observei pela janela e vi minha irmã Maria lá fora com outras pessoas. Ela olhou para mim e acenou. Do lado da cama havia uma flor, que meu pai havia deixado. "Para onde ele foi?", pensei.



## Reencontro conjugal

Um pouco impaciente, tentei sentar, mas o medo de sentir dor impedia meus movimentos.

— Até quando vai ficar nessa cama? — ouvi alguém me falar.

Olhei para a porta do quarto e vi Armando, meu falecido marido.

Um silêncio caiu sobre nós. Fiquei olhando para ele e lembrando nossas lutas, nossos sofrimentos e até as brigas que tivemos. Recusei-me a chorar. Vi a inutilidade das nossas antigas desavenças. Senti compaixão pelo meu companheiro de quarenta anos de vida em comum e que tinha desencarnado havia treze anos.

Ele fora, na Terra, um bom marido. Nossa vida tinha sido cheia de agruras e tristezas. Ele fez o que pôde para quem era tão perturbado, tão depressivo. Ora, motivo nunca faltou em nossas vidas para meu marido ser triste. Ali, parado na porta, senti que ele pensava a mesma coisa. Seus olhos marejaram. Ele sempre fora mais sentimental do que eu.

Por quanto tempo nós nos ficamos olhando, eu não sei, mas sabia que ele também estava recordando todo o nosso difícil passado. O casamento, o nascimento dos filhos, Seu padecimento com as convulsões, a luta na lavoura, as humilhações... Mas também o apoio mútuo, o respeito conjugal e algumas alegrias.

— Posso entrar? — sua voz estava embargada.

— Desde quando você pede licença para entrar? — eu respondi, disfarçando a emoção.

— Acho que desde que aprendi a respeitar você como ser espiritual, não como propriedade dada em casamento.

Novamente ficamos em silêncio.

— Entre — eu disse, querendo ficar à vontade.

Ele entrou. Tentei sentar na cama, e Armando ajudou-me. Estava de terno de linho claro, como gostava nos tempos de jovem, chapéu panamá e com a aparência de 35 anos. Muito diferente do velhinho magro e agitado da época em que morreu. Estava bonito, com seus cabelos dourados e olhos verdes.

— Está mais moço. Parece quase igual ao que era quando nos conhecemos.

— Estou bonito, é? — ele perguntou brincando e um pouco sem jeito. — Desculpe, eu estou emocionado por vê-la aqui e poder falar

com você de novo. A última vez que conversamos foi quando levantei atrasado e saí de casa para o trabalho.

— E nunca mais voltou.

— Eu voltei, mas vocês não podiam ver-me. Aliás, tivemos vários encontros nestes treze anos.

— Bem que as meninas falavam que sentiam a sua presença...

— É... Eu mandei uns recados. Ficamos em silêncio, de novo.

— Não sei mais o que dizer — falei, meio abestalhada.

— Vamos passear lá fora?

— Bem que eu queria, mas tenho medo de sentir dor. Nos últimos dias, não consigo mais andar sem ajuda. E não vi nenhuma cadeira de rodas.

Nesse instante, entrou o doutor Amaro.

— Vá dar uma volta, Tereza.

— Posso? — falei ansiosa.

— Depois de se alimentar, Armando levará você até o jardim.

Fazia tanto tempo que eu me alimentava só por meio da incômoda sonda que devo ter feito uma careta. Os dois homens riram. Alice entrou, trazendo uma tigela com uma espécie de creme de frutas. Comi devagar e apreciei demais. Senti-me fortalecida e satisfeita.

— Vamos? — chamou Armando.

— Mas, e a cadeira?

— Se quiser, eu busco uma, porém acho que você não precisa — falou o médico.

Fiquei insegura. Olhei para Armando. Seus olhinhos verdes piscavam alegremente. O raio de sol banhava seus cabelos loiros.

— Que é isso, Tereza? Está com preguiça? — ele disse com carinho.

— Cadê sua carequinha, Mando? — perguntei e senti-me meio tola por isso.

Os dois homens riram novamente.

— Quer que eu carregue você? — ele indagou alegre.

— Qual o quê! Se o doutor acha que eu posso, eu posso. E desde quando tive preguiça, homem? — respondi, em tom de brincadeira.

— Desde nunca! — Armando exclamou com um olhar tão cheio de admiração que me deixou ligeiramente constrangida, pois não estava acostumada a ser tratada com tanta doçura por ele.

Desajeitada, tentei levantar, mas o medo e o costume de ser amparada durante os seis meses que precederam meu desencarne fizeram que eu titubeasse. O doutor ajudou-me e, finalmente, após tanto tempo, consegui sustentar-me em pé. Por pouco tempo, porém. Vacilei e apoiei no braço de meu marido.

Sustentada pelos dois, saí do quarto. O janelão era, na verdade, uma porta que dava para a varanda. Que agradável! Maria veio alegre ao meu encontro. Cercada de carinho, que imaginei não merecer, sentei em uma espreguiçadeira banhada pelo sol. Recebi os raios solares com prazer. Estava muito feliz por poder locomover-me sem tanta dor e dispensando a cadeira de rodas. O doutor Amaro informou-me:

— Os raios de sol irão beneficiá-la. Perceba como eles aquecem, aliviando suas dores.

Assim que ele falou, eu senti uma onda de calor invadir principalmente minhas pernas, que nos últimos tempos estavam enregeladas. Respirei fundo, e parecia que o sol entrava em meus pulmões, aquecendo-os. O bondoso médico segurava minhas mãos e transmitia uma energia desconhecida, mas muito revigorante.

— Fico feliz com a sua capacidade de recuperação, Tereza — ele falou.

— Eu não disse que ela era uma mulher de fibra, doutor Amaro? — reforçou Armando.

"Nossa!", pensei. "Armando elogiando-me?! Mudou muito." Olhei para ele e cismei que havia lido meu pensamento. "Êpa! Vou ter de aprender a controlar o que penso." Mas, se ele captou o que eu pensava, nada me disse.

— Agora deixo você sob os cuidados de nosso Armando. Tenho de sair para buscar alguns irmãos mais desafortunados — despediu-se o doutor.

— Mas será que, até aqui no céu, os médicos não têm tempo para prostrar-se? — perguntei meio brincando, mas também ressentida por ele sair de perto de mim, já que bastava sua presença para aliviar as dores que ainda sentia.

— Terezinha, menina! Você não está no céu. Aqui é um pedaço do paraíso, mas bem distante de ser um lugar de pura felicidade. Recupere-se logo. Você está em boas mãos. Até mais!

O médico saiu depois de dirigir-me estas palavras e dar um beijo em minha testa. Fiquei encabulada, porque sabia que Armando detestava essas demonstrações de afeto. Mas, ao olhar para seu rosto, só vi satisfação.

Já ao longe, o doutor Amaro avisou-me:

— Tereza, você está liberada para ir à festa.

"Mais essa! Festa?! Que festa?!", fiquei a imaginar.

— Será que pode ser hoje mesmo? — Maria conversava com Armando. — Vou comunicar aos parentes — ela saiu toda feliz.

— Eu bem que queria um pouco mais de movimento, mas que roupa vou vestir? — perguntei.

— Não se preocupe. Venha! Vamos dar uma volta — convidou Armando.



## Um oásis no deserto

Com certa dificuldade, andei apoiada em meu marido. Era um belo lugar, cheio de flores e árvores frutíferas. Muitos pacientes lá estavam, e todos me cumprimentavam. Apanhei alguns frutos, e eram saborosos. Notei que muitos eu desconhecia.

Olhei para o pronto-socorro e constatei que mais parecia um casarão igual àqueles de fazenda. Todo pintado de branco, com faixas azuis nas soleiras. Em volta dele e do jardim, um imenso muro, cheio de flores trepadeiras. Do lado de fora desse muro, o tempo parecia nublado.

Armando esclareceu-me que estávamos muito próximos da Terra. Era um local de socorro a recém-desencarnados e de amparo a sofredores que se demoravam do outro lado do muro. O Casarão da Esperança, denominação dada ao hospital em que nos encontrávamos, era um oásis em meio a um deserto de padecimento. Era como uma luz encravada no centro do Umbral, que nos circundava.

Havia muito o que fazer do lado de fora. Muita gente a ser ajudada, e era para lá que o doutor Amaro tinha ido. Ajudar os que sofrem e que estão prontos para ser atendidos. Se eu quisesse, e quando fosse permitido, poderia ir em alguma missão de socorro, no futuro.

Armando mesmo trabalhara naquelas paragens durante muito tempo, até receber orientação para se instruir na cidade onde morava. Mas, sempre que estava disponível, costumava engajar-se numa caravana de resgate a espíritos cansados de sofrer.

— Foi por isso que recebi o prêmio de ir ao seu encontro, assim que foi descoberta a sua enfermidade, e estive ao seu lado durante os seis meses em que se preparava para o desenlace.

— Eu sofri bastante. Isso foi bom ou será que foi castigo?— perguntei.

— Foi uma dádiva, Tereza. Ajudou a purificar seu perispírito. Saiu da Terra sem dívidas, porque jamais se revoltou nem lastimou o que padeceu. Eu digo que saiu sem dívidas, mas, entenda, sem as dívidas que precisava resgatar nesta encarnação. Você cumpriu a tarefa a que se comprometeu antes de reencarnar.

— Mas muita gente acredita que quem tem câncer é porque o atraiu para si com atitudes negativas.

— Muitas pessoas fogem do sofrimento alheio porque não querem comprometer-se ou porque estão amedrontadas perante a necessidade de evolução espiritual, e esses comentários nada mais são do que uma forma de se sentirem desobrigadas com a própria mente, que precisa de esmeril. Uma maneira de fugir às responsabilidades espirituais. Tereza, ninguém padece em vão, mas nenhum padecimento é negativo quando enfrentado com dignidade, fé e esperança. Por que não olhar a doença fatal como purificação, e não como castigo? Cabeças cheias de remorso acusam nos outros o que estão atraindo para si. Nesta vida, você nada fez para merecer esta doença. Porém, um dia irá lembrar que pediu por ela por meio das combinações hereditárias, porque necessitava purgar erros graves de outras encarnações. A doença funcionou como propulsora de bênçãos em sua vida, e não como algo negativo que atraiu para si. E, por mais que se busque, a eternidade física não é predicado da Terra. De uma doença ou de outra, de um acidente ou de calamidade, todos, um dia, hão de voltar para cá, para o Reino da Verdade.

— É... Aqui é onde a onça bebe água — falei e arrependi-me, porque disse bobagem.

Armando sorriu.

— Você continua com suas tiradas engraçadas. Que teria sido de mim, tão depressivo antigamente, sem a sua alegria?

— É que aqui não dá para esconder o que a gente pensa — tentei justificar-me.

— Tudo bem, Tereza. Não precisa explicar-se.

— O que você falava era muito sério, e eu...

— Tereza — ele me interrompeu —, aqui é onde nós não conseguimos esconder nossas intenções, nossos pensamentos nem nossas emoções. Então, faz sentido o dito popular de a onça beber água, ou seja, é a hora da verdade. Do medo ou da coragem, da prudência ou da estupidez. Tudo o que disfarçamos na Terra é revelado aqui. Não fique sem jeito. Há muito o que aprender, mas, se você está neste lugar, é porque já aprendeu bastante.

Suas palavras eram amigas e bondosas. Nunca o vira tão afetuoso. Para falar a verdade, ele tinha sido um bom e fiel marido. Sempre honesto e trabalhador, mas era ranzinza e pessimista. Não que não houvesse motivo, mas jamais falara comigo daquela maneira tão gentil. Até seu palavreado havia melhorado. Não falava mais errado. A voz perdera o som angustiado e ansioso de outrora. Nunca fora meigo nem mesmo gentil. Mas era o mesmo bom Armando que tinha sido meu marido na Terra. Uma pedra bruta que estava mais parecida com um diamante.

— Está estudando? — perguntei.

— Estou.

— Você está usando dentadura nova?

— Recuperei meus dentes.

Diante do meu espanto, prosseguiu, divertido:

— O corpo espiritual é perfeito: não adoece e a mente equilibra-se.

Percebi que ele respondia às minhas conjecturas sobre sua mudança.

— Perdoe-me! — falou humildemente.

— Ora! Era só o que me faltava. Perdoar o quê? Você sempre foi bom marido. Pare com isso!

Estávamos sentados embaixo de um caramanchão, no qual flores delicadas soltavam um perfume delicioso.

— Eu nunca lhe dediquei o amor merecido — disse ele.

— Olhe, Armando, não me deixe sem graça. Ainda estou tentando acostumar-me com a sua mudança. Nós vivemos do jeito que dava para viver, e o que sei é que você foi o marido que Deus quis. Eu também nunca fui fácil de lidar. E, ademais, a nossa vida não dava espaço para sorrir. Era um problema atrás do outro, um tormento constante. Nunca tivemos um minuto de descanso. Por que isso acontecia conosco, não sei. Só o que posso dizer é que nós fizemos tudo o que era possível na luta pela sobrevivência. Criamos nossos filhos do jeito que deu para criar. Depois de velha, cheguei à conclusão de que podia ter feito tudo melhor, mas o que estava feito, estava feito. Mais do que fiz, não ia conseguir fazer mesmo. Por isso me conformei.

— Você sempre foi mais prática do que eu.

— Logo depois da sua vinda para cá, minha vida mudou. Nossos filhos foram maravilhosos e proporcionaram-me muito conforto e carinho. Fui muito feliz. Adorava as viagens que fazia em companhia das meninas, as visitas na casa de João, nosso menino, e adorava meu lar. A bem da verdade, nem queria morrer. Se eu pudesse decidir, decidiria ficar por lá ainda muito tempo, mas, já que Deus quis assim, que seja. Só o que me atrapalha é não saber como eles estão.

— Conformados — ele respondeu.

— Como você sabe?

— Recebi permissão para visitá-los todos os dias enquanto você estiver em recuperação.

— Sofreram muito com a minha morte? — perguntei aflita.

— Mentiria se dissesse que a sua desencarnação não provocou muita tristeza. No Natal, foi bastante difícil, mas, em vez de presentes e comilança, eles fizeram orações, e isso ajudou bastante na atuação dos abnegados protetores que os amparam. A frequência contínua de Maria Amélia e de Miriam no centro espírita a que se dedicam facilita muito a relação entre os dois planos. E as

constantes orações de Sônia, Luana e João ajudam no equilíbrio espiritual.

— E a Nininha? — perguntei.

— Ela chora todos os dias, mas faz muitas orações também, e isso é o sustento para o alívio das dores da saudade.

— É... — falei entristecida e tentando não chorar. — Nós morávamos juntas. Ela deve sentir muito a minha falta.

— Todos sentem.

— Mas ela é que estava acostumada com a minha presença.

— É... Ela sente falta mesmo da convivência amorosa que vocês mantinham, mas não se preocupe. Nininha está bem. O tempo cura todas as dores.

Fiz várias perguntas sobre vocês, meus filhos, e as informações que ele me passava davam alento para agüentar aqueles momentos. Era muito reconfortante saber que o ensinamento espírita brilhava feito uma luz em meio à dor da separação.

Alice veio chamar-me para o descanso necessário. Recebi de Armando um beijo de despedida na face.

— Deus é Pai! Como ele mudou! — falei alto, assim que Armando se foi.

Alice divertiu-se com as minhas observações. E foi a primeira vez, desde nosso casamento, que obtive do pai de vocês um gesto de carinho em público.

Fui para o quarto na companhia de Alice. Maria veio avisar-me que a festa estava marcada para a manhã do dia seguinte. Mal recebi a notícia, adormeci. De novo sonhei com minha mãe. Estávamos em um lugar especialmente belo e aprazível. Recordamos o nosso passado, e ela apontava os acertos e erros em cada decisão tomada. Por fim, chegamos à conclusão de que o dedo de Deus sempre indica o caminho do coração como o rumo a ser tomado, e nem sempre seguimos o amoroso apelo.

A cada decisão tomada de forma inadvertida, sérias conseqüências advinham. Restava sofrer por elas. Tudo era aprendizado. Jamais

estivemos desamparados, nem mesmo nos momentos mais difíceis que atravessamos, e que não foram poucos. Lágrimas benfazejas banhavam meu rosto ao refazer todos os passos dados em minha vida. Como fui auxiliada! Como nunca estive sozinha! Mesmo nas horas em que eu julgava estar completamente abandonada por Deus e pelo mundo, havia sempre a presença de espíritos amigos. Acordei, agradecendo ao Criador por tanto amor e confiança.



## **As almas gêmeas**

No outro dia, Inocenza e Maria vieram acordar-me, juntamente com Alice, que trouxe o creme de frutas. Depois de alimentada, coloquei um bonito vestido que estava no armário. Parecia uma roupa que eu usava antes de vir para cá.

Quando cheguei a uma sala azul clarinha e com lindos quadros na parede, Irmã Serena veio cumprimentar-me. Fiquei sabendo que era a dirigente do Casarão da Esperança e que ali se encontrava havia cerca de cinqüenta anos, desde que desencarnara. Já poderia ter ido morar na cidade, mas só se afastava de seus pacientes quando ia em missão de socorro ou de instrução. Embora o seu cargo fosse o mais alto ali dentro, era ela quem mais trabalhava.

Muito simpática, bonita e agradável, deu-me as boas-vindas e desculpou-se por não ter ido antes ao meu encontro, mas soubera que eu estava rodeada de pessoas queridas e que meu caso não era grave. Disse que, em breve, nos iríamos falar para decidir o que

haveria de ser feito logo após o meu restabelecimento. Apertou minha mão com entusiasmo, mas foi chamada por um enfermeiro, que necessitava de sua presença na chegada do doutor Amaro com alguns sofredores. Pediu desculpas e foi-se.

Em seguida, muita gente conhecida entrou na sala. Pessoas que eu até havia esquecido, ou que nem soubera que já se encontravam deste lado, vieram ao meu encontro. Foi muito bom e emocionante revê-las e poder abraçar tantos amigos. Nossa! Quanta gente conheci durante minha vida! Ainda bem que não fizera inimigos... Já imaginou se todos os que estavam ali não gostassem de mim? Porém, a alguns deles eu senti a necessidade de me desculpar por algo que havia falado, ou até mesmo por fofocas que ajudei a alimentar. Ninguém queria saber de choradeira, mas, ainda assim, precisava pedir desculpas e o fiz. Em compensação, um monte deles também veio desculpar-se. Ah! Já passou, já passou... Agora estamos todos aqui, graças a Deus.

Foi em meio àquela alegre reunião que vi uma mocinha muito bonitinha vir até mim. Fui atraída, sem querer, pelo olhar de Armando. Adivinhei quem era a jovem: sua ex-noiva, que morrera no dia do casamento, antes de ele me conhecer. Confesso que tive uma ponta de ciúmes, mas tirei da cabeça aquele sentimento sem propósito. Nós duas nos abraçamos, sem palavras. Senti que Lucinda (esse é o seu nome) e ele eram espíritos afins. Nossa programação de reencarne fizera que nos casássemos, mas era por ela que Armando sempre fora apaixonado.

Lucinda agradeceu-me o cuidado e a paciência com seu amado. Naquele instante, eu percebi que nada mais me prendia ao meu ex-marido. Nossa missão juntos tinha sido cumprida. Restavam uma sólida amizade, muito respeito e gratidão recíprocos. Lucinda insistia em dizer que eu fora muito bondosa com eles dois e que, se não fosse pelo cuidado e respeito que eu tivera com Armando, na certa ela não teria tido descanso, pois demorou muito a aceitar a separação.

Eu estava um tanto sem jeito, embora simpatizasse com o seu jeitinho delicado e afetuoso, mas não era normal nem fácil abraçá-la. Lutei contra meus sentimentos desencontrados. Fui o mais amiga possível, mas o senso de posse em relação a Armando ainda era muito forte.

Afastei-me dos dois e retomei a alegre conversação com os outros parentes e amigos. Alice veio chamar-me para o repouso. Um tanto a contragosto, voltei para o meu quarto. Um vazio teimava em permanecer dentro de mim. Tinha de me acostumar com as novidades. Chamei-a, e ela me atendeu prontamente.

— Alice, não agüento mais ficar parada, deitada nesta cama. Estou me sentindo inútil. Sempre fui trabalhadora. Minhas mãos nunca descansaram, e agora eu gostaria de fazer alguma coisa. Não me importaria nem se tivesse de fazer faxina. Só não quero ficar parada.

— Vou passar o seu desejo para Irmã Serena. Tenho certeza de que ela ficará feliz por isso.

Um pouco mais tarde, andei pelo jardim, em companhia de meus irmãos, que deveriam partir naquele mesmo dia. Tinham vindo apenas para me ver. Ao ficar a sós com Maria, ela sugeriu que fôssemos rezar.

— Aqui também há igreja?

— Ninguém muda bruscamente ao fazer a passagem. Temos um local de preces.

É, eu estava precisando disso. De certa maneira, tinha ficado perturbada por encarar Lucinda. Ela fora uma sombra à nossa felicidade, não por sua culpa, é claro, mas Armando chorava constantemente a sua perda. Embora ele tenha sempre me respeitado, a imagem dela permanecia entre nós. Cada vez que ele ouvia uma música sertaneja, os seus olhos marejavam por ela.

Estava me defrontando não só com Lucinda, mas com o meu ciúme. Nunca me senti amada por ele, porém, enquanto vivemos juntos, Lucinda era apenas um fantasma. Tinha rezado muito para ela se afastar dele. Agora ela era real, e os dois se amavam. Eu casei

apaixonada por aqueles olhos verdes, contudo, em curtíssimo espaço de tempo, percebi que ele queria unicamente uma esposa, amiga e companheira. O seu coração já estava preenchido, e isso ele deixou sempre bem claro.

Não fui feliz ao lado dele como sonhara antes de casar. Foram anos de sofrimento para ambos. Houve momentos em que somente tínhamos um ao outro para nos apoiar. A árdua luta pela sobrevivência e a falta de carinho enrijeceram meu coração. Os constantes cuidados com a saúde de Armando de certa forma fizeram dele mais um filho do que um marido.

— Tudo tem um motivo, Terê!

Era minha irmã Maria falando amavelmente. E ela prosseguiu:

— Hoje eu sei por que amarguei uma vida solitária durante os 80 anos em que vivi lá embaixo. Precisava dar valor à família.

— Maria, você sempre foi tão boa, tão honesta! Sofreu tanto, foi enganada, abandonada, e nunca teve seu amor correspondido.

— Eu pedi para ser assim. Precisava aprender o valor de ter ao lado um parceiro para compartilhar. Em outras vidas, não valorizei o companheirismo, a família, e por isso fiquei só, mas Deus foi tão bom que minha casa na Terra, nos últimos anos, vivia cheia de gente.

— Você era muito caridosa.

— Aquelas pessoas necessitadas que eu recebia em meu humilde lar apenas precisavam do carinho represado dentro de mim. E, graças a Deus, tive paciência para ouvir os seus dramas e até as fofocas que muitas mulheres vinham contar-me e que nunca passei à frente. Elas desabafavam comigo, e só ouvia e aconselhava quando pediam minha opinião. Isso foi um presente de Deus. Era para eu terminar meus dias completamente solitária, mas o amor que pude externar fez que eu ganhasse este pedacinho de paraíso aqui onde estamos, e na Terra muita gente sentiu minha falta. Obtive companhia e amor em vez de solidão. Hoje penso em retornar, mas ainda é cedo. O que sei, entretanto, é que, em uma nova vida, terei meu lar e, na certa,

estarei ao lado de quem amei e não honrei no passado — ela concluiu, cheia de esperança no porvir.

Pensei em um homem ao qual ela dedicara um amor impossível enquanto esteve encarnada. Ela me olhou, como se soubesse o que passava pela minha mente, mas nada disse.

— Não sei como encarar Lucinda — falei.

— Como uma filha de Deus igual a você, portanto uma irmã.

— A imagem dela perturbou demais meu casamento. Armando sempre fez questão de deixar claro que nunca a esqueceria.

— Terê, para que amargar os dramas do passado? Ele pode ter errado com você, mas como exigir perfeição de alguém? Imagine o que Lucinda deve ter sofrido pela separação justamente no dia do casamento!

— Mas ela morreu!

— E a morte existe, Terê?

— Não.

— Então? — concluiu Maria.

Pensei na continuidade da vida após a morte, no trágico desenlace de Lucinda, na separação bem no dia de seu casamento...

— É verdade! Deve ter sido terrível para ela ter se afastado tão bruscamente do noivo amado e, cinco anos depois, presenciar o casamento dele comigo. Eu não pensei nisso. Sempre vi Lucinda como uma morta a ser esquecida e, agora que estou deste lado da vida, percebo quanto ela sofreu pela separação repentina.

— É, Terê — falou minha irmã, com a compreensão que sempre teve. — Enquanto estamos encarnados, não avaliamos os sentimentos de quem desencarna. O espírito não muda de pensamentos só porque se libertou do fardo carnal. Pelo que fiquei sabendo sobre Lucinda, ela sofreu muito por ter desencarnado justo na data tão ansiosamente esperada: a do casamento. Ela e Armando eram parceiros de há muitos séculos. São espíritos afinados pelo amor. Os dois haviam combinado, por necessidade urgente de evolução, a tragédia daquele dia. Contavam com você para ampará-lo

no sofrimento cinco anos depois. Você consentiu porque tinha seus deveres com Armando, que outrora, em outra encarnação, foi seu filho desprezado, e nesta você teve oportunidade de resgatar suas dívidas, aceitando a difícil incumbência de ter ao seu lado um marido, embora honesto e trabalhador, mas sem o amor que você, na outra vida, não fez por merecer. E só isso que sei. Você poderá conversar com Armando. Foi ele quem me contou isso durante uma vigília que fazíamos em seu leito de doença, naquele hospital em São Paulo.

Ficamos ambas caladas. Alguma coisa me dizia que ela estava falando a mais pura verdade, e, mais, eu já sabia de tudo isso, não sei como, mas sabia. Fiquei emocionada. Senti que Deus me havia ofertado um presente, ou melhor, um remédio, um tanto amargo, mas de forte efeito curativo.

Enviei um pensamento de amor tão grande para o meu ex-marido que vi seu rosto sorrindo e tive a certeza de que, naquele instante, nos estávamos comunicando de uma forma estranha para mim, mas natural para ele. Armando enviou-me um beijo, que recebi na face. Vi, também, o rosto feliz e agradecido de Lucinda, prometendo amar-me para sempre.

— É, minha irmã, tem razão! Não adianta nada guardar mágoa — falei.

— A mágoa é uma inutilidade muito pesada.

— Eu gosto de ser feliz, Maria. Se pudesse, esqueceria as dificuldades do passado, esqueceria tudo o que me fez sofrer, mas meu medo é que devo ter feito muita gente infeliz. Mas, se fiz, peço perdão a Deus, pois não me lembro. Peço perdão até por não lembrar. Neste momento, estou radiante de felicidade, porque a vida continua. Armando não é aquele homem sofrido e amargurado de outrora, e sinto-me amada por ele e por Lucinda. E, se não fosse a saudade imensa dos meus filhos, eu iria querer que nada mais mudasse. Que bom que Deus existe!

Maria sorriu daquele jeitão alegre que eu conhecia bem.

- A vida é melhor do que pensávamos, não é mesmo?
- É, Maria! Valeu a pena a vida dura que nós tivemos.
- Sempre agradeço a Deus por tudo o que passei.



## A casa de orações

Chegamos ao templo. Era muito simples e belo. Não havia altar, apenas alguns assentos e muitas flores. Algumas pessoas rezavam com ardor, e em cada manifestação de fé dava para perceber a religião professada na Terra. Muitos doentes ali se encontravam. Uma paz impressionante reinava no ambiente.

Ficamos diante de um oratório caprichosamente trabalhado.

— Eu estou aprendendo a modelar a matéria energética, e esta é uma obra que fiz com minha parca capacidade — revelou Maria de forma espontânea. — Irmã Serena permitiu que fosse colocada aqui, e muitos católicos fazem suas preces defronte a ela.

Lembrei que Maria sempre fora uma católica fervorosa. Tinha pensado inclusive em ser freira.

— Está bom aqui para fazermos nossa oração?

— Está! — respondi.

Maria ajoelhou, e eu me sentei. A religião perdera um pouco de significado para mim. Nasci católica, mas nunca fui assídua. Todos vocês, meus filhos, são espíritas, e, a bem da verdade, eu acreditava em Deus, em Jesus e na Virgem e nutria um carinho imenso pelo espiritismo, mas não conseguia apegar-me a religião alguma.

Embora ficasse enternecida todas as vezes que via a doce imagem de Chico Xavier, entristecia-me por não saber ler o que ele escrevia. Tudo o que eu fazia era orar a Deus, e isso era suficiente para mim. Sei que, no meu desencarne, as preces foram decisivas para minorar minhas dores e sossegar meu coração.

Bem, ali eu estava, naquele ambiente de paz, e deu vontade de rezar, mas não sabia como. Olhei para aquele oratório, observei as belas florezinhas que se enrodilhavam artisticamente em volta dele e pedi, de todo o coração, perdão a Jesus por não saber o que falar.

De imediato, algo maravilhoso aconteceu. A imagem do bellissimo rosto de Jesus estava refletida dentro daquele oratório. Eu só conseguia pedir perdão e adorar aquele meigo olhar. Nada saía dos meus lábios, mas meu coração transbordava de júbilo e contentamento. Agradei infinitamente a oportunidade de estar naquele local. Agradei pela minha vida, pelo meu passamento e até mesmo pela doença que me vitimou. Não sei por quanto tempo fiquei ali adorando aquele terno olhar, mas, ao tomar ciência de mim, estava ajoelhada, e as lágrimas sobejavam em meu rosto. Maria olhava para mim sorridente. Abracei-a emocionada.

Íamos saindo caladas.

— Maria, eu esqueci de pedir pelas minhas meninas e pelo meu filho.

— Quer voltar?

— Quero, embora sinta que Jesus já sabe tudo o que eu vou pedir. De qualquer maneira, gostaria de sentar ali na frente daquele oratório e rezar pelos meus filhos e netos.

Voltamos. Maria e eu lembramos de cada um de vocês. Pedimos juntas pelo amparo espiritual em suas vidas.

— Maria, o seu oratório é muito lindo.

— Nunca fomos de elogios, não é, Tereza?

— É, nunca. Mas agora eu quero que você saiba que o oratório que fez é lindo.

— Obrigada, minha irmãzinha.

Saí do recinto renovada e bem disposta. Fui visitar os aposentos de Maria. Era um quarto claro e ensolarado, que ficava anexo ao pronto-socorro, juntamente com outros quartos de colaboradores. Muitas flores por todo canto. Da janela aberta, dava para ver o casarão e o jardim. Numa das paredes, uma estante com muitos livros. Olhei-os e senti pena de minha irmã ser tão analfabeta quanto eu.

— Já aprendi a ler.

— O quê?

— É isso. Aprendi a ler, aqui mesmo no casarão. Irmã Serena sugeriu que eu fizesse umas aulas com dona Florinda, uma boa senhora, que foi morar na cidade, mas que organizava as aulas para os que quisessem começar a aprender alguma coisa.

— E não há mais essas aulas?

— Sempre existe alguém disposto a ensinar. No momento, um rapazinho que aguarda o resgate de sua mãe dedica seu tempo livre no casarão a ensinar muitos que desejam aprender.

— E será que eu...?

— Claro. Amanhã vou falar com Heitor. Ele vai ficar feliz em ajudar.

— Nossa! Vou realizar meu sonho: ler e escrever.

— Se você deseja muito, vai aprender rapidamente. Pois é... Veja que maravilha: aqui nada transcorre com violência! Mesmo tendo sido instruída em vidas passadas (fiquei sabendo disso tempos depois), havia necessidade de adaptação ao plano espiritual. A natureza não dá saltos. Por isso, devido ao longo tempo em que estive encarnada e também ao fato de que sempre me achei muito burra, havia necessidade de relembrar as primeiras letras para granjear mais instruções no futuro.

— Em breve, você virá residir aqui comigo — disse Maria.

— Quando? — perguntei, feliz com a notícia.

— Assim que se estiver sentindo melhor.

— Eu estou muito fraca, não é? Emagreci muito enquanto estive doente. Pareço um esqueleto.

Senti uma fraqueza imensa. As dores voltaram, não com tanta intensidade, mas fui obrigada a sentar. Lembrei o martírio daqueles dias e deu vontade de chorar de pena de mim mesma.

— Terê! — Maria falou com severidade. — Tire esses pensamentos tolos da cabeça. Venha até aqui e olhe-se neste espelho que Irmã Serena mandou colocar aqui quando me mudei. Venha e olhe!

Fui com receio de verificar no que me havia transformado após o câncer, mas o que vi foi surpreendente: não estava mais cadavérica. Minha cor havia voltado, e, se eu não estava como era com saúde, também não aparentava mais ser doente. Gostei do que vi.

— Você está assim graças a sua alegria e resignação com a dor. Porém, se ficar com pena de si mesma, as coisas podem mudar, e para pior.

Olhei para Maria sem compreender direito. Ela explicou:

— Você aceitou conformada tudo o que lhe aconteceu. Não se revoltou nem entrou em depressão, pois sua natureza é alegre. Ao ter a bendita oportunidade de rever os parentes, seu coração alegrou-se mais ainda, portanto seu corpo foi se refazendo. Obediente ao tratamento do doutor Amaro e aos cuidados da abnegada Alice, o vigor voltou ao seu perispírito, e hoje, nas orações, ao ter se entregado totalmente aos cuidados de Jesus e reconhecido Nele o Irmão Amoroso que nos guia em todos os momentos, seu corpo espiritual encheu-se de energia divina, e tudo isso contribuiu para sua recuperação. Então, não estrague tudo com pensamentos negativos.

Fiquei calada e um pouco envergonhada pelo deslize. Prometi a mim mesma não vacilar mais. Maria, bondosa como sempre, voltou a falar:

— Irmã Serena deu-me este espelho assim que aqui cheguei, para que eu não me preocupasse com a aparência, pois também desencarnei sob as bênçãos do câncer. Depois que me vi nele a

primeira vez, nunca mais fiquei apreensiva com minha imagem. Sabia que Jesus de tudo cuidava. Olhe para mim. Como estou?

— Cheia de saúde, e os cabelos já não estão mais brancos.

— É mesmo? — falou surpresa e alegre.

Rimos muito.



## **Enfermos desencarnados**

Dois dias depois, mudei-me para os aposentos de Maria, levando a flor que meu pai me havia ofertado em sua visita. Surpreendentemente, não havia murchado. Era uma flor estranha, de uma beleza curiosa. Não vira nenhuma outra igual àquela no casarão, comentei com Maria.

— Essa flor é de um jardim que ele mesmo cultivava onde trabalha — disse ela. — Por ser uma região muito densa de energias, a planta não consegue crescer com a mesma delicadeza das que cultivamos aqui; porém, o amor com que papai a envolve faz que ela sobreviva. Coloque-a nesta sala para que sempre possamos lembrar de nosso pai e, principalmente, para que eu nunca me esqueça de agradecer a vida que ele me deu.

— Não o vi mais. Onde ele se encontra? — perguntei.

— Numa região do Umbral muito próxima das trevas. É um lugar de muita dor. Papai trabalha como ajudante dos socorristas, mantendo naquele ermo triste uma pequena casa de refazimento. É

um pequeno posto avançado, pronto para receber quem necessita de ajuda.

— Deve ser um lugar muito triste — falei penalizada.

— Triste é o local onde está situado o Pequeno Posto da Paz, mas o atendimento imprescindível que os necessitados ali recebem significa a semente da cura para muitos espíritos em desequilíbrio. Nosso pai está resgatando, com rapidez e alegria, muito tempo perdido em que vagueou após a morte.

— Será que um dia poderemos visitá-lo? — perguntei.

— Não como fazíamos na Terra ao visitar parentes, mas, com a colaboração do doutor Amaro ou de algum outro grupo socorrista, poderemos engajar-nos numa expedição de atendimento e, certamente, iremos vê-lo.

Aproveitamos o ensejo e fizemos uma oração em benefício de papai. Um pouco mais tarde, recebi a notícia de que Irmã Serena me esperava para deliberações a respeito do meu pedido de trabalho. Tímida e esperançosa, fui ao encontro dela. Achei que iria para sua sala, mas fui levada a uma enfermaria ampla e arejada. Um perfume de flores invadia o ambiente e ajudava a relaxar. Enormes janelas abertas para o jardim permitiam que os raios solares banhassem o local. Todas as camas, com lençóis alvíssimos, eram adornadas com rendinhas na cabeceira.

A sensação agradável causava bem-estar; porém, em alguns leitos, jaziam seres que nem pareciam humanos. Alice, solícita, explicou que eram irmãos recém-chegados do Umbral, zona bem próxima ao casarão. Evitei a curiosidade com muito custo. Pensei que eles deveriam ter desencarnado em algum acidente horrível.

— São irmãos acidentados em seus sentimentos, suas emoções desequilibradas e pensamentos desgovernados — era Irmã Serena, que se dirigia a mim com um lindo sorriso. — Como vai, Tereza?

— Bem — respondi tímida, evitando pensar em algo tolo, por medo de ela ler meus pensamentos.

— Aproxime-se — ela atendia uma senhora chorosa. — Esta é Joana, nossa nova paciente, a qual Jesus caridosamente permitiu que pudéssemos trazer para o nosso casarão.

— Eu quero ir para casa — a velhinha falava tristemente.

— Aguarde, irmã. Em breve, nós estaremos providenciando sua visita ao lar. Por enquanto, a senhora precisa repousar e alimentar-se — falava bondosamente Irmã Serena.

— Eu não quero. Eu quero ir embora.

A velhinha tinha desencarnado havia cinco anos por problemas pulmonares devido ao fumo, segundo me informou Alice discretamente, e somente agora fora resgatada da região umbralina onde se encontrava.

Joana teve acessos de tosse e vomitou uma gosma escura. Foi prontamente atendida por Irmã Serena. Fiquei surpresa por ver a dirigente do casarão em tão humilde tarefa, mas silencieei.

— Dê-me um cigarrinho — Joana pediu, olhando para mim.

— Bem que, se eu o tivesse, daria para você, mas aqui não vi ninguém fumando — respondi, lembrando que, depois que desencarnei, não havia sentido vontade de fumar.

— Quem é você? — ela perguntou.

— Meu nome é Tereza.

— Eu quero voltar para minha casa. Esses médicos e essas enfermeiras falam que eu morri, mas é tudo mentira, tudo mentira. Eu não morri.

— Nem eu. Não estamos aqui conversando? Então? Como é que nós podemos ter morrido se continuamos vivas? Você não vai comer?

— Não.

— Coma, boba! É gostoso. Coma antes que alguém coma tudo.

— Você está querendo pegar minha comida?

— É. Já que você não quer, eu não vou desperdiçar, não é mesmo?

— falei brincando, como costumava fazer com as crianças emburradas.

Joana, infantilmente, arrebatou o prato das minhas mãos e tomou o caldo com rapidez. A princípio, comeu por manha, mas depois, ao perceber o sabor e o bem-estar que proporcionava, comeu com satisfação.

Notei que Irmã Serena se afastava. Fiquei sem jeito. Achei que a tivesse magoado com a minha intromissão. Com vergonha e decepcionada comigo mesma, levantei para sair da enfermaria.

— Aonde você vai, Tereza? — ela me perguntou. Acanhada, como sempre fiquei perante pessoas mais

instruídas e importantes, eu gaguejei, emitindo um som ridículo. Quis chorar, por ser tão estúpida. Irmã Serena voltou sorrindo, abraçou-me e disse:

— Você não queria trabalhar? Então, faça seu trabalho. Há muita gente sofrendo nesta enfermaria, necessitada de compreensão e atenção. Ouça seus problemas, converse do jeito que você sabe. Ajude-os a se alimentar, a andar, a orar e a voltar a sorrir.

— Mas a senhora não ficou chateada comigo?

— Eu chamei você aqui para isso. Sabia que podia ajudar nesta ala e percebo que não me enganei. Fique! Nós precisamos de você.

— Precisam de...? Sou eu quem precisa de todos... — não consegui prosseguir devido à voz embargada.

Irmã Serena abraçou-me afetuosa.

— Estou empregada? — perguntei com alegria e emoção, tentando ser mais eficaz.

— Está servindo na seara do Senhor. E, Tereza, somos todos iguais. Ninguém é maior que ninguém. Só Deus é nosso superior. A partir de hoje, você ficará aqui conversando com esses recém-chegados, enquanto também se recupera. O que eles mais precisam é de atenção e carinho. Dê!

— Obrigada! Eu nem sei como agradecer.

— Agradeça a Deus. Mas, agora, outros afazeres me aguardam.

Irmã Serena abraçou-me com carinho e foi-se.

Agradei tanto a Deus em pensamento... Já tinha algo para fazer. Se Irmã Serena achava que eu era capaz, então eu era mesmo.

O doutor Amaro passou por mim e disse, com o seu bom humor característico:

— Aí, Terezinha... Trabalhando?

— Pois é! Irmã Serena acha que eu posso ajudar em alguma coisa.

— E pode mesmo, Tereza. Todos nós podemos fazer alguma coisa em benefício de quem sofre. Gostei da sua disposição em servir.

— Ah, doutor Amaro! Para mim, é uma bênção ter o que fazer. Fui acostumada a trabalhar desde menina. Não consigo ficar parada feito morta... Opa! Falei bobagem.

O doutor Amaro deu uma risada gostosa.

— Você é muito engraçada, Terezinha. No futuro, quero você do meu lado nas caravanas de socorro. Prepare-se! — ele falou e saiu repetindo em meio a risos: — Parada feito morta!

Eu estava muito feliz.

Joana estendeu-me seu prato e disse:

— Comi tudo.

— Muito bem.

— Agora quero dormir. E depois vou para minha casa — ela disse e fechou os olhos, virando para o lado.

— O que eu faço? — pensei e olhei ao redor para a enorme enfermaria cheia de pessoas em estado deplorável.

Muitos gemiam ainda, sentindo dores da doença que os vitimara. Alice, ao meu lado, explicou que, naquela enfermaria, todos os socorridos estavam desencarnados já havia algum tempo, diferentemente de outras alas em que se recolhiam recém-desencarnados.

— Muitos que aqui se encontram — ela prosseguiu amorosa — não sabem que já estão libertos do corpo material. Na Terra, não foram ruins, mas também nada fizeram para engrandecer ou valorizar a bendita oportunidade reencarnatória. Desperdiçaram tempo e desprezaram ocasiões preciosas. Por ignorância, recusaram o

socorro logo após o desenlace, demorando -se a vaguear pela Crosta terrestre e pelo Umbral. Alguns guardam segredos dolorosos, enquanto outros são invadidos pelo remorso. Todos carentes de atenção e amor, pois não podemos julgar os erros e desenganos alheios. Também erramos e desviamos do reto caminho no passado. Estes são irmãos em aprendizado penoso, a esperar de nós um gesto de compreensão e amor. Esta é a sua parte, Tereza, porquanto medicados todos já estão pelo doutor Amaro. Faça a sua parte e não esqueça que, em qualquer momento, Deus é o nosso socorro. Sem os olhos Dele, estaríamos cegos e sem destino.

— Estou pronta para exercer a minha função nesta enfermaria. Agradeço a Deus a oportunidade de ser útil.

— Mantenha a mente e o coração em alegria e mãos à obra — disse Alice, sorrindo e saindo do local.



## **Uma história inacabada**

Não tive medo de ficar só naquela imensa ala. Deus estava comigo. Sentia-me amparada por uma força extraordinária que emanava daquele ambiente. Uma paciente gemeu mais forte. Fui até ela. Limpei seu rosto, cheio de terra e feridas putrefatas. Rezei com muito ardor para não recuar. Logo após minha prece, meu coração foi invadido por grande amor àquela desventurada, que, um dia, fora criança e pela qual, em algum lugar, uma mãe rezava.

— Mãe? — chamava, com voz sumida. — Mãe? É você, minha mãinha? — apertava a minha mão, tentando me segurar ao seu lado.

— Sou uma amiga sua — falei em seu ouvido, como se me dirigisse a uma filha do coração.

— Não a deixe se aproximar. Não deixe mãinha ver — rogou, quase alucinada.

— Acalme-se, minha filha.

— Ela está aqui? Minha mãe está aqui?

— Eu não a vejo — respondi. — Acalme-se! Você está entre amigos.

— Onde estou?

— Na enfermaria do Casarão da Esperança.

— Num hospital? Então não morri?

— Tente abrir os olhos — pedi, orando a Deus em pensamento, para que Ele me desse intuição sobre a melhor forma de lhe falar a verdade sem a ferir. — Tenho medo.

— De quê?

— De ver minha mãe. Ela já está morta e, desde que minha doença se agravou, tem aparecido mandando eu acordar. Estende os braços e chama-me. Ó Deus, será que ela já sabe? Ela não podia ficar sabendo.

Voltou a choramingar, e eu, em preces, fui limpando seu rosto, mas era muito difícil remover a terra que o cobria. "O que acontece com esta pobre moça?", pensei. Olhei para trás e vi Clara, outra enfermeira, que atuava com o doutor Amaro nas caravanas socorristas. Muito solícita, ela esclareceu em voz baixa:

— Nossa amiga Matilde, que ora jaz neste leito, ainda conserva as impressões do túmulo, de onde se recusava a sair por intermédio das mãos amorosas de sua genitora. Sua alma está cheia de arrependimento, pois esconde da mãe a origem de seu trabalho como prostituta de luxo. A mãe nunca a condenou, nem enquanto esteve encarnada, nem depois de vir para cá, onde foi recebida com a dignidade merecida e empenhou-se em dar novo rumo à vida de

sua filha, ainda na carne. Matilde, intuída pela mãe, tentou mudar e estava quase conseguindo, quando foi surpreendida pela doença que a vitimou. Com o espírito sobrecarregado de remorsos e esquecido da religião que aprendera na infância, nem sequer percebeu a transição da morte. Apegou-se ao corpo e com ele foi para o túmulo, rejeitando sistematicamente as tentativas de resgate materno. Há alguns dias, demonstrou desejos de renovação e, amparada pela mãe, iniciou rogativas a Jesus. Todos os que pedem são atendidos por Ele. Foi salva e trazida para cá pelos socorristas do casarão.

— Triste história — comentei.

— Mas cujo final ainda não foi escrito. Ajude-a a escrevê-lo, Tereza. Vamos orar por esta querida irmã tão sofrida.

Acompanhei Clara nas orações. Desejei ardentemente retirar aquela terra do rosto de Matilde. Ao fim das preces, passei a alva toalhinha em seu rosto e limpei-o com satisfação.

— Parece um milagre! — falei.

Clara sorriu e foi atender outra irmã que sofria. Matilde abriu os olhos.

— Quem é você? — perguntou-me.

— Sou apenas uma amiga que usufrui o amparo desta casa.

— É uma paciente do hospital?

— Sim.

— E desde quando eles deixam pacientes cuidarem dos enfermos? Isto deve ser um hospital do governo, para acontecer este disparate. Quero falar com algum médico.

— O doutor Amaro, em breve, virá falar com você — respondi, limpando suas mãos cheias de feridas.

— Você sabe fazer as unhas? Eu preciso de uma manicure. Devo estar horrível Onde está o meu estojo de maquiagem?

Fiquei olhando para ela sem saber o que responder. Ela se irritou:

— Vai ficar me olhando feito uma palerma?! Controlei o meu impulso. Pensei em tudo o que eu

havia recebido até então. Pensei no Criador e na visão de Jesus no oratório.

— Aos olhos de Deus, você está linda! — falei, sem saber por quê. Ela desatou a chorar e pediu desculpas. Estava estressada, alegou. Muito doente, muito doente, e ainda havia os pesadelos com sua mãe.

— Pesadelos ou belos sonhos? — arrisquei.

— Pesadelos, é claro! — falou categórica.

— Desde quando uma mãe querendo abraçar uma filha querida é pesadelo?

— Ela não sabe. Não pode saber.

— Que você errou, Matilde? Ela sabe há muito tempo e nem por isso diminuiu o amor por você. Pense bem, mocinha. Falo com você como se fosse uma filha minha. Você errou, é verdade, mas quem pode condená-la? Quem pode julgar os seus motivos? Quem não erra? E disseram-me que você tentou mudar o rumo de sua vida.

— Mas minha mãe achava que eu era uma mulher esforçada e importante. Uma alta executiva. Ela se decepcionaria se soubesse como consegui vencer.

— Somente Deus pode julgá-la.

— Estou estressada — ela repetiu. — Esta doença interminável! Eu quero ficar curada e, depois, vou mandar rezar uma missa para que a alma dela descanse em paz.

— Você já está curada. Não possui mais nenhuma doença — era o doutor Amaro, que havia chegado e a orientava. — O espírito não adoce. Relembre, Matilde: não fuja da verdade. Você está bem.

— Então é verdade? Eu não sonhei? — falou ela, temerosa. Ficamos em silêncio.

— E minha mãe?

— Aguarda ansiosa o feliz momento de abraçá-la — respondeu o doutor Amaro.

— Ela me perdoou?

— Nunca viu motivo para condená-la.

— Obrigada, obrigada, doutor! Matilde olhou para mim e disse:

— Por favor, ajude-me a ficar mais bonita para minha mãe. Passei água em seu rosto, ajeitei seus cabelos, e, durante alguns minutos, tentamos melhorar sua aparência, com resultado bastante positivo, pois Matilde mudara seu padrão emocional. O doutor Amaro observava com satisfação. Ao fim, ele deu um assobio elogioso e mandou que ela tomasse um dos seus remédios. Ela lhe obedeceu.

— Por favor — solicitou a Clara, contendo a emoção —, peça para ela entrar.

A enfermeira adentrou, conduzindo a genitora de Matilde. Foi muito emocionante, e não pude deter as lágrimas.

— Vitória no primeiro dia, Tereza! Você está se saindo melhor do que eu esperava.

— Sua bondade é grande, doutor. Nada fiz.

Ali permaneci durante um bom tempo com os pacientes, ouvindo suas dificuldades ou até mesmo segurando suas mãos, quando sentiam dores ou apenas necessitavam de carinho. O trabalho fazia-me bem, mas, de vez em quando, havia necessidade de repouso. Ainda me alimentava com caldo de legumes e creme de frutas. Comia bem mais que Maria. O doutor Amaro estava sempre por perto, cuidando do meu estado de saúde.



## Nos braços da mãe

Apesar de estar feliz, algo em meu coração teimava em doer. Era a saudade. Eu não sabia como dizer para Irmã Serena nem para Maria o vazio que, de vez em quando, tomava conta de mim. É que tudo estava muito bem. Recebia notícias de vocês com frequência, mas a saudade era inevitável. Sentia falta das viagens, das conversas e até das brigas, que logo se resolviam, mas tudo isso era pequeno perante a falta que fazia olhar para o rosto de cada um de vocês.

No meu dia de folga, fui ao jardim central do casarão. Era um bellissimo local, com chafariz e muitos pássaros mansos. Gostava de ouvi-los cantar. Lembrava a roça na qual fui criada. Tive vontade de chorar e chorei. Onde estavam minhas filhas e meu filho, minha nora e meus netos? Onde estavam todos? "Deus, o Senhor colocou-os ao meu lado, e agora estou apartada. Uma mãe não agüenta uma separação como esta! E minha mãe? Onde está ela?", pensei. Via sua imagem e conversava com ela nos sonhos, mas onde a encontrar? Maria dizia-me que ela estava em outro plano, mais elevado, o que dificultava nosso encontro, porém as visitas por meio dos sonhos eram reais, sendo essa a maneira mais fácil de nos comunicarmos.

Ao adormecer, eu me libertava do envoltório sutil do perispírito e, em um veículo mais delicado, conseguia manter contato, tal qual é costumeiro quando estamos encarnados e ao dormir, libertos do fardo grosseiro da carne, podemos comunicar-nos com espíritos afins. Mas isso não me bastava. Estava com saudades, e Deus haveria de entender, pois, sendo um espírito ainda em aprendizado e dentro de uma esfera mais baixa de compreensão, eu sentia falta da presença daqueles que amei como filhos queridos. Foram anos

de convivência, e, se o Pai não se esquecia de mim nem por um minuto, por que eu haveria de esquecer dos meus rebentos?

Quando minha mãe faleceu, há tantos anos, a vi, em espírito, na porta de minha humilde casa. Ela estava linda e sorridente. E agora? Como ela estaria? Por que não posso encontrá-la de novo? Meu pai já me tinha visitado. Minha mãe havia desencarnado bem antes dele, e não conseguia vê-la!

Lembrei as traquinagens que eu fazia. Senti o gosto da comidinha dela. O barulho de suas saias, o calor de seu colo e sua linda voz. Até podia ouvi-la cantando as alegres músicas italianas. Chorei intensamente. Pedi a Deus a graça de encontrá-la. Implorei-Lhe a alegria de contemplar aquele lindo rosto.

— Mãe! — falei chorando. — Estou ouvindo sua voz a cantar, mas onde você está, minha mãe?

— Aqui ao seu lado, Terezinha!

Nem acreditei no que vi. Era ela. Estava sentada ao meu lado. Estendeu os braços, e atirei-me neles, como criança. Ouvi seu riso. Senti seus cabelos, seu calorzinho gostoso, seu cheiro, o contato de suas mãos... Eu era uma criancinha no aconchego do colo da mãe querida. Ela afagava meu rosto, e percebi que lágrimas escapavam de seus olhos.

— Como você está linda, mãe! Que saudades! — balbuciei com voz infantil e maravilhada perante a visão de minha mãe, que não abraçava havia quase cinqüenta anos.

— Nunca a esqueci, Terezinha. Nunca.

— Eu sei, eu sei.

Não tenho idéia de por quanto tempo ficamos abraçadas. Era o paraíso. Conversamos longamente. Ela falou sobre tantas coisas, sobre o futuro, baseado nos acertos e erros do passado, e sobre minha conduta agora no presente. Ela queria que me apressasse em cumprir todas as minhas obrigações, para que, um dia, pudéssemos estar juntas.

Ao se referir a meu pai, ela disse que estava esperançosa em sua vontade de evoluir. Ele vinha se dedicando ao trabalho com muito empenho e de todo o coração. Seus créditos perante Deus aumentavam a oportunidade de uma nova encarnação para muito breve.

Depois de muito tempo de nossa conversa, notei a presença, um pouco afastada, de todos os meus irmãos e irmãs. Fiquei sem jeito, pois havia monopolizado todas as atenções de minha mãe.

— Não se preocupe — falou Álvaro. — Todos nós já tivemos os nossos momentos a sós com nossa mãe.

— Mas, como sua visita é escassa, sempre aproveitamos para ouvir suas orientações a respeito de novos empreendimentos — era Inocenza quem falava.

Maria aproximou-se chorando. As duas tiveram um desentendimento no passado, mas, agora, tudo parecia estar resolvido. Ao longe, vi meu pai chegando-se, de cabeça baixa e com o chapéu na mão. Era o ensejo que tínhamos de conviver, por alguns momentos, com um espírito superior e que, na atual circunstância, se incumbia de nos orientar e de organizar novas oportunidades de crescimento espiritual para nosso grupo familiar, sob a égide de Jesus Cristo.

Tivemos nossa reunião em família. Mamãe possuía condições para deliberar a respeito do futuro de todos nós. Ela havia recebido essa missão de espíritos mais graduados. Foi um feliz encontro, que chamou a responsabilidade a cada um de nós. Tudo ouvíamos, e transparecia justiça dos lábios daquela humilde mulher, que me havia concedido a bênção da minha última encarnação.

Ao fim, abraçamo-nos. Papai estava emocionado pelo progresso conseguido. Beijava a mão de sua esposa com imenso júbilo e prometendo elevar-se até, pelo menos, os seus pés. Mamãe sorria de seu entusiasmo e comprometia-se a aguardá-lo. Não se apartaria de nenhum de nós até que pudesse entregar-nos de volta a Deus, purificados e compatíveis com a Lei Divina.



## A boa notícia

Apesar da alegria da visita de minha mãe, eu continuava com saudades dos meus filhos. Deus sabe que não queria desencarnar, mas já estava adaptada a minha nova vida e satisfeita com ela. Porém, a saudade não dava tréguas. Minha mãe havia falado que, em breve, eu iria até meu antigo lar e poderia rever os meus queridos. Aguardando a oportunidade, permaneci calada, mas vivia em orações, pedindo a graça de visitá-los.

Certo dia, ao sair da Casa de Orações, onde tinha ido fazer preces para que Deus me desse a alegria de abraçar os que deixei na Terra, encontrei Irmã Serena. Com simpatia, ela me cumprimentou e pediu que eu sentasse em um daqueles bancos do jardim aprazível que circundava todo o casarão. Ela iniciou o diálogo:

—Tereza, desencarnei há muitos anos, cinqüenta e dois para ser exata. Deixei na Terra minha menina Cecília, na época com 10 anos. Até hoje sinto a falta dela. Nunca deixei de ampará-la depois que me recuperei, aqui mesmo, neste casarão. Aguardo com alegria o dia que ela também virá fazer-me companhia no plano em que ora nos encontramos. Mas isso se dará daqui a vinte e poucos anos, quando seu tempo na Terra estiver cumprido. Bem, ela está se saindo com honra de todas as provas que pediu para seu adiantamento. Recentemente, o doutor Amaro e eu observamos a mudança em seu corpo físico, o qual irá abrigar a doença que ceifará seus dias no momento determinado pelo Criador. Tudo foi planejado para o correto cumprimento de seus deveres perante a Lei. Cecília iria desencarnar de forma violenta, mas sua conduta atual está impedindo a morte repentina, que, na maioria das vezes, desequilibra a entrada em nosso mundo. Portanto, devido aos

créditos que está angariando, terá ela a bendita oportunidade de desencarnar vagarosamente, com tempo de refletir sobre seus erros e acertos, e, melhor ainda, por meio de longa doença, que purificará seu perispírito, de modo que lhe seja possibilitado o ingresso na Espiritualidade com o mínimo de energias físicas, as quais atrapalham e dificultam o acesso ao nosso mundo.

Ela se calou, e eu aproveitei seu silêncio para perguntar:

— Foi o que aconteceu comigo?

— Sim. Você se purificou por meio da enfermidade dolorosa e prolongada, mas o que foi decisivo no seu caso é que aceitou tudo com resignação. Por isso se adaptou rapidamente ao lugar em que, por enquanto, permanece. Já percebeu que a maioria dos desencarnados são recebidos em enfermarias e você teve um quarto a seu dispor?

— Foi uma honraria, a qual não sei o que fiz para merecer.

— Sua humildade e resignação, seus amigos e a caridade que você praticou em vida deram-lhe esse direito. Sem esquecer os mentos de sua mãe e o esforço de Armando, que tanto pediu por você durante todo o tempo em que esteve encarnada.

— Fui pobre por quase toda minha vida. Somente nos últimos anos meus bondosos filhos me deram conforto. Estou surpresa com o mundo dos espíritos. Já vi pessoas riquíssimas nas enfermarias a mendigar um pouco de atenção. E criaturas humildes e desvalidas da sorte financeira entrarem aqui como vencedoras.

— Veja, Tereza, não é o tesouro que ajuntamos na Terra que dá ingresso a lugar privilegiado no mundo espiritual. Aliás, não existe privilégio por aqui. Existe mérito. Qualquer pessoa pode conseguir aportar nestas paragens em condições até melhores do que a sua. Basta o coração estar afinado com a harmonia. Independe de religião ou *status* social. Aqui, de nada valem os tesouros da Terra, mas, sim, os dons do espírito. Todos têm direito a lutar pelo progresso e conforto enquanto estão encarnados, porém sabiamente devem lembrar do esforço em progredir e buscar fartura também

em Deus. Quem esquece a presença da Luz acaba encontrando a escuridão, ao se defrontar com a verdadeira Vida.

Olhei o sol através dos louros cabelos de Irmã Serena. Um sentimento de profunda gratidão misturou-se à saudade. Ela prosseguiu:

— Tereza, chegou a hora pela qual tanto espera. Bem sei que amava a vida a qual levava, que preferia não ter desencarnado.

— É verdade.

— Mas resignou-se com facilidade, devido às inúmeras renúncias que fez em vida. Estava acostumada a aceitar as situações adversas enquanto na Terra e, aqui, acabou conformando-se com a nova vida.

— Não foi difícil aceitar minha nova vida. É bom demais estar em um lugar tão lindo quanto este, mas a saudade...

— Muito bem — Irmã Serena prosseguiu. — Assim como eu acompanho de perto o desenrolar da vida de minha Cecília, você já obteve a permissão de visitar seus parentes encarnados e poderá, sempre que for possível, ajudá-los. Contamos com seu bom senso e coragem. Nem sempre é fácil ver os que ficaram. Muitas provas principiam a partir de um desencarne. É o que ora acontece com dois de seus filhos. Não gostaria de vê-la triste, pois as dores não derrubam os filhos de Deus. Ao contrário, fortalecem.

— Acho que estou preparada. Intuitivamente, sei quais dos dois irão atravessar duras provas nos próximos anos. Quero, com o consentimento de Deus, poder ajudá-los.

— Armando já tem tudo pronto para sua primeira visita. Ele irá com você.

— Quando?

— Amanhã, está bem?

— Está ótimo.

— Irão com vocês dois sua irmã Maria e Heitor, seu professor.

Feliz com a notícia, agradei a Irmã Serena. Ela prosseguiu:

— Heitor é um espírito muito bem-preparado para acompanhá-los. Ele tem considerável elevação, que poucos percebem. Hoje, ele aqui

se encontra, pois pediu a Deus para ajudar a mãe, que se demora em erros. Abnegado e amoroso, renunciou à oportunidade merecida de estar em planos mais elevados em favor do socorro da genitora. Espírito atuante na região umbralina, ao lado do doutor Amaro tem conseguido reconduzir muitos ao aconchego divino. Sua humilde tarefa de professor demonstra a grandiosidade do verdadeiro amor, que age em silêncio. Esteja atenta para aprender com esse amigo em Cristo.

Dito isso, ela se retirou para atender Clara, que requisitava sua presença. Avistei Heitor, o rapazinho gentil que me estava ensinando a escrever, e pela primeira vez notei nele uma aura reluzente, que antes escapara de minha percepção. Ele se aproximou, sorrindo.

— Heitorzinho — falei alegre —, já sabe da novidade?

— Sei. E não vejo a hora de partir. Disseram que mamãe saiu do Umbral e vaga pela Terra em lugar próximo à casa de sua filha. Você poderá ajudar-me a tentar trazê-la para cá, Tereza?

— Eu ajudar você? — perguntei, refletindo sobre o que Irmã Serena me havia revelado. — Com todo o prazer!

— Tem sido difícil chegar ao coração de minha mãe. Até papai já a perdoou, mas ela não se arrepende e continua vendo em nós os causadores de sua infelicidade. Mas, agora, estou confiante em que, desta vez, irei trazê-la ao nosso convívio.

Contemplei os pássaros cantando alegremente, respirei o ar delicado, porém, ao olhar mais para longe, avistei o céu nublado do Umbral. Pensei no sofrimento daqueles irmãos. Heitor e eu oramos em favor daqueles seres, que perambulavam em agonia simplesmente por não aceitar o amor de Deus. Mas, se era possível a existência do nosso Casarão da Esperança, também era possível que, um dia, eles fossem abrigados ali dentro para um novo reinício.



## O retorno à Crosta

No dia seguinte, fui trocar-me para minha primeira viagem à Terra. Queria estar bem-arrumada, bem-penteada. Maria sorria do meu entusiasmo. Bateram à porta. Era Armando. Estava acompanhado por um belo cachorro policial, que, assim que me viu, pulou em meu colo, fazendo festa.

— Que cachorro bonito, Armando!

— Não se lembra dele? Olha que ele se lembra de você! Observei o animal mais de perto. Fitei-o nos olhos. Reconheci aquele olhar amoroso.

— É Piloto! — falei emocionada, enquanto o cão latia alegremente, parecendo muito feliz com minha lembrança. — Como é possível? Ele morreu há tantos anos...

— E não é ele uma criatura de Deus? — perguntou Armando. — Nada é sem propósito no Universo. Toda criação divina é importante. Até mesmo um animal merece o sopro divino.

— Piloto foi mais que um amigo. Sempre foi muito fiel e corajoso.

— Ele irá conosco — falou Armando.

— Será que pode?

— Ele está acostumado a essas excursões. Tem sido um parceiro constante nas visitas ao Umbral. Não se preocupe! É comum a utilização de cachorros em determinadas empreitadas.

— Fico feliz em saber que, também para ele, a vida continua — concluí.

Heitor aproximou-se. Brincou com Piloto, que parecia conhecê-lo.

— Este cachorro é um valoroso aliado. E sabe o que mais, Tereza? Ele também precisa progredir — falou Heitor. — Nada deve ficar para trás no caminho da evolução. Então, vamos?

— Será que elas irão me ver? — perguntei ansiosa, enquanto caminhava ao lado de Armando, Maria, Heitor e Piloto.

— Toda vez que as visito, elas sentem a minha presença — disse Armando.

Nunca fui melindrosa e, embora mais sensível, segurei firme a emoção. Encontramos o doutor Amaro, que nos cumprimentou e afagou a cabeça do cachorro.

— Aí, Piloto! Preparado para mais uma viagem à Terra? O cachorro latiu alegremente.

Fomos para a estação, onde recebíamos recém-desencarnados que precisavam de condução para ali aportar. Um carro estava a nossa espera. Despedimo-nos do médico e entramos. Viemos direto para a Terra. Nada vi durante a viagem, que foi curtíssima. Paramos nos arredores de São Paulo. Curiosa e com certa ansiedade, quis descer imediatamente do carro. Senti o impacto das densas energias que nos circundavam. Maria amparou-me.

— Isso é por causa da poluição? — perguntei.

— Poluição mental — ela respondeu.

Piloto desceu do carro e ficou em posição de alerta.

— Vamos orar, pedindo a orientação divina — sugeriu Heitor.

Após a prece dele, eu me senti melhor. Armando esclareceu:

— Embora o Casarão da Esperança esteja situado em região próxima do orbe, lá respiramos energias sublimes, devido ao alto padrão de pensamento encabeçado pela querida Irmã Serena. Aqui, nesta cidade, as energias são contraditórias. Há um sem-fim de angústias, pensamentos deprimentes e violentos, em contraste com outros padrões mais elevados. É como se saíssemos do oxigênio puro para respirar um ar bastante poluído. E, como bem disse Maria, a pior poluição é a mental. Atenha-se à prece todas as vezes em que se sentir mal, pois ela é a nossa reserva de forças.

— O restante do caminho, seguiremos a pé. Será um aprendizado para todos nós — lembrou Heitor.

Sáímos a caminhar pelas ruas da cidade. Era manhã, e o trânsito, como sempre, estava parado. Espíritos zombeteiros corriam entre os carros. Em alguns, paravam e metiam a cabeça lá dentro.

— É como se fosse um banquete — era Heitor quem falava. — O nervosismo devido ao congestionamento faz muitos encarnados perderem o equilíbrio e se encherem de ódio, emitindo energias grosseiras, que são o repasto destes infelizes espíritos atormentados. Muitos espíritos em desatino invadiam a cidade e, sem nenhum respeito, entravam nos carros, subiam nas pessoas e espiavam pelas janelas das casas e dos apartamentos, esperando momento propício para entrar. Alguns gargalhavam, enquanto outros se lamentavam e choravam. Tive medo.

Um sofredor de aspecto sinistro olhou para mim. Piloto rosou para ele, que se afastou rapidamente.

— Não tema, Tereza! São apenas doentes da alma, mas continuam sendo filhos de Deus, como nós. Não há por que temer pobres irmãos doentes. Mantenha-se calma! — Armando tranqüilizou-me.

— Mas é assim em toda a cidade?

— Existem lugares mais tranqüilos. Faça uma prece e verá que não estamos em uma cidade caótica e desamparada — propôs Heitor.

Orei com fervor e, ao abrir os olhos, vi cenas maravilhosas. Bons espíritos por todos os lados, acompanhando seus protegidos e ajudando irmãos em sofrimento. A paisagem melhorou muito.

— Tudo é uma questão de sintonia. Atraímos aqueles com os quais nos sintonizamos — disse Heitor.

Entendi a lição recebida. Fiz carinho em Piloto, que lambeu meus dedos. Era um cão dedicado e fiel. Prosseguimos.



## A primeira visita

Chegamos na casa de minha filha mais velha, Maria Amélia. Fomos recebidos pelo Irmão Varela, protetor da casa. Ele ficou muito feliz com minha visita, e seguimos até o quartinho em que Maria Amélia se debruçava sobre trabalhos artesanais em benefício do bazar de caridade do centro espírita no qual militava.

Emocionada por entrar num lugar tão conhecido dos meus dias na Terra, quase chorei, mas fui sustentada pelo olhar firme e carinhoso de Armando. Abracei minha filha querida. Imediatamente, ela parou com o bordado, levantou a cabeça e murmurou com emoção:

— A mãe está aqui!

Seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Ai, mãe, que saudade! — desatou a chorar, mas pegou, numa estante próxima, o livro *Fonte Viva*, de Chico Xavier, e, em oração, abriu-o sob intuição do Irmão Varela. Leu a mensagem renovadora de esperanças e, falando em voz alta, dirigiu-se a mim:

— Mãe, se a senhora está aqui, eu espero que esteja bem. Nós estamos bem. Não se preocupe conosco. A vida aqui embaixo é difícil, mas é assim mesmo. Fomos nós que pedimos as nossas provas. Portanto, não se preocupe com seus filhos que estão encarnados. Pense na senhora, em se elevar e se instruir.

Vá conhecer outros planos espirituais e encontrar toda a sua família que está desse lado. O pranto interrompeu-a.

— Não ligue para as minhas lágrimas! É só de saudade. Não sofra! Chorar alivia. A senhora foi uma mãe maravilhosa, e é normal sentir falta.

Maria Amélia enxugou suas lágrimas, e eu, as minhas. Ela abriu o Evangelho, e oramos todos juntos. Ao fim, Varela conversou conosco:

— Como já é de conhecimento do Irmão Armando, Maria Amélia está aproveitando muito bem sua encarnação. Poderia até ser melhor, mas ela está apresentando um grande progresso em relação aos compromissos assumidos antes de encarnar. Sua frequência no centro espírita ao qual se afina doutrinou sua conduta e deu um novo rumo à sua vida, ao lado do esposo, que atualmente também se vem dedicando à confecção de artesanato para as obras de caridade.

Fiquei satisfeita em ver que minha filha já se preparava desde a Terra para o Reino de Jesus. Armando revelou-me que, em encarnações mais recentes, nossa Maria Amélia já apresentava desejos de mudança em direção a Jesus. Nesta vida, optara pela simplicidade. Havia pedido o afastamento total da mundanidade, pois foi no seio de festas sociais que, no passado, ela adquiriu muito egoísmo e queda nos desvios sexuais.

— Como nossa filha primogênita e contando com a minha severidade de homem muito ignorante, ela foi podada em seus anseios de diversões, amizades frívolas e amores irresponsáveis. Pelo menos, para alguma coisa serviu a minha estupidez e brutalidade do passado — concluiu Armando, tristemente.

— Você não sabia agir de outro jeito, Armando — falei um tanto ríspida, como era do meu costume, quando vivemos juntos na Terra.

Arrependi-me e fiquei muito sem graça. Ele me acudiu:

— Você está certa. Eu não sabia mesmo agir de forma diferente.

— Eu achei que você fosse lamentar-se, como costumava fazer quando era encarnado — falei, querendo pedir desculpas, mas percebendo que estava ficando cada vez mais sem graça.

— Relaxe, minha velha. Nós já entendemos o que você quis dizer — assegurou ele, sorrindo.

Maria e Varela também sorriram.

— Deus sempre aproveita nossas falhas para nos ensinar — concluiu Varela. — A rigidez de Armando, acompanhado, entretanto, por seu coração bondoso, beneficiou Maria Amélia, evitando que ela recaísse na frivolidade.

— Bondoso, Armando sempre foi — falei e o olhei, para ver se ele entendia meu pedido de desculpas.

Ele sorriu, piscou seus olhinhos verdes, e eu fiquei feliz, porque percebi que o surpreendera com o primeiro elogio que fizera dele em sua presença. "Deus do céu! Por que nunca o elogiara?! Como perdemos tempo em não falar o que vemos de bom nos outros!", pensei.

Despedimo-nos de Varela e fomos para a casa de Sônia, nossa segunda filha. Fomos a pé, apesar da distância. De nós quatro, somente Armando e Heitor sabiam voitar. Maria estava aprendendo, mas as emanções das pessoas encarnadas eram muito densas, o que a impedia de se locomover com agilidade.



## **Perigo no ônibus**

Por várias vezes vi que Armando e Heitor não tocavam o chão. Eu ainda ia trocando os pés. De qualquer modo, não deixava de ser curioso observar, com visão espiritual, os transeuntes. Havia muito mais espíritos do que encarnados. Quase todo mundo carregava dois ou mais companheiros. Alguns bem-acompanhados, outros

nem tanto. Os que iam só eram pouquíssimos. Perguntei a Armando o porquê. Maria também estava curiosa.

— Os que vão sem companhia talvez sejam os mais bem-acompanhados — respondeu ele.

— Como assim? — quis saber minha irmã.

— Estão em companhia de Jesus. Observem que muitos zombeteiros tentam aproximar-se, mas são repelidos pelas vibrações mais elevadas que aqueles espalham ao redor de si. São espíritos superiores encarnados. Estão sempre em sintonia com o plano astral superior. São independentes em espírito e praticamente dispensam o acompanhamento de um protetor pessoal. Entretanto, quando há necessidade de assistência a um deles, uma verdadeira multidão de seres angélicos apresenta-se. Vejam aquela senhora...

Era uma velhinha muito humilde que subia em um ônibus. A um sinal de Armando, subimos juntos. Fiquei penalizada, pois a senhora estava com dores nas pernas e ninguém se levantava para ceder lugar.

— Observem o pensamento dela — disse Armando. Eu tentei, mas só consegui perceber que ela estava em

oração. Armando prosseguiu:

— Ela reza pelo sofrimento destas pessoas que estão apertadas dentro deste carro. Ela pede proteção ao motorista para livrá-lo de acidentes ou assaltos. Vejam que, dentro deste ônibus lotado, das quase cinqüenta pessoas, somente dez estão acompanhadas de seus protetores. Os outros estão cheios de companhias afins. Muitos carregam obsessores de outras vidas, enquanto a outra parte atraiu péssimas parcerias nesta vida mesmo. Voltemos à velha senhora, ainda em oração e rogando piedade pelos que sofrem. Notem aquele rapaz ali sentado. Observem que ele está armado e querendo assaltar este ônibus.

Olhei o jovem e vi que seu olhar era atraído para o da velhinha. Seus companheiros espirituais, em baderna, gritavam que ele assaltasse. Era tanta pressão que exerciam que me admirava que ele

se mantivesse calado. De repente, ele levantou. "É agora que vai assaltar!", pensei.

— Ó dona! — ele se dirigia à velhinha. — Sente aqui. Já que nenhum malandro aí na frente teve educação para levantar o traseiro, pode vir sentar no meu lugar.

A velhinha veio sorridente e agradeceu:

— Você é um anjo, meu filho! Minhas pernas estão me matando. Deus lhe pague tanta bondade!

O rapaz puxou a cordinha da campainha, indicando que desceria no próximo ponto. Foi andando pelo corredor em direção à porta.

— Folgados! Parece que nem tiveram mãe... Bando de safados! Nem sabem do que se livraram! — o rapaz xingava a todos, bem alto.

Ele desceu, e nós descemos juntos, vimos que ele recebia uma tremenda bronca de seus comparsas invisíveis. Nem ele entendia o porquê de não ter assaltado o ônibus.

— Tô ficando mole, meu! — ele falava alto. — A velhinha mexeu comigo... — falou um palavrão e sinalizou com a mão para outro ônibus.

Ali ficamos — Maria, Armando, Heitor e eu — rezando para que também naquele ônibus em que ele subira houvesse uma senhora igual àquela. Mas eram tão raros os encarnados cuja companhia é somente Jesus!...



## Tristes recordações

Fomos em direção à casa de Sônia. Ao nos encontrarmos, estava saindo para trabalhar. Entramos no carro com ela. Chorei muito. Era com essa filha que eu menos afinizara em vida. Nossas brigas eram constantes, e somente dois anos antes de meu desenlace havíamos entrado em sintonia amigável. Ela sentiu a presença do pai, mas não a minha. Colocou uma música caipira no toca-fitas como forma de o agradar. A lembrança daquela música acalmou-me. Armando explicou:

— Sônia e eu somos companheiros de jornada há séculos. Ora como amigos de baderna, ora como parceiros de ganhos materiais. Apesar disso, nunca havíamos criado um vínculo afetivo nem de amizade produtiva. Na última encarnação, porém, houve uma grande tragédia: enlouquecido de ódio, eu, um grande fazendeiro, queria matar minha filha, que fugira com um rapazote de família inimiga. Sabendo que o rapaz e a menina — pois minha filha tinha apenas 15 anos de idade — se haviam refugiado na bela mansão onde Sônia comandava um bordel de luxo, fui até lá, armado e pronto a lavar minha honra, matando o casal. Sônia recebeu-me à porta e tentou contemporizar, explicando o lucro que eu poderia ter com a união dos dois. "O rapaz é único herdeiro", ela argumentava. Mas eu estava cego. Apesar de sua vida devassa, Sônia tinha bom coração. Ela apelou, por nossa amizade tão íntima, que eu voltasse para casa e me acalmasse. Não queria ver-me criminoso nem desejava a morte de minha filha, que ela acabara de conhecer, mas pela qual já nutria muita simpatia. Garantia-me que nada havia ocorrido entre o casal sob sua guarda que desonrasse meu nome. Meu ódio era intenso. Eu era rico, letrado e muito importante na cidade para admitir desobediência de uma criança. Pedi que chamasse a menina para

ver se estava tudo bem. Sônia mandou que viesse. Ouvi minha filha implorar para não vir até a porta onde eu estava. Ela sabia que não a perdoaria jamais. Porém, com a insistência de Sônia, ela surgiu, amedrontada. Mirei o trabuco e disparei. Sônia entrou na frente de minha filha, morrendo em seu lugar. Fiquei transtornado, pois amava a bela dona daquele bordel. Mesmo assim, carreguei minha menina para casa, mas, em pouco tempo, ela fugiu de novo, e não ouvi mais nenhuma notícia sua. Somente que tinha fugido com o mesmo rapazote.

Armando continuou, triste, sua narrativa: — Minha vida perdeu o significado. É claro que, sendo eu importante e Sônia apenas uma prostituta, nada me aconteceu. Entretanto, meus dias ficaram amargos. Dediquei-me à Igreja, construí algumas paróquias e, sem que ninguém soubesse, fiz muita caridade. Nunca mais ergui meus olhos para o céu. Não tendo para quem deixar tanto dinheiro, eu o empreguei em benefícios para os pobres, mas nada mais alegrou meu coração. Ao desencarnar, reencontrei Sônia, que jamais guardou mágoa pelo ocorrido. Eu adquirira um certo merecimento pelo bem que fiz a tanta gente, e ela havia finalmente resgatado uma dívida cômica com minha menina. Combinamos, então, que eu lhe devolveria a vida nesta encarnação, sendo o seu pai.

Em prantos, abracei Sônia. Um dia, eu também gostaria de saber por que brigávamos tanto. Qual a razão de ela ser a mais difícil de lidar? Olhei para Armando e percebi que ele sabia, porém já aprendera que tudo tem o momento certo para ser revelado. "Mas, agora, eu a amo, minha filha!", disse-lhe docemente.

— Acho que a mãe está aqui também — pressentiu. Nesse instante, ela chegou a seu destino e tinha de ir a uma reunião. — Mais tarde, vou ao Centro — concluiu.

Desceu do carro e, um tanto incomodada, falou para que ouvíssemos:

— Se realmente o pai e a mãe estiverem aqui, eu peço que me dêem um sinal ainda hoje. Ah, pai, o senhor, que está no plano espiritual há mais tempo, veja se cuida da família e dos meus filhos.

Sônia seguiu para o seu trabalho. Seu protetor despediu-se de nós e a acompanhou.



## **Lembranças das viagens**

Fomos para a casa de minha outra menina, Miriam. Na entrada de sua residência, quem nos recebeu foi seu protetor, Espiridião. Muito feliz com nossa visita, ele informou que minha filha estava no banho.

Armando, Heitor e ele, em respeito à situação, aguardaram na sala, mas eu coloquei aquela criança no mundo e não agüentava um minuto a mais sem a ver. Sempre tão magrinha, de poucas risadas, puxara ao gênio do pai. Ela era minha parceira de viagens a Minas Gerais. íamos sempre para uma cidadezinha aprazível, onde ela possuía uma confortável casa. Adorávamos viajar ouvindo música e conversando.

Caridosa e prática, espírita há muitos anos, empenhava-se em ser correta no proceder sugerido pela doutrina. Nessa cidadezinha mineira, ela realizava grandes benefícios materiais e espirituais.

Maria e eu fomos ao encontro dela, que abriu a porta e parou bem na minha frente, como se sentisse algo. Emocionada, falou:

— Mãe, é a senhora que está aqui?

— Sou eu, minha filha — respondi, sentindo que a barreira entre os dois mundos é muito sutil.

Miriam desatou a chorar. Abracei-a e tentei consolá-la com palavras de carinho.

— Eu não queria que a senhora morresse! Sinto tanto a sua falta!

Ela não conseguia segurar a emoção, embora estivesse contida em sua dor. Não havia nenhum sentimento de revolta naquelas palavras de saudades. Eu não chorei. Deus me deu amparo e força para entender a dor que ia pela alma de minha filha. Armando aproximou-se dela.

— Ela sempre nos amou muito. Nunca foi de demonstrar, pois, infelizmente, não ensinamos a manifestação de afeto aos nossos filhos. Mas Miriam nutre um enorme respeito e admiração por nós dois, Tereza.

— Admiração do quê? — falei honestamente, pensando em tantos erros e falhas cometidos pela ignorância que Armando e eu havíamos tido quando encarnados.

— Mãe, como eu admirava a sua dedicação e bondade! — Miriam falou.

— Ela tem uma mediunidade em aprimoramento e com bom equilíbrio — informou Espiridião.

Olhei para o mentor de minha filha, e uma grande paz e tranqüilidade asserenou minha alma. Ela estava muito bem amparada. "Deus é bom demais!", pensei. Espiridião sorriu para mim e disse:

— Miriam é nossa filha! Já tive o privilégio de ter sido seu pai numa vida muito remota. Hoje, Deus me presenteia com a oportunidade de estar ao seu lado, convivendo de forma agradável e tentando orientá-la, dentro do possível, em suas lutas e conquistas espirituais. Ficamos ali por mais algum tempo, em palestra amigável e esclarecedora com Espiridião.

Miriam, em seus afazeres, ainda mantinha o coração triste, porém resignado, com nossa separação. Era a dor da saudade. Ela abriu o

Evangelho e fez uma linda prece. Oramos juntos. Fui informada pelo seu mentor a respeito dos detalhes de sua vida familiar e de como se estavam desenrolando os compromissos assumidos antes da reencarnação.

Quando íamos embora, ela olhou em minha direção, sem contudo me ver, e disse:

— Quem vai ser minha companheira de viagem agora?

— Deus, minha filha! — eu respondi.

— E essa dor feito uma chaga que se abriu em meu peito depois de seu desencarne?

Com a voz embargada pela emoção, quase aos prantos, segurei o braço de Armando. Ele lhe respondeu:

— O tempo se encarregará de curar, Miriam. Tenha fé! Sua mãe está viva!

— Eu sei que apenas um véu me separa da senhora, minha mãe. Venha à noite encontrar-se comigo durante o sono para que eu possa vê-la e conseguir alívio à minha dor. Não se preocupe comigo! Entretanto, apenas sinto a falta de uma mãe maravilhosa e de um pai querido.

Abracei-a, recebendo todo o amor que ela sempre dedicou a mim. Saímos repletos de emoção.

— Maria Amélia, Sônia e Miriam perceberam minha presença — constatei.

— Estão há muito tempo lidando com leituras edificantes e trabalhos aos desfavorecidos, o que aumenta a sensibilidade mediúnica — esclareceu Armando.



## Recordações dos sonhos

Finalmente, fomos para a casa de Ana, a Nininha, com quem eu morava quando encarnada. Ao chegar, vi nossa casa toda desfeita. Senti um aperto no coração. Minha filha estava de mudança. Parei no corredor, e ela vinha do quarto. Nossos olhos cruzaram-se. Nina me viu por uma fração de segundos. Pega de surpresa, eu sorri e a abracei. Ela chorou.

— Minha mãe está aqui — disse ela para minha netinha querida, cujo semblante retratava a sua dor.

— Que será que a vó "tá" achando de nossa ida para o Rio? — perguntou sua filha.

— Não sei — Nininha respondeu apreensiva, como se soubesse o vale de lágrimas que apenas havia principiado em sua vida. Abatida e triste, perguntou-me em silêncio o que era certo agora. O que fazer?

Notei sua solidão, seu desamparo. Percebi que seu mundo se havia desmoronado com minha morte. Chorei, e minha filha também verteu lágrimas. Triste momento aquele. Seu pai amparava-me carinhosamente, e Maria acarinhava sua frente.

— Ela vai vencer, Terê. Ela é forte e sabia que sua vida não seria fácil — disse-me Armando.

— Então, estava programado tanto sofrimento antes de ela nascer? — perguntei.

— Um pouco menos, mas nossa filha cometeu alguns deslizes, que não cabe a nós julgar. Mas, decidida, acertou com seus protetores o compromisso de resgatá-los ainda nesta encarnação, o que aumentou sua cota de padecimentos. Se sua vida nunca foi fácil,

agora se agravará, mas não se preocupe. Ela sairá vencedora. Nós a estaremos amparando em seus momentos mais difíceis.

Depois de algum tempo em conversa sobre as dores que irromperiam nos próximos anos na vida de Nininha e como ela sairia vitoriosa e fortalecida, retiramo-nos. Com Heitor, encaminhamo-nos a um centro espírita ali perto.

Fomos bem recebidos por um senhor muito famoso na doutrina redentora e ali obtivemos permissão para nos acomodar. Maria declarou que todos os meus filhos já tinham sido levados numa ocasião anterior até o Casarão da Esperança, enquanto seus corpos estavam adormecidos e eu me recuperava em sono salutar.

Ela contou ainda que cada um levava algum detalhe revelador de meu quartinho no pronto-socorro. Uma guardou a lembrança das cortinas; outra, da camisola, e assim por diante. Vocês conquistaram a oportunidade de constatar que eu estava amparada no plano espiritual devido à bondade de Irmã Serena, que levou em consideração a equilibrada atitude a qual tiveram durante minha agonia e meu desenlace, atitude essa que todos os espíritas conscientes deveriam ter. Tinha sido um prêmio por merecimento.

A aceitação da morte, o equilíbrio das emoções e o respeito por quem parte fez a diferença em meu caso. O choro da separação tinha sido calado, e a resignação e a certeza de um mundo melhor definiram o socorro imediato e o fácil desenlace.



## O drama da mansão

Estava tudo preparado para o socorro à mãe de Heitor, que deveria ser efetuado naquele centro espírita. Enquanto aguardávamos a reunião da família de João, meu filho, para visitá-lo, acompanhamos a busca de Heitor pela genitora.

Fomos a uma mansão decadente, situada numa famosa avenida da cidade. Havia sido uma linda residência outrora, mas, agora, estava invadida por mendigos, bêbados, pessoas sem-teto e alguns marginais. Após uma pequena prece, entramos.

Piloto mantinha-se alerta, não permitindo que ninguém se aproximasse. Mesmo naquele antro em que se transformara o antigo lar da família de Heitor, podíamos ver bons espíritos atuando positivamente para ajudar aqueles desvalidos.

Heitor entrou no quarto que havia sido de sua mãe. Ela lá estava, em espírito, acocorada em um canto. Não percebeu nossa presença. Ele achou por bem relatar-nos alguns acontecimentos:

— Moramos aqui nos idos dos anos quarentas, quando foi finalizada a construção deste palacete. Mamãe era muito vaidosa e orgulhosa de sua ascendência. Papai, ao contrário, era desligado da vida em sociedade. Excelente médico, a todos atendia. Requisitado pelos grã-finos, não deixava, porém, de assistir os mais pobres, o que muito desgostava minha mãe, que via essa atitude como vergonhosa e sem honra. Opôs-se, muitas vezes, ao atendimento aos pés-rapados, como os chamava. Mas papai, apesar de dócil, era firme, e, naquela época, preponderava a vontade do dono da casa, e ele era o homem, o chefe da família. Conseqüentemente, deveria ser obedecido. Mamãe esperava muito de mim. Queria que eu freqüentasse a nata da sociedade, pois tínhamos condições financeiras para tal. Entretanto, afeiçoado a meu pai, frustrei sua

esperança de ingressar na ruidosa e tradicional sociedade paulistana. Preferi estudar medicina e, várias vezes, saía às ruas com meu pai para atendimento gratuito aos necessitados. Não suportando uma vida de marasmo, como ela definia, mamãe passou a ter amantes e aproveitava as viagens de papai para freqüentar festas e saraus. Ele tolerou suas saídas enquanto supunha que ela se fazia acompanhar por uma prima. Contudo, quando estourou o escândalo de um de seus amantes, papai proibiu suas escapadas e colocou uma governanta para vigiá-la. Na época, ele poderia ter lavado sua honra com sangue, como diziam, mas era pacífico e respeitava sua arte de curar; portanto, não cometeria um homicídio, mas também não permitiria maior desonra. O nome era algo muito importante para um homem daquele tempo. Mamãe não agüentou tal proibição. Fugiu, mas papai e eu fomos atrás e a retiramos de uma casa suspeita em que ela se abrigara. Chamamos o padre, outro médico para atendê-la, mas nada puderam fazer. Não aturando as piadinhas, as fofocas e o escândalo envolvendo seu nome, além da fama de covarde por não corrigir a mulher de forma conveniente, papai resolveu transferir-se para o interior. Mamãe recusou-se a ir. Ameaçou matar-se caso fosse obrigada a sair de São Paulo. Papai e eu nos mudamos, deixando-a nesta casa. Pouco depois, ela foi encontrada morta, assassinada. Apontaram meu pai como o autor do crime, porém não o condenaram;

pelo contrário, elogiaram sua conduta. Mas meu pai não matou minha mãe. Ele se entristeceu e veio a falecer. Logo após, eu também desencarnei. Heitor prosseguiu:

— Encontramos mamãe vagando pelo Umbral. Ela nunca permitiu nossa aproximação. Sempre a nos acusar de assassinos, evita qualquer contato. Há um ano, papai renasceu na Terra e a está aguardando para futuro enlace matrimonial, por meio do qual, mais uma vez, ele tentará fazê-la respeitar as bênçãos de um lar. Mamãe está cansada de tanto sofrer. Abandonou a companhia de espíritos

infelizes enredados no sexo descontrolado e voltou para sua antiga residência. Está sozinha e querendo descanso.



## O triângulo amoroso

Heitor, emocionado pelas recordações, tentou aproximar-se, mas Margarida (esse era o nome dela) fazia gestos com as mãos, procurando evitar sua presença. Fizemos orações, e eu pedi para tentar falar com ela. Ele consentiu, agradecido.

— Margarida!... — chamei.

— Quem é você? Mais uma atendida pelo meu ex-marido? Suma daqui! Não quero ajuda de pobres. De que me adianta sua gratidão por ele? Eu o desprezo. Ele me matou, você não sabia?

— Não — respondi, demonstrando interesse em conhecer seu drama.

— Quem é você?

— Apenas uma mãe igual a você.

Ela se calou por alguns instantes e prosseguiu:

— Nunca foi atendida pelo assassino?

— Pelo seu marido? Não. Eu não o conheço. Mas, diga-me, como sabe que ele tirou sua vida?

— Quem mais poderia ser? Eu estava amando Nestor, um belo rapaz que me retribuía os sentimentos... — ela se calou novamente.

— Margarida, responda-me: você crê mesmo que seu marido tirou sua vida?

— Quem mais poderia ser?

— Mas você continua viva, não é?

— Infelizmente! Estou viva para ver o horror de meus dias, o horror da solidão. Estou desesperadamente só.

— Há um jovem que conheço o qual a ama muito e deseja estar a seu lado — falei.

— Nestor? Impossível! Eu o matei! — olhou para mim assustada e com medo do que me revelara.

— Não se preocupe! Eu não a condeno. Desconheço as circunstâncias que a levaram a cometer tal ato.

— Assim que fui violentamente afastada de meu corpo, depois de um tempo de grande perturbação, fui atraída para perto de Nestor. He bebericava num bar e comentava meu assassinato. Afirmava categoricamente que meu marido havia lavado a honra e que, por pouco, ele também não morreria, já que era meu amante. Naquele instante, o ódio cresceu em meu coração. Odiei ter sido assassinada por aquele sonso, que se vivia envolvendo com a ralé. Um palerma, que só pensava em sua medicina, havia me tirado a vida sem piedade. Odiei-o e procurei-o para me vingar. Quando o encontrei, pai e filho choravam hipocritamente minha morte. Tentei esbofeteá-los. Não consegui. Gritei. Não fui ouvida. Uma força invisível não permitia que os molestasse. Tentei perturbá-los, em vão. A mesma força repelia minhas ações. Não podia permanecer ao lado dos dois. Voltei para Nestor. Qual não foi minha surpresa ao vê-lo na cama de uma sirigaita mais nova, chamada Catarina, presenteando-a com uma de minhas jóias! Enlouquecida de ciúmes, tentei agredi-lo e consegui. Ele teve um mal-estar repentino. Percebi que, ao contrário de meu ex-marido e de meu filho, Nestor reagia às minhas atitudes. A sirigaita também.

Margarida prosseguiu com seu relato dramático:

— Fiquei por ali durante anos. Comia e bebia com eles. Várias vezes, eu tomava o corpo da garota para apreciar o prazer do sexo. Estava bem para mim. Eu havia me afeiçoado a Catarina. Quando

descobri que Nestor nos traía com várias mulheres, fiz de tudo para que ela descobrisse. Nossa vida virou um inferno. Brigávamos os três. Nestor abandonou-nos. Ela o procurou e, com minha ajuda, ficou sabendo que ele iria desposar uma menina mais nova. Enfurecidas de ciúmes, planejamos tirar-lhe a vida. Foi fácil. Um boticário forneceu o arsênico que, juntas, colocamos em seu prato de comida. Ele morreu sem despertar suspeitas. Ao acordar do sono da morte, deparou-se comigo. Horrorizado, fugiu. Tentei aproximar-me diversas vezes, mas foi de balde. Até há alguns anos, eu o encontrava, mas já faz muito tempo que não o vejo. Catarina também sumiu. Inclusive o palerma assassino desistiu de falar comigo. Só resta Heitor, com sua lábia, querendo inocentar o pai. Essa é minha história, e agora me deixe em paz. Nem sei por que falei tanto.

Vi que Armando e Heitor, invisíveis aos olhos dela, aplicavam passes reconfortantes. Maria, em prece por aquela desventurada, estava ajoelhada a curta distância, enquanto Piloto guardava a porta para que ninguém entrasse.

— Já pensou na possibilidade de seu marido ser realmente inocente? — perguntei.

— Não — ela respondeu secamente.

Já sabíamos que o verdadeiro assassino havia sido Nestor, que cometera o ato para ficar com suas jóias, mas eu nada disse para não despertar ódio desnecessário. Heitor saiu da casa, deixando-nos a cuidar de sua mãe. Ela parecia adormecida. Ficamos em oração, aguardando seu retorno.

Poucos instantes depois, ele voltou com Nestor, que, após muito sofrer, havia pedido guarida em um posto de socorro espiritual. Estava limpo e bem cuidado. Notava-se que estava passando por uma transformação positiva. Ao vê-la, chamou-a pelo nome. Ela acordou.

— Nestor, é você?

— Vamos comigo — ele respondeu.

— Para onde? — ela perguntou, tentando ajeitar os cabelos.

— A um lugar de tratamento. Eu prometo ficar a seu lado.

— Mas eu o matei. Você não sabe disso?

— Continuo vivo, e você também. Há muito o que esclarecer. Em primeiro lugar, não foi seu marido quem a assassinou... — Nestor estava prestes a confessar.

— O que importa agora? — Margarida falou tristemente.

— Você veio buscar-me. Isso é o que importa para mim.

— Fui trazido para cá por Heitor — ele declarou. Ela arregalou os olhos.

— Heitor meu filho? Eu não quero que ele me veja. Sou uma mãe adúltera. Não quero decepcioná-lo. Eu não soube educá-lo. Nestor, eu sei: fui uma péssima mãe. Não me obrigue a encarar meu filho. Tenho fugido dele por vergonha.

Heitor, com lágrimas nos olhos, estava invisível para ela.

— E você, quem é? — ela se dirigiu a mim.

— Uma amiga de Heitor — respondi.

— Ele, sempre ele! Nunca me deixa em paz.

— Como pode falar assim de um filho tão amoroso?

— perguntei.

— Não quero que ele veja em que estado eu me encontro. Um filho deve orgulhar-se da mãe que tem.

— Um filho deve amar a mãe que tem. E isso é o suficiente. Ele a ama; por isso nunca desistiu de encontrá-la.

Emocionada, ela chorou. Heitor fez-se visível.

— Meu filho!

Dito isso, desmaiou. Foi amparada por ele. Juntamente com Nestor, nós rumamos para o centro espírita onde ela ficaria abrigada, aguardando ajuda dos médiuns que estariam ali para uma reunião de passes logo mais à noite.



## A dupla vingadora

Deixamos Heitor com a mãe e Nestor no centro espírita e fomos para Campinas, cidade próxima de São Paulo, para visitar meu único filho homem, João.

Ao avistar a casa dele, tive de parar para recuperar forças. Tinha ido tantas vezes ali que precisei controlar-me para impedir que lágrimas aflorassem desmedidas. Fizemos uma prece.

Fato curioso desenrolava-se ao redor da casa de meu filho. Dois homens com roupas antigas e maltrapilhas montavam guarda, como se estivessem à espreita. Não nos viram, mas ficaram alertas.

— Ele está aqui! — falou Silveira, o mais mal-encarado.

— O fazendeiro? — perguntou Timóteo.

— O carrasco que matou minha família e roubou meus bens, o pai desse canalha que não nos permite a entrada em sua casa!

Começou a gritar, esmurrando o ar:

— Armando! É você, Armando? Você fugiu de mim, escondeu-se feito um covarde, mas eu me vingo em seu filho! Eu vou acabar com ele e com ela — Silveira referia-se a uma de minhas filhas.

Dementado, ele prosseguiu vociferando. Armando, cabisbaixo, fez uma prece, e Silveira pôde vê-lo.

— Eu sabia que era você! Eu sabia! Não adianta tentar passar despercebido, que eu o conheço. Venha, canalha! Está com medo de uma briga? Acovardou-se? Está com medo de mim? Por que se vive escondendo?

— Eu desencarnei, Silveira. Você sabe disso. Se não estou mais visível aos seus olhos, é porque não pode mais obsedar-me, como fez durante toda a minha última encarnação na Terra.

— E você não mereceu a perturbação que lhe impingi?

— Deus sabe que fiz muito mal a você em outra vida. Fui cruel, destruí seu lar, traí sua confiança. Eu sei: fui canalha e assassino. Já pedi perdão, mas você se recusa a perdoar. Já tentei recebê-lo como filho, mas você não aceitou. Você me perseguiu e me puniu no astral, e depois, nesta última encarnação, sofri a força de sua mão pesada. Você não deu sossego um minuto de minha vida. Nunca me revoltei; aceitei sofrer com resignação. Você atuou prejudicando-me em todos os meus negócios, em minha saúde e até em meu equilíbrio mental. Perseguiu e perturbou, como ainda perturba, toda a minha família. Mas tanto tormento não aplacou sua ira. Continua querendo vingar-se. Será que esqueceu de Deus, Silveira?

— Ele não teve pena de mim quando você me destruiu. Agora, não me peça clemência, pois não terei!

— É exatamente isso que peço, Silveira: clemência. Tenha piedade de mim e de meus filhos. Tenha piedade de você e de Timóteo, seu menino. Por que fazer sofrer tanta gente, quando bastaria um gesto de perdão para que voltasse a evoluir?

Silveira gritava e urrava illogicamente. Não perdoaria jamais, era só o que dava para entender. Ele puxava as barbas e espumava feito louco.



## **Um coração arrepende-se**

Ao longe, vi uma senhora muito humilde, olhando tristemente. Ela acenou a mim, e fui até lá.

— Eu sou Geralda, mãe de Silveira. Há longos anos venho tentando ajudá-lo. Tudo inútil. Ele é um espírito endurecido no mal. Aguardo, com fé em Jesus e Maria, que um dia irei despertá-lo para uma nova vida. Mas, por enquanto, é impossível. Ele está impermeável a qualquer ação benfazeja. Até Armando, outrora seu algoz e depois vítima de sua perseguição implacável, já conseguiu evoluir e muito, porém o meu Silveira...

Ela chorou mansamente e prosseguiu:

— Nem todos estes anos secaram minhas lágrimas. Agora tenho observado meu neto Timóteo, o único que ainda segue Silveira em busca de vingança. Ele tem sentido minha presença. Às vezes, chora cansado, mas Silveira domina-o e impede qualquer ação de minha parte. Nunca imaginei que fosse pedir ao homem que causou tanta infelicidade em minha vida que me ajudasse, mas, por meio de seu coração de mãe, dona Tereza, rogo de todo o meu coração que peça a Armando para ajudar Silveira e, em especial, Timóteo. Eu ficaria eternamente grata. Diga a Armando ainda que já o perdoei. Há décadas que não guardo nenhum resquício de rancor, pois entendi a lei de causa e efeito. Todos os nossos sofrimentos não são injustos. Não devemos acomodar-nos no sofrer, como também não podemos acalentar idéia de vingança. Nenhum inocente paga pelo que não fez. Agora, por favor, eu peço que ajude o meu Timotinho.

— Tudo faremos para ajudá-lo, dona Geralda. Sossegue seu coração — prometi, com a certeza de que Armando nunca fora um homem mau, pelo menos em sua última encarnação, a meu lado.

Silveira, completamente transtornado, atraía a atenção de espíritos inferiores que por ali passavam. Houve grande gritaria. Piloto agitou-se e latiu em direção a eles. Muitos fugiram, outros se aquietaram. Armando convidou-nos a orar, no que fomos acompanhados por Geralda. Silveira, feito um louco, saiu correndo. Timóteo permaneceu. Armando olhou para ele.

— Perdão, Timóteo. Eu errei muito. Peço, em nome de Deus, que me perdoe.

— Há muito já o perdoei, fazendeiro. É duro, entretanto, assistir à aflição de meu pai. Tenho pensado em partir, mas tenho pena de deixá-lo sozinho.

— Um dia, vou reparar todos os meus erros para com sua família. Deus é minha testemunha — falou Armando, muito emocionado.

— Agora, de verdugo, o senhor virou vítima. Presenciei tanta violência de meu pai para com o senhor que, hoje, nem sei de quem mais sinto pena.

— Há uma pessoa que quer vê-lo, Timóteo — eu falei. O rapaz olhou-me em silêncio.

— Sua avó Geralda quer abraçá-lo — expliquei.

Emocionado, ele permaneceu quieto. Geralda aproximou-se e o enlaçou mansamente. O menino, paralisado pela saudade e pela dor, derramava lágrimas redentoras, mas não se movia.

— Venha comigo, Timotinho. Eu lhe darei descanso e alívio em meus braços de avó e mãe. Deus está ao nosso lado. Acredite, Ele nunca nos abandonou. Venha, filho meu. Há um quarto quentinho e uma caminha limpa e cheirosa para seu repouso.

— E o pai? — perguntou Timóteo.

— Em breve, será libertado de suas próprias amarras. Sua vingança inútil já chega ao fim — Geralda falava brandamente, deixando transparecer uma energia sublime e elevada em sua aura.

— E ele? — perguntou Timóteo, apontando para Armando. — Ele, que nos destruiu. O que será dele?

— Meu filho, se Armando nos arruinou, eu descobri que, outrora, nós o arruinamos e a sua família de então. Ora, Timóteo, vamos dar um basta a tantas perseguições vãs e improdutivas. Silveira está cego e não percebe que já desforrou mais do que devia o mal que este homem nos fez. Pense, meu filho: antes de Armando nascer, nós prejudicamos a vida do casal que o receberia como filho. Quando eu o perdoei, vocês não me deram ouvidos e persistiram na vingança. Perseguram todos os que poderiam beneficiá-lo. Foram implacáveis com sua geração. E tudo o que Armando pedia, desde

antes de reencarnar, era uma oportunidade de retribuir o que nos tirou. Quis receber a todos como filhos. Silveira nunca aceitou um único pedido de clemência. Até onde vocês pensam que vão chegar com tanto ódio?! — havia lágrimas nos olhos daquela mãe.

— Eu quero dormir, minha vovozinha, para poder despertar deste pesadelo — falou Timóteo.

— Descanse em meus braços — ela respondeu. Geralda abraçou o neto. Imediatamente, irmãos

socorristas aproximaram-se e ajudaram-na a transportar o rapaz para uma espécie de ambulância. Armando foi até ela.

— Geralda, conte comigo sempre — ele disse.

— Eu vou precisar de sua ajuda no resgate de Silveira.

— Farei tudo para ajudá-lo — respondeu Armando, beijando a mão de Geralda, que partiu, satisfeita, com seu neto adormecido.

— Nossa, foi tudo tão rápido! — exclamei. — De repente, os socorristas chegaram na hora certa.

— Tereza, há muito que estávamos labutando pelo socorro de Timóteo — esclareceu Armando. — Hoje, eu vi que Geralda também fazia sua parte. Nada aconteceu de improvisado. Somente a vontade de Timóteo de desistir da vingança foi espontânea. O resto já estava sendo ansiado e preparado pelo plano espiritual. Agora, o que me preocupa é a revolta de Silveira quando perceber que o filho se foi. Ele tentará descontar sua raiva em João, nosso filho.

— Deus do céu! — clamei. — Que mal ele irá acarretar na vida de meu menino?

— Quase nenhum, pois sua força já está bastante debilitada — respondeu Armando.

Fiquei apreensiva com o mal que poderia ocorrer na vida de João. Maria aproximou-se e disse-me:

— Terê, já esqueceu que ninguém sofre sem merecer?

— Mas coitado do João!...

— Ele só vai receber se houver sintonia — ela respondeu.

— Mas ele já sofre tanto... — era meu coração de mãe que temia.  
— É melhor ele se libertar dos males com os quais se comprometeu em outras vidas. Foi para isso que pediu para nascer. Resgatar o que fez de errado. E, com certeza, esta é uma das mais proveitosas encarnações de nosso filho — comentou Armando.  
Calei-me ao ouvir as palavras ponderadas de ambos.



## O Evangelho no lar

— Minha preocupação é com Silveira e seu ódio. Cada vez que ele se revolta, mais cai espiritualmente. Vamos orar e torcer para que seu espírito se harmonize — pediu Armando.

Fizemos uma prece ali mesmo. Percebi que, ao orarmos, o campo magnético que circundava a casa de meu filho brilhava com maior intensidade. Ao fim da oração, Armando explicou:

— Este é um obstáculo à entrada de Silveira no lar de João. Foi criada pela constância com que é praticado o Evangelho dentro da casa. A assiduidade da família reunida em prece ergue uma barreira energética que impede a entrada de irmãos em sintonia inferior.

Satisfeita e curiosa, lembrando que eu mesma já havia participado daquelas reuniões do Evangelho, perguntei:

— Se não houvesse o Evangelho no lar, então Silveira teria acesso ao interior da casa?

— Certamente. Nosso filho e sua família estariam menos equilibrados e, mediante as graves responsabilidades assumidas

antes de reencarnar, eles estariam sofrendo bem mais com a intromissão menos feliz de nosso irmão sofredor — Armando esclareceu.

Ele prosseguiu:

— Isso é livre-arbítrio. Eles sintonizam com as energias benfazejas do Evangelho, enquanto desfazem os laços com nosso Silveira, que vibra em faixa mais densa.

Orei com maior fervor.

Entramos. Piloto ficou na porta.

Meu filho, minha nora e meu neto estavam sentados em torno da mesa, e sobre ela havia um vasinho de flores, uma jarra d'água e a toalha de renda que tinha sido minha e agora enfeitava o lugar onde eles estavam iniciando a reunião do Evangelho no lar.

Uma música suave era ouvida em todo o ambiente. Vários espíritos iluminados chegavam para acompanhar as orações. Sorridentes e silenciosos, demonstravam grande alegria em nos ver. Alguns parentes também acompanhavam.

Fluidificaram a vasilha de água e orientaram a página a ser lida. Perdão para os nossos inimigos foi o tema da noite. O clima era suave e ameno, enquanto Luana, minha nora, lia o Evangelho.

Ouvimos barulho lá fora. Era Silveira que chamava pelo filho. Era tal a balbúrdia provocada pelo obsessor que achei que até mesmo os encarnados ali presentes pudessem ouvir. Luana gaguejou na leitura, mas manteve-se firme e prosseguiu.

Elisa, a amorosa protetora familiar, olhou serenamente para todos, como a pedir desculpas e compreensão pelo fato, e foi à porta. Com o olhar, pediu que eu a acompanhasse, enquanto todos os outros permaneciam em silêncio e atentos à lição da noite.

Ao chegarmos próximo do local em que Silveira gritava enlouquecido, ele parou e nos encarou. Percebi que tinha dificuldades em ver Elisa, pois esfregava os olhos para enxergar melhor.

— Onde está seu marido? — perguntou a mim.

— Lá dentro — respondi.

— Quem está com você? Que luz forte é essa a seu lado? — ele inquiriu receoso.

— É Elisa. Você a conhece? — perguntei.

Ele se calou, intimidado. Sabia quem era e a respeitava.

— Entre, Silveira. Venha ouvir as orações da noite — convidou Elisa, conseguindo fazer-se visível a ele.

— Para rezar é que vocês me convidam? — respondeu sem jeito, perante a entidade mais elevada.

— Para você se reconciliar com sua alma. Venha! Nós aguardamos sua presença na leitura edificante — ela falava com muita doçura e sinceridade. — O tema de hoje é perdão aos inimigos. Não quer aproveitar o ensejo?

— Não! Não! — ele estava ressabiado, mas muito decidido.

— Silveira, ou você entra ou, então, nos deixa orar em paz! — disse Elisa, com firmeza.

Silveira sentou-se e ficou quieto, dando a entender que não entraria, mas permaneceria em silêncio.

Elisa voltou para a sala. Fiquei admirada de sua ascendência espiritual. Observei Silveira deitado no meio da rua, feito um cachorro sem dono. Senti uma dor profunda na alma por aquele espírito. Ele era tremendamente infeliz e lá estava, jogado, maltrapilho e em total solidão. Minha vontade era chegar até ele e ajudá-lo. Limpar suas feridas, cortar seus cabelos em desalinho e, quem sabe, dar um pouco de carinho maternal.

— Não faça isso — era Elisa que me tocava no ombro.

— Por quê? — perguntei. — Ele está tão desamparado...

— Olhe melhor, Tereza — ela passou a destra em frente aos meus olhos.

Avistei nas mãos de Silveira uma rede escondida e pronta para ser atirada sobre mim, caso eu me aproximasse. Das sombras circundantes, alguns espíritos em condição horripilante estavam

preparados a fim de colaborar para o ataque. Eram muitos os que gargalhavam baixinho, à espera de minha ingênua bondade.

— Como pode? — falei, abestalhada.

— O mal busca aliados na sombra. Silveira é um espírito digno de piedade, mas não de confiança. Ele prefere permanecer no mal, mesmo com tantos convites para o Bem. Chafurda na lama, vendo o céu todas as vezes que tem a oportunidade de mudar e recusa sistematicamente: Astuto e perito na arte de obsedar, ele tentou despertar sua compaixão para aprisioná-la. Pobre coitado! Esquece que as ovelhas do Bem têm Jesus como Pastor.

— Será que, se não fosse você, ele teria conseguido seu intento? — perguntei um tanto assustada.

— Ele não conseguiu não por minha causa, mas por causa do sinal do Cordeiro de Deus que está em seu coração.

Lágrimas vieram ao meu rosto em gratidão pela situação da qual fora livrada, e a imagem serena de Jesus encheu minha mente.

Silveira levantou-se revoltado, devido ao fracasso de seu plano diabólico, mas conteve-se. Das sombras saíram seus colaboradores e reuniram-se em confabulações. Era um encontro dantesco, em total contradição àquele que ocorria dentro da casa de meu filho.

— Oraí e vigiai — disse Elisa. — Essa é a senha para nos livrarmos de perseguidores. Voltemos para a sala.

O Evangelho funcionava como um bálsamo. Todos eram beneficiados. Espíritos preparados para a cura fortaleciam o corpo perispiritual e material dos encarnados presentes. Era uma chuva de bênçãos. Fizeram orações em nosso favor.

Luana também sentiu nossa presença e orou com maior fervor em meu benefício. Concluí, agradecida a Deus, que, enquanto muitas sogras e noras transformam a vida em uma batalha inútil e dolorosa, eu e Luana nos unimos como mãe e filha. Algo dentro de mim me deu a certeza de que havíamos sido parentes bem próximas.

Ao término do Evangelho no lar, Elisa veio ter conosco. Tivemos uma longa conversa a respeito da vida familiar de meu filho. Soube que ainda havia muitas dores a serem suportadas. O infeliz Silveira, embora pudesse exercer influência perturbadora, era um mal menor, pois sua ação estava limitada. A verdadeira dor que a família iria atravessar era prova de reajuste programada antes de reencarnar. Dependeria da atitude de cada um dos membros daquela casa a duração de seus sofrimentos. Fiquei preocupada, mas confiante no bom coração de João, de meu neto e de Luana, e orei com fervor para que Deus orientasse seus pensamentos. Já era noite adiantada quando saímos dali. Silveira dormitava na calçada.

— Será que, se ele acordasse numa das camas do casarão, não iria se sentir melhor e reconsiderar sua atitude insana? — comentou Maria, que não sabia do que ocorrera comigo um pouco antes.

— Já tentaram esse recurso, mas Silveira sempre foge e volta ao ataque. Assim, deixemo-lo esgotar suas reservas de energia carregadas de ódio. Logo estará vazio, e sua ira se aplacará. Então, irá pedir socorro, no que será prontamente atendido. Estarei sempre por perto e, quando for oportuno, em um futuro que Deus determinar, espero recebê-lo como filho e torná-lo um amigo eterno — falou Armando.

Olhei as estrelas brilhando no firmamento. Agradei a Deus pela oportunidade que temos de resgatar nossos débitos sem vingança nem ódio, apenas com amor.

Voltamos ao centro espírita. Heitor, muito satisfeito, contou-nos que sua mãe já estava pronta para seguir o rumo do casarão, onde iria ficar internada, recebendo tratamento indispensável.

Um pouco mais tarde, quando meus filhos estavam em sono reparador, seus espíritos vieram ao meu encontro, acompanhados de seus protetores. Foi uma alegre e emocionante reunião. Cada um levaria consigo a recordação de algum detalhe de nosso encontro. Seria uma prova de que eu os havia visitado e continuava viva.



## Emoções em Felicidade

Felizes pelo sucedido na Terra, voltamos ao casarão. Estava satisfeita com a visita e esperançosa, porque veria meus filhos com maior assiduidade e, juntamente com seus protetores, poderia orientá-los.

Na enfermaria, encontrava o labor necessário. Mas uma surpresa agradável esperava-me. O doutor Amaro havia me requisitado para trabalhar em seu grupo de socorro, que, de ora em diante, seria mais freqüente. Para tal empreitada, eu deveria ir até a cidade espiritual aperfeiçoar meus estudos. Fiquei radiante com a novidade. Viajar, conhecer novos lugares era comigo mesma.

No dia aprazado, lá estava eu na estação com o doutor Amaro. Rumamos para Felicidade, cidade à qual pertencia o nosso casarão. Minha ansiedade era imensa, o que provocava risadas no médico.

— Calma, Tereza! O trajeto é curto.

— Doutor, eu sempre gostei de conhecer locais novos. Esta cidade deve ser linda. Todos os que a conhecem dizem isso. É lá que Armando mora, não é? Onde vou ficar hospedada?

— Eu tenho um espaço para responder, ou não preciso? — perguntou o médico, rindo de minha impaciência.

— Não vejo a hora de chegar.

— Chegamos! — ele disse.

— Já? A única coisa chata nestas viagens é que estes carros voam rápido demais. Nem dá para ver a paisagem — falei, preparando-me para descer.

— Em breve, você poderá viajar sem o auxílio de condução.

— Quando?

— Quando aprender a voitar — respondeu o doutor, aumentando meu entusiasmo.

— Eu vou aprender? Quando? — perguntei.

— Tereza, você está aqui para isso. Aprender a viver no mundo espiritual.

Naquele instante, descemos do pequeno ônibus, que dispensava pneus e parecia deslizar quando em movimento. Olhei a belíssima cidade, que se descortinava ensolarada na minha frente. Fiquei muda diante de tamanha beleza. Nunca vira uma cidade tão bela! Nem em fotografia. Alva e brilhante, parecia construída de cristal e enfeitada de jóias preciosas. Prédios de poucos andares e várias casas estendiam-se por quilômetros.

Deslumbrada e curiosa, acompanhei o doutor Amaro, que também apreciava a vista. Embora fosse ali constantemente, ele me revelou que nunca conseguia deixar de se extasiar vendo Felicidade.

Fomos andando até a escola onde eu iria permanecer por algum tempo. As ruas eram arborizadas. Muitos pássaros lindíssimos e de vários tamanhos e plumagens voavam despreocupadamente. Alguns pequeninos lembravam o beija-flor, enquanto outros pareciam garças. Era uma diversidade muito grande e de difícil classificação, por não encontrar similar na Crosta terrestre.

Alguns animais domésticos, lindos e carinhosos, de olhar inteligente, passeavam ao lado das pessoas. Jardins cheios de flores perfumadas enfeitavam a frente das edificações. Muitas eram as variedades de espécie vegetal. Árvores semelhantes ao ipê florido abundavam ao lado de paineiras, entre outras também desconhecidas na Terra. Tudo limpo e bem cuidado.

Admiraria aquela cidade por todo o sempre e não me cansaria de contemplá-la, tamanha era sua beleza. Porém, o mais agradável era olhar a serenidade e a alegria estampadas nos rostos dos transeuntes. Muitos reconheciam o doutor Amaro, e todos eram gentis para comigo.

Permaneci muda de êxtase, até chegar ao solar onde iria abrigar-me durante o aprendizado. Muitos jovens ali estavam. Fiquei um pouco intimidada, mas eles eram tão amáveis que me senti à vontade. Uma bela mocinha atendeu-nos e, sem delongas, indicou meu quarto. Era um amplo dormitório, cuja janela imensa dava para o jardim, de onde eu poderia ver o movimento lá fora. Se havia um quarto adequado para mim no solar, era aquele. Agradei, e, em seguida, o doutor Amaro partiu para outras tarefas.

Larissa (era o nome da mocinha) informou sobre a programação dos cursos e os horários. Perguntou se eu ainda ingeria alimentos. Diante de minha afirmativa, ela indicou o refeitório, uma pequena sala praticamente vazia.

— Poucos se alimentam, mas não fique constrangida. Todos, um dia, se alimentaram antes de aprender a retirar do éter o alimento apropriado — falou com simpatia. — Quer descansar, Tereza?

— Estou cheia de descansar... Quer dizer, gostaria de fazer alguma coisa, se possível.

— Você tem um certo tempo até o início de suas aulas. Se quiser aproveitar para conhecer a cidade, esteja à vontade — ela disse.

— Posso acompanhá-la? — era uma mocinha negra que sorria parada na porta.

Imediatamente, simpatizei-me com seu rostinho alegre. Onde já tinha visto aquele semblante? Aqueles olhinhos brilhantes?

— Posso? — ela repetiu.

— Ficaria muito feliz se pudesse contar com sua gentileza

— respondi intrigada, tentando reconhecê-la. Já sabia que a sensação de conhecer alguém na Espiritualidade não era sem motivo.

— Vamos e conversaremos no caminho — ela respondeu. Despedimo-nos de Larissa e saímos de braços dados.

— O que você quer conhecer, Terezinha? Que tal o museu?

— sugeriu.

Aceitei com pouco entusiasmo. Fui mulher sem estudo, e o mínimo de cultura que adquiri foi depois de velha, por intermédio de meus

filhos. Só havia conhecido um museu em toda a minha vida: o Museu Imperial da cidade de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro. Lembrei que havia gostado muito de conhecer a moradia serrana de D. Pedro II e animei-me.

— Sabe, depois que desencarnei, um mundo de novidades descortinou-se para mim — falei. — Aqui no plano espiritual não há nada monótono. Tudo é muito interessante. Se eu pudesse, gostaria de conhecer todos os detalhes, as cidades, tudo, tudo. Até o plano astral inferior.

— Você sempre foi muito curiosa, desde menina. Olhei para aquela mocinha e tentei reconhecê-la. Tive

muitos amigos negros. O preconceito era um termo desconhecido para mim. Meu relacionamento sempre foi baseado na simpatia, mas não conseguia recordar-me daquele rosto amável.

— Desde menina — repeti, buscando pela memória.

— Terezinha, se você me reconhecesse, eu ficaria admirada. Afinal, faz tanto tempo que não nos vemos... — ela falou, sorrindo.

— Meu espírito a reconhece, mas minha memória ainda carece de estímulo para lembrar o passado.

— Joaquina, amiga de sua mãe. Você era apenas uma menininha, e eu, uma senhora avançada na idade.

Lembrei-me de dona Joaquina, uma negra sorridente e humilde que eu gostava muito de visitar. Fiquei tão feliz em vê-la que pulei de alegria e enlacei sua cintura.

— Você reencarnou? — perguntei sem delicadeza.

— Ainda não.

— Mas, da última vez que a vi, e já vai para uns sessenta anos, você devia ter uns noventa e tanto — estava surpresa, pois ela aparentava uns 18 anos.

— O plano espiritual reflete o nosso interior. Acho que sempre fui uma moleca igual a você.

— É mesmo, Joaquina. Você vivia sorrindo depois de uma vida tão sacrificada.

— Uma vida maravilhosa e útil. Uma encarnação, graças a Deus, muito bem aproveitada. Agora, trabalho na Escola dos Filhos de Jesus. Sou uma de suas instrutoras. Mas, em breve, voltarei à Terra. Reencarnarei. Porém, enquanto aguardo deliberações sobre uma nova vida, aproveito minha estada em Felicidade para ensinar.

— Que bom contar com você como minha professora — falei com sinceridade.

— Terezinha, fiquei tão feliz quando sua mãe me avisou sobre sua vinda que fiz questão de ter folga na escola somente para poder estar a seu lado. Chegamos — ela apontou o museu.

— Que construção linda! — admirei a fachada artisticamente trabalhada daquele edifício.

Entramos. Pessoas sorridentes e tranqüilas atenderam-nos. Joaquina manifestou desejo de ir à sala bíblica. Era um amplo local, com várias obras de grandes mestres da pintura representando passagens da vida do Cristo.

— A maioria desses quadros serve ou serviu de inspiração a artistas encarnados — esclareceu Joaquina. — Algumas dessas obras foram iniciadas na Terra e aperfeiçoadas pelo autor anos depois após desencarnar.

Fiquei admirada da beleza daqueles quadros. Em seguida, Joaquina conduziu-me a outra sala, onde se viam aparelhos semelhantes a computadores. Sentamos em frente a um deles. Joaquina comandava a máquina de maneira inusitada. Sem toques nem ordem, apenas com o desejo mental. Na tela, surgiram dizeres indicando que iríamos conhecer os últimos dias do Cristo sobre a Terra.

Meu coração pulava de ansiedade. Finalmente, eu iria ver algo pelo qual sempre tive curiosidade.

Quando o rosto de Jesus apareceu na tela, eu já não via nada a meu redor. A imagem holográfica saltou para fora do computador, e assisti a ela em êxtase, como se estivesse participando daqueles momentos.

Perdi a noção do tempo. Senti o clima de Jerusalém, o cheiro das pessoas; podia tocar suas vestes, mas não ousei mexer-me. A dor de Maria de Nazaré, a respiração ofegante do Mestre, sua doce e intraduzível voz, seu olhar...

Ao término daquela experiência, eu estava em prantos e sabia que jamais voltaria a duvidar da existência de Jesus. Não posso revelar detalhes do que vi. Não quero causar polêmicas desnecessárias, bem como não recebi autorização para tal, mas, creiam, Ele é real. Seu sacrifício pela raça humana foi pleno de amor e renúncia, e Sua vida sempre será o exemplo a ser seguido. Dele não devemos apartar-nos jamais, e Maria é a doce Mãe que devemos respeitar e amar. Ela estará conosco enquanto houver necessidade de elevação no orbe. O mesmo amor que dedicou a seu filho, ela dedica a todos nós. Não perde seu tempo quem nela crê.

— Sua mãe pediu que eu trouxesse você aqui — era a voz de Joaquina despertando-me.

Abracei-a com profunda alegria. Família unida e amigos de verdade: esse é o roteiro certo da felicidade.



## **Exercitando o aprendizado**

Meu aprendizado durou um bom tempo naquela cidade. Nunca imaginei que tivesse capacidade para entender tantas coisas, mas os mestres eram de uma paciência infinita, apesar do rigor.

Em meus momentos de folga, recebia permissão para visitar meus filhos queridos. Embora fossem visitas curtas, eram muito úteis, pois sempre aprendia e ajudava um pouco. Por várias vezes, Joaquina acompanhou-me. Estávamos muito unidas.

Chegou o momento de colocar em prática o aprendizado na Escola dos Filhos de Jesus. Eu estava pronta para trabalhar. O doutor Amaro veio ao meu encontro, muito feliz.

Na festa de encerramento do curso, dedicamos um bom tempo para ouvir as orientações do mestre Renato a respeito do porvir:

— Minhas crianças, chegou a hora de uma nova etapa para aprimorar seus espíritos. O aprendizado aqui nada significará se não for praticado com desvelo e amor em prol de seres mais necessitados. O tempo urge. A Terra carece de vibrações mais positivas. Os encarnados precisam de apoio para não cair em terrenos pantanosos, de onde somente sairão com muita dificuldade. Cuidando de irmãos desvalidos do Umbral e das trevas, estaremos impedindo uma maior atuação negativa no orbe terrestre. Não há como adiar o trabalho em favor de uma melhora na harmonia astral da Terra. Devemos isso a ela. O que destruímos em épocas pregressas tem de ser reconstruído agora e aqui. Não adiem o chamado que estão recebendo pelo amor. Vão para a arena, dominem os leões da própria inferioridade, lutando pelo bem-estar de irmãos sofredores. Abram seus corações para o amor! Quando pensarem que nada há a fazer, que não há como ajudar, amem. Esta é a chave do reino: amor. Ou vocês acham que foi por outro motivo que Jesus desceu ao plano terrestre? Vão, meus queridos. Não temam a dor alheia. Não temam a deformidade física e mental dos irmãos infelizes. Tentem imitar Jesus ao olhar os que padecem no palco das ilusões, vagueando sem rumo no Umbral ou tramando a perdição de muitos nas quadrilhas trevosas. Jamais se afastem do contato divino. Mantenham o pensamento são e equilibrado e fermentem o amor em seus corações. Jesus se fará presente. Que Maria

de Nazaré acompanhe todos vocês. Vão! Espero recebê-los de volta, vitoriosos, para uma nova etapa de aprendizado.

Aplaudimos o mestre Renato. Estávamos todos emocionados. Era hora de partir. Joaquina veio despedir-se. Tive vontade de chorar.

— Estaremos unidas pelo pensamento. Sempre que quiser, pense em mim, e, tenho certeza, Jesus nos deixará fazer contato. Vá, menina Tereza! Sua mãe e eu estaremos sempre em prece pelo seu desenvolvimento espiritual.

Os grupos organizavam-se para as caravanas de socorro, que partiriam sem demora. No nosso, além do doutor Amaro, estariam presentes Júlio, um estudante de medicina que havia sido assassinado friamente por um menor delinqüente, mas cujo coração cristão não guardara rancor nem desejo de vingança; Marina, uma ex-atriz famosa na Terra e que agora só desejava tornar-se conhecida aos olhos do Senhor; e Rodrigo, um adolescente morto por bala perdida e que costumava brincar com sua tragédia, dizendo:

— Adormeci em meu quarto de barraco na Terra e acordei numa mansão no céu. No primeiro instante, quis fugir, pensando que ia ser preso por invasão de domicílio alheio. Mas, depois de tudo esclarecido, vi que estava preso era nos laços de Jesus. Oh, prisão boa!

Sua chegada ao plano espiritual já havia sido prevista por determinações anteriores ao reencarne. Ele pedira para resgatar antiga dívida do passado. Necessitava de um desenlace brusco, e sua família, de passar pela dor da separação repentina de um ente querido. Era um aprendizado dolorido, mas precioso, caso fosse aceito sem revolta nem ódio.

"Há de vir os escândalos", disse Jesus, "mas ai daquele por quem os escândalos vêm". No caso de Rodrigo, esse pensamento cristão se aplicava com perfeição. O adolescente iria desencarnar como planejara anteriormente, o que deveria ocorrer no mesmo dia, ou em uma ou duas semanas, no máximo. Seu fluido vital estava no

fim. O desencarne era inadiável. Porém, os fatos poderiam dar-se de forma acidental: uma queda, um acaso da natureza, entre outros, dispensando a participação de alguém puxando o gatilho de um revólver. Como o tiro fora disparado de forma irresponsável e, na trajetória do projétil, se encontrava Rodrigo em sintonia com morte violenta, ele foi atraído para aquele lugar naquele instante. Não havia outra pessoa na mesma vibração.

Ninguém desencarna antes do tempo, a não ser os suicidas, que interrompem bruscamente a ligação entre o espírito e o corpo, vindo a sofrer terríveis conseqüências na Espiritualidade até o esgotamento de todo o fluido vital. Apesar disso, o responsável por aquele disparo, a mão pela qual viera o escândalo, não era isento de culpa. Porém, Rodrigo não condenava ninguém. Seu coração não guardava mágoa desnecessária. Era um jovem feliz no plano espiritual, tentando consolar a mãe aflita na Terra.

íamos partir. Nossa missão era encontrar no Umbral alguns espíritos arrependidos, que muito padeciam e, cansados, clamavam por Jesus em silêncio. Não sabíamos seus nomes, apenas que eram irmãos sofredores e prontos para o socorro.

Olhei a cidade chamada Felicidade. Agradecida e feliz pela oportunidade de trabalhar e ser útil, segurei a mão de Marina e Júlio, e todos juntos, irmanados, fizemos uma prece em favor daqueles que ainda não haviam tido a alegria de se sentir servos de Jesus.



## A expedição ao Umbral

Fomos andando, conhecendo o longo declive que separa as fronteiras espirituais existentes entre nossa cidade e o plano umbralino. O doutor Amaro ia à frente. Depois de percorrida uma grande distância, deparamos com um descampado, que ia piorando de aspecto quanto mais avançávamos.

O sol, ao longe, parecia uma bola de fogo nublada por densas nuvens carregadas. A vegetação era rasteira e ressequida, e o solo árido era rasgado, em alguns pontos, por um arremedo de riacho, sujo e fétido. O ar denso dificultava a respiração. O clima opressivo e desanimador atingia a todos, menos o doutor Amaro, cujo rosto permanecia inalterado, enquanto o nosso destilava suor e cansaço.

— Irmãos e irmãs — falou o doutor Amaro — , daqui em diante as energias deletérias se intensificam. E mister manter o equilíbrio por meio de orações e pensamentos dignos. Talvez alguns destes espíritos infelizes nos insultem, pois estaremos visíveis aos seus olhos. Entretanto, o medo é desnecessário, porque estamos ao lado de Jesus. Mantenham serenidade e confiança. Vocês estão bem preparados para o exercício da fé. Não esqueçam que os que ainda perambulam por estas paragens são nossos irmãos carentes de compreensão, amor e ajuda. Se se sentirem impotentes perante algum deles, exercitem o amor. Nunca falha. Não olvidem: nossa energia provém de Deus. Tudo recebemos Dele. Portanto, livrem-se do desânimo e do desconsolo inerentes ao local que ora adentramos. Vocês obtiveram lições preciosas de esclarecimento a respeito de sintonia energética. Estão preparados para afinar-se mentalmente com o clima do Pai Celestial, e não com o deste pobre ambiente. Mudem já a sintonia. Liguem-se em Deus!

Bastou a palavra firme e amorosa do doutor Amaro para alterarmos a ligação com a vibração infeliz do Umbral. Reunimo-nos em prece, rogando ao Criador a força necessária no aprendizado de amor. Avançamos.

Algum tempo depois, começamos a ouvir gritos e lamentações bem distantes. O que seria aquilo? De onde vinha tanta dor? Não me atrevia a quebrar o silêncio, mas via refletida no semblante de meus amigos a mesma indagação apreensiva. O doutor Amaro esclareceu: — "Haverá pranto e ranger de dentes", assim disse Jesus. Estamos na realidade da vida imortal. Os imprevidentes que malbarataram a oportunidade de crescimento e aprendizado enquanto encarnados deparam-se com o aspecto verdadeiro da vida depois do túmulo. Aqui é o porto real, onde as ilusões se quebram na praia da Verdade. O "pedi e obtereis" não serve apenas para conseguir realizar desejos, mas vale como alerta a respeito do que pedimos. Se pleiteamos harmonia e compreensão, as conseguiremos, mas, se nossos desejos enganosos ansiaram por desregramento, violência e desarmonia, também receberemos essas coisas. Contudo, quem poderá condenar os que aqui aportam em desespero? Qual de nós nunca esteve nestes campos? Aquele que hoje aqui perambula aflito é também criatura de Deus como nós, e quem sabe se, num futuro próximo, não necessitaremos de seu auxílio para minorar nossas dores?

As palavras do doutor Amaro eram comoventes:

— Tal como imploramos misericórdia a Deus, ajamos com o mesmo sentimento em relação aos irmãos ignorantes e sofredores desta região. Agradeçamos infinitamente pela oportunidade de ajudar, porque os mais beneficiados seremos nós mesmos. Sigamos com fervor, compreensão e entendimento para com aqueles que choram amargurados. O pranto e o ranger de dentes é uma fase de dor aguda e indispensável, porém depende do livre-arbítrio sua longa ou breve duração. Ninguém é esquecido pelo Pai. Basta um pedido

de coração e verdadeiro para obter o socorro necessário. Oremos para que estes irmãos infelizes redirecionem seus desejos.

O doutor Amaro fez uma prece plena de amor em prol dos desditosos habitantes temporários das sombras.

Conforme avançávamos, os gritos explodiam em nossos ouvidos. A neblina espessa era quase palpável. O sol não era mais nem um ponto distante. Acima de nossa cabeça, um angustioso e desolador fim de crepúsculo. O ar úmido e quente não aquecia. Era um calor de febre que dava calafrios. Respiração difícil e extremo cansaço estavam abatendo meu ânimo.

Ofegante e de cabeça baixa, olhando o chão, que agora era de lama ressequida e putrefata, pensei que não iria ser capaz. Sentia dores e desânimo. Por várias vezes, busquei equilíbrio no olhar firme do doutor Amaro. Em súplica constante, angariava forças para conseguir. Emiti um pensamento a Maria de Nazaré para que olhasse por aqueles filhos aflitos e infortunados.

Para minha surpresa, fui beneficiada imediatamente, como se tivesse recebido uma ducha de água límpida e refrescante. Agradecida e aliviada, aumentei minhas orações.



## **Vozes na escuridão**

Avistei uma turma estranha vindo em nossa direção. Sua intenção maldosa era bem clara. Com um olhar, o doutor Amaro convidou-nos ao equilíbrio por meio de oração. A gangue dos desesperados

parou à nossa frente e mudou de rumo, xingando-nos de "covardes mansos com a marca do Cordeiro". Agradei a eles em pensamento. Adorava sentir-me marcada pela mansuetude do Mestre.

Logo adiante, uma cena pavorosa causava arrepios. Dentro de uma fossa, vários seres estirados na lama, amontoados, choravam e esbravejavam contra tudo e, principalmente, contra Deus. Nem se davam conta de nossa presença. A neblina densa e escura dificultava a visão. De repente, uma voz de mulher fez-se ouvir com maior energia:

— Filhos do Cordeiro, ajudem-me!

O doutor Amaro estancou. Olhou em direção de onde vinha o pedido:

— Quem falou?

Talvez porque se assustaram ou não esperavam resposta, todos se calaram. O silêncio sepulcral era aterrador.

— Fui eu! — gritou a mulher.

Estava muito escuro. O doutor Amaro pegou uma lanterna e iluminou o rosto da infeliz.

— Salve-me, filho de Maria. Não suporto mais o sofrimento neste poço de lama.

De repente, todos imploravam ajuda. O alarido voltou. Muitos palavrões eram também ouvidos. O doutor Amaro iluminou todo aquele charco e falou amorosamente, mas com vigor:

— Irmãos, estamos em missão de socorro em nome de Jesus e de Maria.

Eles se calaram apreensivos. Temiam o nome de Jesus. A coragem e bondade do doutor Amaro impunham respeito.

— Há um mundo maravilhoso à espera de vocês. Pessoas boas para atendê-los em suas dores. Jesus os aguarda! Abram seus corações para serem libertos dos grilhões da infelicidade que os prendem a este charco. A vida continua após a morte. E ela continua bela e amiga para vocês também. Mantenham serenidade e prece. Agüentem firme os últimos resquícios de dor. Em algumas horas,

estaremos de volta e levaremos conosco todos aqueles que estiverem em sintonia com a ajuda do céu. Perseverem na oração fervorosa!

Seres estranhos e disformes foram se aproximando do local e infligindo castigos aos que ouviam o bondoso emissário, enquanto levantavam o punho ameaçador e imprecavam. O desespero tomou conta de todos, mas a mulher ainda teve força para rogar:

— Filho de Maria, estarei a sua espera.

— Anjo de Deus, cumpra sua promessa — era uma voz masculina que implorava.

— Eu vou aguardar sua volta, anjo de luz — era a voz de outro sofredor.

O doutor Amaro desligou a lanterna. Seu rosto estava triste, mas animado.

— Creio que nossa volta será bem proveitosa, com a graça de Deus. Muitos irmãos que chafurdam na lama serão abençoados com a providência divina, que não desampara. Entrarei em contato com Gaetano, do Pequeno Posto da Paz, para que nos encontre aqui. Precisaremos de ajuda.

Fiquei feliz, pois sabia que era meu pai que viria ao nosso encontro. O doutor Amaro olhou para mim e disse:

— É, Tereza! Seu pai, Gaetano, luta bravamente pela recuperação de muitos.

— Doutor — Marina indagou —, quem são estes seres de aspecto demoníaco a castigar os pobres coitados dentro desta cova enlameada?

— Eles são atraídos pela vibração do ambiente. Primitivos e amorais, são usados por obsessores para punir suas vítimas mesmo no astral. Manipulados por entidades inteligentes e malévolas, não são esquecidos por Deus, entretanto. Existem espíritos elevados que, continuamente, zelam por eles, tentando atraí-los para um viver mais sublime. Prevalece, porém, a lei da afinidade e do respeito ao arbítrio de cada um. Seres de pouca evolução seguem o

que mais lhes agrada. De qualquer maneira, todos serão atraídos para o Criador. Ninguém é olvidado por Ele.

— O que um ser humano pode ter feito para vir a habitar este poço de lama? — Rodrigo estava perplexo.

— Viveram na lama dos sentimentos, dos pensamentos e das emoções enquanto encarnados. Foram atraídos a este charco por sintonia mental, e não por castigo. Deus jamais castiga! Contudo, o aprendizado continua. No futuro, tentarão refazer suas vidas de forma que evitem a recaída neste ambiente — esclareceu o doutor Amaro.

— Eles o chamaram de anjo — era Júlio que se manifestava, demonstrando no rosto a mesma perplexidade de Rodrigo.

— A bondade de Deus faz que vibremos em concordância com os seres que habitam nossa cidade. É uma vibração bem diferenciada da que encontramos aqui no Umbral. Por ignorância ou religiosismo, ao vislumbrar nossa presença, eles julgam estar na presença de anjos. Ledo engano, mas, por enquanto, não há tempo para esclarecê-los.

— Mas o que fizeram? Eram traficantes, policiais corruptos, presidiários, ou o quê? — Rodrigo ainda não conseguia acreditar no que vira.

— Mano — respondeu o doutor Amaro, bem-humorado, mas sem perder a concentração necessária no momento —, por agora só posso garantir que são seres humanos tão normais quanto nós. Mais tarde, veremos que, no astral, não é somente o criminoso comum que resgata suas dívidas. Muitos cidadãos respeitáveis na Terra são bem mais monstruosos do que os marginais conhecidos no plano material.

— É. Pelo menos aqui, não são somente os "mano" da favela que vão para trás das grades — disse Rodrigo.

— A prisão está na mente daqueles que teceram teias fortes que impedem a entrada da luz divina. No plano espiritual, não há divisão social, mas moral — o doutor Amaro olhou preocupado

para os lados. — Deixemos de divagação por ora. Sigamos em prece.



## Feridas escancaradas

O vento rugia, mas não aliviava o pesado ar sufocante. O calor intenso não aquecia. Tudo era contradição naquele inóspito local, mas espíritos como o doutor Amaro perseveravam na ajuda aos que tentaram manipular a Lei quando encarnados. Sofriam, hoje, a justiça que não fora feita na Terra.

— Para merecer tamanho castigo de vir parar aqui, boa coisa não foram — falei de modo inadvertido.

— Não nos cabe condenar. Já estivemos aqui dantes — ele respondeu mansamente.

Envergonhada por pensamentos descaridosos, mergulhei em orações e senti que havia uma identificação espiritual com aquela região. Sim, eu estivera ali antes, sofrendo, esbravejando e chorando na escuridão. Deus me perdoe! Deus nos perdoe ao julgarmos os outros. Bem disse Jesus: "Não julgueis para não serdes julgados".

Elevei meu padrão de pensamento. Expandi o amor devido aos que sofrem. Em paz e buscando a humildade, avancei com os amigos.

Quanto mais adentrávamos aquele pântano de dor e angústia, mais se fazia necessário o equilíbrio por meio da prece. Nossa fortaleza moral residia na confiança plena na onipotência divina.

Os caminhos da Verdade e da vida estavam desviados por atalhos enganosos e temerários na mente dos habitantes daquela região. Muito ainda deveria ser feito para voltar à trilha certa, e, se Jesus nos ajudasse, como estava ajudando, poderíamos dar nossa ínfima parcela de contribuição para que alguns irmãos pudessem sair das vias insidiosas a que se arrastaram.

Paramos de andar. Estávamos no meio do nada. Tudo escuro, deserto, porém cheio de vozes lamentosas e blasfemadoras. O tempo parecia pulsar em nossos ouvidos. Pairava no ar a expectativa de algo terrível. Era a vibração do ambiente que Marina, Rodrigo, Júlio e eu sentíamos. O doutor Amaro, um oásis de paz, com seus olhos bondosos e calmos, inspirava-nos tranqüilidade. Nós quatro tínhamos consciência de que, além da boa vontade em ajudar, éramos alunos em aprimoramento espiritual. Necessitávamos aprender, e ele era o mestre ideal a nos conduzir para um aprendizado difícil, porém engrandecedor.

Somente conhecendo a dor alheia poderemos compreendê-la, e o Umbral escancarava as feridas da mente, do corpo e do espírito de todos os que se afinavam com seu padrão vibratório. Nosso campo de estudo era vasto, mas o de reflexão das próprias mazelas era maior ainda.

O doutor Amaro interrompeu o silêncio:

— Recebemos instruções para aguardar. Em breve, aqueles que devemos ajudar passarão por aqui. Enquanto esperamos, gostaria de abrir a Bíblia, em São Lucas, capítulo 6, versículos 7 a 37.

Abriu o livro e leu:

— "Mas a vós, que ouvis, digo: Amai aos vossos inimigos, fazei bem aos que vos aborrecem. Bendizei os que vos maldizem, e orai pelos que vos caluniam. Ao que ferir numa face, oferece-lhe também a outra; e, ao que te houver tirado a capa, nem a túnica recuses; e dá a qualquer que te pedir; e, ao que tomar o que é teu, não lho tornes a pedir. E, como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira lhes fazei vós também. E, se amardes aos que vos amam, que

recompensa tereis? Também os pecadores amam os que os amam. E, se fizerdes bem aos que vos fazem bem, que recompensa tereis? Também os pecadores fazem o mesmo. E, se emprestardes àqueles de quem esperais tornar a receber, que recompensa tereis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para tornarem a receber outro tanto.

"Amai pois a vossos inimigos, e fazei bem, e emprestai, sem nada esperardes, e será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo; porque Ele é benigno até para com os ingratos e maus. Sede pois misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso.

"Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; soltai, e soltar-vos-ão".

O médico interrompeu a leitura daquele lindo trecho do Sermão da Montanha e convidou-nos à reflexão.



## **O perdão redentor**

Ouvimos vozes. Um grupo de rapazes aproximava-se. Eram quatro garotos com cara de assustados, mas preparados para atacar caso fosse necessário. Estancaram, ameaçadores, a uma certa distância.

— Quem são vocês? — gritou um dos sofredores.

— Irmãos — respondeu o doutor Amaro.

— "Não tira de nossa cara!" A coisa pode sobrar pra vocês — respondeu com palavreado bem característico, tentando amedrontar-nos.

— Nós "num" tem irmão por aqui — falou o outro.

— Qual é, mano? — era Rodrigo, lembrando a forma de linguagem usada onde residia antes de desencarnar. — Nós "tamos" aqui pra colaborar. Nós "é" *brother* de verdade. Pode acreditar!

Diante da comunicação verbal semelhante, o grupo fez-se menos ameaçador. Com um olhar, o doutor Amaro incentivou Rodrigo a continuar.

— Nós queremos ajudar vocês. Colaborar, entendeu?

— Aqui "num" tem ninguém precisando de ajuda, não! — respondeu o chefe.

— "Peraí"! — gritou um deles. — Você sabe dizer onde nós estamos?

— Sei! — respondeu Rodrigo, o ex-favelado, cuja vida fora tolhida por uma bala perdida.

— Tem uns "cara" aí falando que a gente já era. Que os "cana" metralharam nosso corpo e que... nós "tamos tudo morto" — ele falou, com medo de ouvir a verdade.

— Eu vou apresentar para vocês o doutor Amaro. Ele é gente boa. Pode explicar melhor — disse Rodrigo.

Os quatro foram se aproximando devagar.

— O homem aí é médico, é?

— É! — respondeu Rodrigo.

Ao chegarem perto, vi que eram quase crianças. Deviam ter cerca de 15 anos cada um. Senti piedade por aquelas crianças desgarradas. Lembrei, entretanto, que o espírito não tem idade, e, se eles ali se encontravam, era porque havia alguma identificação vibracional, uma atração energética, além do que eles não estavam esquecidos. Nós estávamos ali para oferecer mão amiga, com a permissão amorosa de Jesus.

— Eu levei uma bala aqui no peito que não pára de sangrar. Será que o médico aí pode fazer alguma coisa? — falou um deles.

Era óbvio que aquele ferimento havia motivado o desencarne do adolescente.

— Aproxime-se, garoto! — respondeu o doutor Amaro. — Meu colega Júlio também é médico. Ele irá providenciar um curativo.

Júlio, pego de surpresa, reagiu imediatamente para desincumbir bem a tarefa. Ao chegar perto do garoto, estremeceu... Era o assaltante que havia tirado sua vida. Olhou para o doutor Amaro, que, ainda com a Bíblia na mão, apontou para ela, fazendo-o lembrar a palavra do Messias, lida minutos antes.

Júlio demonstrava estar em luta íntima. Tinha sido fácil perdoar enquanto o assassino de seu corpo era apenas uma imagem, mas agora o menino estava à sua frente, aguardando ser curado por ele e sem reconhecê-lo. Era um momento crucial para o jovem médico.

As lágrimas escorriam de seus olhos. Toda a sua vida, cheia de alegrias e carinho na Terra e que havia sido tolhida por aquele moleque, passava diante de seus olhos. O sofrimento de sua mãe, o desconsolo de seu pai, o desespero da namorada após seu desencarne tinham um único responsável, concluía erradamente. Era aquele pivete à sua frente.

Diante da indecisão de Júlio, o menino manifestou-se:

— E aí, doutor, vai ficar me encarando?

O doutor Amaro, com o olhar, convidou-nos a orar em pensamento. Fervorosamente, obedecemos.

— Qual é, mano? — insistia o menino. — Vai fazer o que o outro doutor mandou ou não?

Júlio, diante de seu assassino, travava uma luta íntima. Perdoar ou vingar-se do inimigo?

— Se liga, doutorzinho! "Tá" me encarando muito! — o menino levantou os olhos e topou com os olhos angustiados de Júlio. — Ei, eu te conheço! Eu te conheço! Eu apaguei você! Qual é, cara?! Você

"tá" morto! Eu te enfiei a faca umas dez vezes! Você é um defunto!  
— o garoto estava aterrorizado.

Os outros três foram se afastando devagar, tremendo de medo. Nós permanecemos em oração. O ferimento das facadas no corpo de Júlio começaram a sangrar novamente. Percebi que o rancor estava quase o vencendo.

Vítima e algoz encaravam-se. Estavam paralisados. Suas auras começaram a se enlaçar, caracterizando a prisão energética por meio do ódio recíproco. Nesse momento decisivo, o doutor Amaro elevou a voz a Jesus:

— Cordeiro de Deus, amado e generoso Mestre, fortaleça os sentimentos de nosso Júlio nesta hora extrema. Que as palavras da Bíblia repercutam em seu coração, que vem tentando honestamente perdoar quem o vitimou. Jesus Cristo, nosso Irmão maior, acolha também o pobre malfeitor, cujos sentimentos embotados ainda permanecem cegos à luz da bondade.

Nesse instante, a imagem da Bíblia Sagrada fez-se visível aos olhos de Júlio, e ele leu com a mente o que estava escrito: "Amai aos vossos inimigos. Soltai, e soltar-vos-ão".

O verdadeiro perdão brotou no coração de Júlio. Sua luz voltou a brilhar, os ferimentos das facadas pararam de sangrar, os laços pegajosos do ódio foram desfeitos. Ele estava livre da mágoa, da dor e, principalmente, do algoz, que parecia atônito e cuja compreensão não captava a importância sublime do momento.

— A morte não existe — disse Júlio, tentando acalmar o menino e providenciando o curativo para a ferida de seu peito. — Estamos todos vivos.

— Mas não é possível! Eu matei você.

— Você tirou a vida de meu corpo, e não de minha alma imortal, doada por Deus — argumentou Júlio.

— E eu? — perguntou o menino.

— Está na mesma condição que eu: uma alma imortal. O menino começou a chorar. Seus amigos reagiram illogicamente, gritando:

— Ele "tava" morto, e a gente não sabia. Vamos embora! E, aos berros, saíram correndo, sem ter oportunidade de conversa esclarecedora e sem atinar para a própria realidade de suas condições.

— Aquele policial desgraçado me matou, mas eu me vingando dele — reagiu com raiva o menino.

— Escute — ponderou racionalmente Júlio —, você, com bem menos razão que o policial, também me matou, e agora estou aqui sem ódio, sem desejo de vingança, tentando estancar o sangue de seu peito. Não pense que é fácil para mim tudo isso. Não é! Eu não sou nenhum exemplo a ser seguido. Não sou um ser elevado, mas estou tentando seguir as palavras de Jesus. Foi duro demais perdoar você. Eu era feliz. Tinha uma família que me amava, e você destruiu tudo isso sem nem saber quem eu era. Dei-lhe todo o dinheiro que tinha no bolso, e você não teve piedade de mim. Doeu muito minha morte. Há pouco, tive você em minhas mãos. Minha vontade era destruí-lo, e poderia ter feito isso, mas a palavra de Jesus foi maior que meu ódio. Eu não morri. Nós dois não morremos. Nossa vida continua e continuará para sempre. Depende somente de mim e de você perseverar no engano da vida que perece, a carnal, ou na vida que permanece, a do espírito. Por isso eu lhe peço... Não! Eu lhe rogo: por favor, não persiga o pobre policial que, na função difícil em que atua, tirou sua vida num tiroteio onde não havia inocentes. Não se vingue!

— Mas o que é que eu faço? — perguntou, atarantado, o menor. — Você tem seus amigos aí, "tudo" grã-fino, de roupa bacana, e aquele doutorzão ali "tá" tão cheio de luz que nem dá para enxergar "ele" direito. Eu não tenho ninguém. Não quero voltar pro abrigo de menor lá de São Paulo. O que é que eu faço? Pra onde eu vou? Tudo bem, nem quero mais me vingar do "cana" que atirou em mim. Vou atender ao seu pedido, já que você, que podia ter se vingado de mim, que "tava" na sua mão, não se vingou. Mas o que é que eu faço?

Se o palavreado do menino era recheado de imperfeições gramaticais, seus sentimentos eram verdadeiros e sinceros.

— Fique comigo, e você irá para um hospital, onde eles cuidarão melhor de seu ferimento — falou Júlio.

— Não vão me mandar pra trás das grades depois? — perguntou, demonstrando parca compreensão da Espiritualidade.

— Não. Eu garanto. Jesus também está do seu lado e Ele é o Senhor da liberdade — Júlio respondeu carinhosamente.

Nesse instante, chegou até nós uma equipe do Pequeno Posto da Paz, onde meu pai era um dos trabalhadores. Concluí que o doutor Amaro já os havia chamado. Fiquei feliz em ver meu genitor, que me cumprimentou somente com seu olhar amoroso, enquanto fazia preparativos urgentes para o transporte do menino.

— Eles irão levá-lo para refazimento de suas forças — informou Júlio.

— Não me abandone! — suplicou o garoto, agora com o semblante transformado por lágrimas redentoras. — Por favor, não me abandone! Eu te peço perdão e, se pudesse, te daria minha vida, mas não me abandone! Estou com medo. Ninguém nunca se importou comigo como você se importa. Eu não quero ir sem você. Tenho medo. Eles vão castigar os crimes que cometi, mas eu só matei você, mais ninguém. Você tem de falar para eles que me perdoou e que não vai se vingar.

— Ninguém vai punir você. Eles vão tratá-lo com carinho. São servos de Deus.

O menino, amedrontado, deixava transparecer sua fragilidade. Era apenas uma criança desgarrada. Não cabia a nós nenhum julgamento pelos maus atos praticados em sua curta permanência na Terra.

— Moço — prosseguiu ele, agarrado a Júlio —, não sei quem foi meu pai e não conheci minha mãe. Sempre quis ser tratado por alguém como você me tratou. É a primeira vez que alguém deseja fazer uma coisa boa para mim. Justo você! Aquele que mais teve

motivo de me odiar é que mostra, pela primeira vez em minha vida, um pouco de carinho. Não me abandone!

Júlio olhou para o doutor Amaro.

— Ele pode acompanhar o garoto, Gaetano?

— É claro! *Compiacerê*. — meu pai respondeu, solícito.

Júlio, abraçado àquele que o vitimou, seguiu com a equipe para o Pequeno Posto da Paz. Marina, Rodrigo e eu choramos de emoção.

— Como Júlio foi grandioso! — comentou Marina.

— O mal foi desfeito, e hoje surge uma grande amizade, sólida e permanente, entre os dois, que há séculos guerreavam inutilmente — explicou o doutor Amaro.

— Então, eles já se conheciam? — indagou, surpresa, Marina.

— Apenas se cruzaram em combates, em meio a tantas guerras provocadas pelo homem. Eram atraídos para o embate, aniquilando um ao outro de forma tola em nome de alguma ideologia ou pátria. Havia necessidade de entendimento entre ambos. Agora, nesta guerra social que nosso Brasil, infelizmente, atravessa, eles, por intermédio de Júlio, que já trilha os primeiros passos de compreensão da Verdade, conseguiram sublimar o ódio e a vingança desnecessários. Por outro lado, havia um pedido de ajuda pelo policial que permanece na Terra e nem sequer tem idéia de que, durante o tiroteio, foi a bala de seu revólver que tolheu a vida do menor.

— O policial é culpado pela morte do garoto? Vai pagar por isso? — inquiriu Marina.

— A profissão de policial, infelizmente, ainda é indispensável na Terra. Nestas circunstâncias, resta esclarecer a intenção e os sentimentos do profissional. Neste caso específico, não temos como avaliar, mas, como não nos cabe julgar ninguém e se o pedido de ajuda a seu favor foi atendido, é porque teve merecimento. Entretanto, a vida de qualquer ser humano só pertence ao Criador, e somente Ele concede o tempo certo de sua permanência na Terra. Assim, quem interrompe esse fluxo vital deverá responder perante

o tribunal da própria consciência por essa interrupção. Mas a medida de culpabilidade dependerá, como disse, de vários fatores mentais e emocionais, além das circunstâncias em que o ocorrido se deu. O ódio é bem diferente do dever de combate a marginais na Terra. Este menino, por misericórdia divina, voltou para o plano espiritual antes que cometesse mais crimes, pois ele enveredava, após o assassinato irresponsável de Júlio, para uma vida de desregramento e turbulência emocional. Se não fosse retirado a tempo do orbe terrestre, alguns inocentes poderiam sofrer sua fúria. Durante o embate com os policiais, recebeu a bala redentora que havia pedido antes de encarnar, caso sua queda fosse iminente.

— E se Júlio não o perdoasse? — eu perguntei.

— Ambos iriam falir espiritualmente, e Júlio, por ser mais esclarecido e adiantado, sofreria o pior impacto, mas nós estávamos confiantes no equilíbrio do jovem médico e em sua vitória.

— Graças a Deus! — finalizou Rodrigo.



## **O homem no casulo**

Avançamos em meio à escuridão do Umbral. Suávamos frio. Mesmo a paz refletida no rosto do nosso amado médico não escondia sua palidez. A energia pesada e difícil acometia a todos.

Marina e eu seguíamos de mãos dadas, apoiando-nos mutuamente. De repente, ecoou em nossos ouvidos uma voz estentórica:

— Marina! — chamava.

A ex-atriz apertou minha mão, amedrontada.

— Doutor Amaro — ela chamou baixinho.

— Acalme-se, filha — ele lhe disse. — Está tudo bem. Controle-se e poderá ajudar muito. Mantenha-se em oração.

Suas palavras foram um bálsamo, pois eu mesma quase me apavorei. A voz continuava a clamar por Marina.

— Posso responder? — ela perguntou, depois de uma breve oração.

Com a concordância do médico, redarguiu:

— Quem me chama?

— Marina Soares! É você mesma?

— Sim, sou eu.

— A atriz?

— Sou eu. O que você quer? — ela insistiu.

Não dá para repetir o que aquela voz disse. Desejos sexuais e fantasias pérfidas jorraram. Porém, antes de se estender por mais tempo, Marina, corajosamente, interrompeu:

— Meu irmão, não percebe as condições em que se encontra? Não tem por mim um pouco de respeito nesta situação deprimente em que ora estaciona? Por que fantasia tantas obscenidades comigo, se fui apenas uma pessoa que trabalhei, e muito, pelo meu sustento na Terra? Não teria sido minha profissão tão digna quanto a sua? E se acaso Deus concluir que tenho culpa de suas projeções vis no campo sexual, eu, que não tenho certeza de tê-lo conhecido pessoalmente na Terra, lhe peço humildemente perdão.

Diante da postura digna de Marina, a voz calou-se. O doutor Amaro conduziu-nos em direção a um local cujo chão parecia ser feito de gosma aderente. O que vimos quase me fez recuar. A figura do homem que jazia preso ao chão era deformada, quase inumana. Ao ver nos aproximarmos, reagiu:

— Vão embora! — sua voz não causava mais medo, mas comoção.

— Saia daqui, Marina! Isto não é lugar para uma artista famosa.

— Não sou mais uma artista famosa. Agora sou apenas uma serva de Jesus — ela respondeu.

— Virou crente? — ele perguntou com sarcasmo.

— Crentes em Deus, todos somos.

— O que você faz aqui?

— Talvez Jesus me tenha enviado para encontrar você

— amparada espiritualmente pelo doutor Amaro, Marina estava confiante e amorosa. — Acaso não deseja sair do local em que se encontra?

— Mas e as baixarias que eu falei para você há pouco?

— ele perguntou.

— Já esqueci. Você não me conhecia de fato. Somente acalentava uma imagem distorcida de minha pessoa.

— A verdade é que, desde que fui arremetido a este hospício nojento, minha alegria é pensar em você. Estou tão apegado a seu semblante, mas ao mesmo tempo tão confuso, que já nem sei se você é real ou mais uma ilusão. Enfim, por que uma artista viria salvar-me?

— Como eu já disse, sou apenas uma serva de Deus. Dê-me sua mão — Marina estendeu a destra em direção àquele ser disforme.

Ele recuou.

— Não tenha medo! Venha conosco — reiterou ela.

— Deixe-me aqui, Marina. Eu estou acostumado neste antro de loucos. Aqui é um hospício, não é? Minha família internou-me aqui, não foi? Aqueles miseráveis!

— Não tem idéia da transformação que sofreu? — Marina perguntou.

— É, eu sempre andei bem-arrumado e, agora, estou vestindo trapos. Foi minha família que roubou meu dinheiro. Meu dinheiro, minhas roupas elegantes, minhas bebidas finas... E as mulheres, onde estão?

Não precisava avaliar muito para concluir o egoísmo e a falta de fé de nosso amigo sofredor.

— Quer vir conosco ou não? — insistiu Marina. — Você precisa saber o que, de fato, ocorreu consigo. Nós o ajudaremos a

compreender sua transformação e o mundo novo em que se encontra.

— Quanto você vai cobrar-me? — ele inquiriu, demonstrando a materialidade que ainda o acompanhava.

— Somente sua fé em Jesus.

O moço ficou calado, reagindo à vibração daquele nome e das lembranças que Ele evoca.

— Eu não havia pensado Nele — falou. — Marina, você acredita realmente que Ele exista?

— Tenho certeza!

— Eu não posso ir, eu não posso ir! — o rapaz, agora, gritava em descontrole. — O que Ele quer de mim? Acusar-me? Condenar-me? É isso que Ele quer! Saia daqui! Eu não quero nada com Ele! Vá embora!

Novamente, aquele ser ofendeu Marina com palavras de baixo calão. Esbravejava e xingava a ela e a Jesus. Notava-se que escondia por trás daquela atitude disparatada um grande remorso. A atriz refugiou-se no abraço amigo do doutor Amaro.

— Cale-se, Gustavo! — falou firme e bondosamente o doutor Amaro, e o rapaz, pego de surpresa, ficou quieto. — Jesus já o perdoou. Basta seu arrependimento para que possa sair desse sofrimento em que se encontra.

— O que você sabe? — perguntou ele amedrontado, mas agressivo.

— É mentira! É tudo mentira! Você não sabe nada! Eu nunca persegui Marina Soares. Nunca!

— Encare a verdade e seja humilde em pedir perdão a quem você tanto fez sofrer às escondidas. Seu espírito anseia em ser perdoado. Sua mente e seu coração queimam sob o fogo do remorso. Asserene seus pensamentos, não dê guarida ao orgulho e conseguirá vir conosco. Do contrário, permanecerá unido a essa gosma pegajosa que o prende ao chão, paralisando seus impulsos de evolução.

Estávamos todos surpresos pela revelação do doutor Amaro. Marina, em voz baixa, disse:

— Eu não lembro dele. Como me pode ter prejudicado?

Gustavo murmurava palavras sem sentido, mas repletas de palavrões. O doutor Amaro prosseguiu:

— O tempo urge, Gustavo. Venha conosco. Sua mãe anseia muito por esse reencontro. Foi devido às preces dela que estamos aqui.

Gustavo ficou em silêncio, reagindo à lembrança da mãe.

— Você está louco! — ele disse, mais calmo e tentando evitar a verdade. — Minha mãe já morreu.

O doutor Amaro calou-se para que ele refletisse sobre sua condição. Muitos espíritos tentam fugir da realidade do após-morte. Fogem tanto que não admitem o fato de terem desencarnado. Apego à matéria, medo de encarar a verdade íntima e muito remorso embotam seus pensamentos.

Aproveitando a pausa, Marina aproximou-se do médico:

— Doutor, eu não sei quem ele é. Como me pode ter prejudicado?

O doutor Amaro revelou o sobrenome de Gustavo e sua condição de dirigente de uma determinada empresa voltada à arte. Ele era famoso na Terra. Marina chorou, pois teve a constatação daquilo que desconfiava enquanto estava viva: aquele homem boicotava seus trabalhos, chegando ao cúmulo de ameaçar quem quisesse contratá-la, impedindo-a de ganhar sua vida honestamente.

Ela, porém, não sucumbiu a seus caprichos e voltou à pátria espiritual vencedora, enquanto ele, tão altivo e orgulhoso outrora, agora necessitava de seu perdão.

— Gustavo — ela o chamou —, eu sei quem você é e o perdão.

O rapaz ia começar a xingá-la, mas ela o interrompeu:

— Será que mereço suas palavras baixas? Aja com dignidade, homem! Onde está sua fortaleza? Sua vida de orgias e calúnias ficou para trás e não volta mais. Hoje, eu estou aqui e, em nome de Jesus, o perdão de todo o coração, como lhe peço perdão por ter despertado seus anseios depravados. Ande, levante-se daí e siga conosco! Não ouviu o doutor Amaro? Sua mãe o espera! Não tema a morte, pois ela não existe. Onde está o seu brio? Levante-se e siga

conosco para um novo recomeço. Não hesite! Não deixe escapar esta oportunidade de ajuda!

— Ser ajudado justo por você, Marina Soarez — disse ele, com desprezo.

— É o que lhe resta neste instante: minha ajuda. Certamente, fugiria de sua mãe caso se deparasse com ela neste estado. Ela deve ter muito merecimento para que fosse dada a mim, uma mulher tão insignificante, a oportunidade de ajudar seu filho e, principalmente, de ajudar a mim mesma, pois só agora percebo como foi inútil a mágoa que cultivei por você durante todos os anos em que estive encarnada.

Admirei Marina naquele momento. Firme e bondosa, perdoava aquele que roubou seu trabalho e malbaratou sua carreira profissional na Terra. Gustavo tinha feito isso a muitas outras pessoas, tanto mulheres quanto homens. Havia dificultado muitas vidas, interrompido tantas outras. Quantas famílias ficaram sem sustento devido a suas decisões baseadas em abuso de poder! Quantas mulheres e quantos rapazes decaíram sexualmente após serem usados por seus instintos torpes e baixos. Agora, na pátria espiritual, se agarrava ao nada, à lama pegajosa, que, não sendo prisão para ninguém, servia de cadeia para ele, abandonado e esquecido por quase todos, inclusive por suas vítimas. Na solidão, sofria o que supunha ser a máxima humilhação: receber a ajuda de Marina.

— Qual a diferença entre aquele garoto assassino de Júlio e Gustavo, que também foi um usurpador da vida alheia? Não podemos considerá-lo outro marginal? — ponderei sem muita piedade.

— Tereza, a marginalidade não depende do grau de instrução ou social. Vários representantes da elite aportam aqui muito mais necessitados do que um menor infrator. Quanto mais poder e riqueza, mais a queda se faz estrondosa. A Lei Divina, entretanto, diferentemente da terrestre, é igual para todos. Não há privilégio no

mundo espiritual. De Deus, não podemos esconder nossos pensamentos, nem os mais secretos, todos sabemos disso. Após o desenlace, muitos que, na surdina, destruíram a vida alheia, ao se defrontar com a própria consciência, tentam fugir, esconder os maus atos, e, por isso, buscam a escuridão, na vã tentativa de não serem vistos por Ele. Esforço inútil! A centelha divina não se desaloja de nosso inconsciente, mesmo daqueles cuja queda não podemos avaliar. Essa centelha, indicadora de nosso grandioso destino, serve como agulhão quando não estamos no rumo certo. Sofremos na ignorância de nosso radioso porvir. O estacionamento no Umbral é apenas uma pausa enquanto não se tem força para encarar a realidade espiritual. A luz, às vezes, enceguece, e, por essa razão, Deus permite que usemos os óculos escuros de nossa inferioridade, por uns tempos, até nos acostumarmos com a claridade.

Calou-se o glorioso médico, que resplandecia feito um facho de luz. Não ousei fazer mais perguntas, pois ele entrava em oração. Busquei pensamentos mais elevados e menos acusativos. Afinal, já aprendera que não devemos julgar. Se hoje ajudamos, ontem fomos ajudados, e o futuro ninguém sabe.

— Eu vou! — falou Gustavo decidido. — Não agüento mais. Qualquer lugar é melhor do que aqui. Desculpe, Marina, por tudo o que fiz. Não me queira mal. Ajude-me.

Gustavo tentava livrar-se dos laços pegajosos que ele mesmo produzira, com seus atos envolventes e escusos no plano material, e que agora eram seu ninho. Lembrei um ditado popular muito antigo: "Fez a cama para se deitar".

Debalde os esforços de Gustavo, Marina estendeu-lhe a mão:

— Segure! — ela pediu.

Ele segurou e conseguiu, com muito esforço, mas principalmente com a interferência do doutor Amaro, sair daquilo que agora parecia um casulo. Expressão dementada e

deformada, lembrava, de fato, uma larva gigante com formato humano. Afastei esses pensamentos repulsivos e tentei ajudá-lo. Gustavo, ao ver a mim e Rodrigo, ironizou:

— Bela comitiva a minha!

Mas, em seguida, ele vislumbrou o rosto do doutor Amaro. Surpreso e temeroso, escondeu-se por trás de Marina.

— Quem é esse cujos olhos soltam faíscas de luz? Será um anjo vingador?

— Não — respondeu, com naturalidade, Marina. — É apenas o doutor Amaro. Não o tema. Ele está aqui para nos ajudar.

— Como vai, doutor? — cumprimentou com polidez, mas ainda assustado, tentando vencer o receio.

— Estamos bem, Gustavo. Graças a Deus! Seguimos até um determinado local, onde os amigos do Pequeno Posto da Paz vieram buscar Gustavo para os primeiros-socorros. Depois, com meu pai, voltamos para o poço do desespero.



## Últimos resgates

De mãos dadas com meu querido pai, voltei, com o doutor Amaro, Marina, Rodrigo e mais dois irmãos abnegados que trabalhavam no Pequeno Posto da Paz, para atender aquela mulher que tanto havia implorado por socorro.

Na borda daquele fosso, onde jaziam em sofrimento muitos espíritos infelizes, nosso amado médico ligou a lanterna. O alarido

era terrível e, enquanto alguns fugiam contrariados com a luminosidade, outros imprecavam, brandindo o punho em nossa direção. Entretanto, a mulher lá estava, ajoelhada e em prantos.

— Anjo do Senhor, vinde a mim e salva-me! — ela bradava.

Apenas seis espíritos estavam a seu lado, em condições lamentáveis, mas demonstrando grande esperança no rosto.

— Ouçam todos! — o doutor Amaro falava àquela turba. — Jesus permitiu nossa vinda até aqui para que tivessem alívio. Todos os que quiserem seguir conosco serão aliviados e obterão ajuda e esclarecimento em um plano mais elevado.

A reação não foi simpática. Alguns homens faziam perguntas obscenas, outros riam abestalhados. Mas o grupinho desejoso de amparo aumentou um pouco. Um homem de terno em farrapos destacou-se:

— Quero sair deste lodo, mas meu esforço é inútil. Todas as vezes que penso conseguir vejo grades impossibilitando minha saída. Grades de lama, e, contudo, não posso vencê-las. Senhor, ajude-me a sair! Sou rico e saberei recompensá-lo. Acredito que fui seqüestrado, e meus familiares esqueceram de mim ou se recusam a pagar meu resgate. Quero ir até eles para puni-los por esse descaso. Ajude-me! Eu exijo! Tire-me daqui! Não, não, não, eu não exijo, eu peço: pelo amor de Deus, tire-me daqui! Tenho pensado em minha falecida mãe ultimamente...

Não conseguiu continuar e rompeu em prantos. Notava-se a modificação interior dele, além das orações intercessivas de sua genitora, que, certamente, o aguardava na Espiritualidade Superior. Papai e os dois homens que o acompanhavam desceram até eles. Eu, que nunca fui de recusar trabalho pesado, apoiada pela fé e incentivada pela atitude de meu pai, desci junto. No meio do caminho íngreme, olhei para o doutor Amaro, pois não sabia se estava agindo certo. O semblante do médico, em prece, parecia aprovar minha atitude. Notei que Marina estava concentrada e

mantinha o equilíbrio necessário ao ambiente. Rodrigo posicionara-se de forma que pudesse ajudar no resgate daqueles seres sofridos. Enquanto ajudávamos um a um a sair daquele local asqueroso e triste, meus pensamentos eram todos dirigidos a Jesus. Quanta bondade por parte Daquele que veio ao mundo para nos orientar no caminho da justiça e do amor! Ninguém ali era inocente, porém todos eram merecedores de ajuda e de novas oportunidades. Nenhuma ovelha se extravai no rebanho do Bom Pastor.

O que mais me emocionava era o olhar aliviado que percebia no rosto dos que decidiram voltar à trilha do Senhor. Um deles me olhou e, esperançoso, pediu com voz pastosa:

— Relembre-me o *Pai-Nosso*, pois eu o esqueci. Principiei a maravilhosa oração ensinada há séculos pelo Cristo:

— "Pai Nosso, que estais no céu..."

Muitos acompanharam, favorecendo o clima positivo sustentado pelo doutor Amaro, que resplandecia em meio à escuridão reinante. Após a retirada do último sofredor, meu pai, os dois ajudantes e eu saímos e nos postamos ao lado do doutor Amaro. Ao todo, recolhemos dezesseis espíritos daquele antro de dores. Os restantes se recusavam a sair ou tentavam atacar-nos, sem sucesso. O doutor Amaro rompeu o silêncio:

— Irmãos, ainda há tempo para tomarem a decisão de sair deste vale de lágrimas. Venham conosco! Todos os que nos acompanharem serão tratados como filhos de Deus e terão uma nova vida. Coragem! Basta querer e seguirão conosco.

O que ouvimos em resposta não dá para transcrever. O médico apagou a lanterna, e, pela primeira vez, vi lágrimas em seus olhos. Respeitei sua dor e nada perguntei. Porém, quando ele olhou para os dezesseis que haviam sido salvos, seu rosto transmudou, e ele, aliviado, proferiu:

— Graças a Deus!

Partimos dali e, durante o trajeto até o Pequeno Posto da Paz, seguimos em preces necessárias ao equilíbrio de todos. Orávamos em voz alta, e isso impedia a aproximação de malfeitores ou baderneiros.

Quando chegamos àquele posto aconchegante, uma sopa quente aguardava-nos. Somente o médico dispensou o alimento. Júlio também lá se encontrava em afazeres para a caminhada até o Casarão da Esperança, onde todos os sofredores seriam atendidos.

A estada foi rápida, mas revitalizadora. Antes de partir, abracei meu pai.

— *Figlia mia, io ti voglio tanto bene*— ele me declarou.

Seus olhinhos azuis estavam molhados. Ele me convidou a conhecer a cozinheira. Sem entender o motivo, fui até ela. Levei um susto quando a vi.

— Não tema, menina! Seu pai e eu nos perdoamos mutuamente e agora serviremos a Deus, unidos pela necessidade de evolução e de esquecimento do ódio desnecessário que provocou tantas mazelas em nossas vidas.

Abracei a antiga inimiga de meu pai. Os dois, no passado, tinham se envolvido em querelas carregadas de mesquinhas e muito rancor. Agora, reconciliados na Espiritualidade, trabalhavam juntos em um ambiente difícil, mas pleno de amor.

Saí dali feliz e cheia de esperanças. Fomos em direção ao casarão amigo. Seguimos cantando louvores.



## Deus jamais nos abandona

Ao chegarmos ao Casarão da Esperança, Irmã Serena, Heitor e Maria aguardavam-nos na porta. Enfermeiros atenciosos organizaram-se no atendimento aos necessitados que estavam conosco. Alguns desfaleciam depois da brava jornada empreendida. Um pouco adiante, vi pessoas, a maioria mulheres, à espera de seus entes queridos que haviam sido resgatados.

— Tomei a liberdade de avisar os familiares deles — falou Irmã Serena.

O que mais se ouvia era a exclamação:

— Meu filho! Graças a Deus!

Eram mães que ali estavam para receber seus filhos e filhas queridos.

Um pouco mais tarde, fui até o jardim onde havia estado com minha mãe. Relembrei, saudosa, de seu rosto lindo e cheio de amor por mim.

— Mãe, eu a amo! — disse.

Senti que ela recebia minha demonstração de amor. Minha irmã Maria aproximou-se:

— Sabe, Terê, eu não fui mãe na Terra, mas hoje sinto que a maternidade bem vivida é um ensaio do amor de Deus. A verdadeira mãe nunca esquece seus filhos.

Lembrei os meus e sorri. Ao longe, avistei Álvaro, meu irmão, vindo em nossa direção.

—Terezinha — ele disse —, você seguirá comigo amanhã para aprender a se corresponder com a Terra.

— Como? — eu perguntei.

—Soube agora que você obteve permissão para relatar sua experiência no plano espiritual a seus filhos e recebi o feliz encargo de ajudá-la.

Impossível definir a alegria que senti. Voltei à enfermaria onde trabalhei pela primeira vez no plano espiritual. Olhei para as camas cheias de seres que gemiam em padecimento. Meu coração não se entristeceu. Arregacei as mangas e parti para servir com alegria. Afinal, aprendera que Deus, como uma mãe amorosa, jamais esquece nem deixa para trás seus filhos. Nem mesmo o mais rebelde está abandonado por Ele.

Com prazer, tentei dar o que havia recebido Dele em todas as minhas existências: amor.

*Fim*